

Moça Siphriano

30 DIAS

Um diário das experiências
sexuais de Jagger



MOASIPRIANO.COM



30 DIAS

Um diário das experiências sexuais de Jagger

Moa Sipriano



www.moasipriano.com

Design da Capa & Editoração

Moa Sipriano

Imagem da Capa & Tipografia

pixabay.com

dafont.com

Todos os direitos reservados a

Moa Sipriano

Site oficial & Contato

moasipriano.com

escritor@moasipriano.com

Índice

- 05** Tudo pronto. Curitiba. Férias...
- 07** Acordei agora. Jundiaí. Chegada...
- 10** Na cama. Jundiaí. Sala de bate-papo...
- 14** Meu quarto. Jundiaí. Sexo no Centro...
- 20** Exausto. Jundiaí. Sexo sagrado...
- 24** Duas rodas. Jundiaí. Linha férrea...
- 29** Maluco. Jundiaí. Ruínas...
- 38** Convalescendo. Jundiaí. O beijo...
- 41** Dopado. Jundiaí. Dark Room...
- 47** Divertido. Jundiaí. Terminal Rodoviário...
- 51** Tremendo. Jundiaí. Bandeirantes...
- 56** Surpreso. Jundiaí. Serra do Japi...
- 60** No limite. Jundiaí. Pontes tortas...
- 66** Chapado. Jundiaí. Caxambu...
- 70** Violento. Jundiaí. Caxambu II...
- 73** Atrevido. Jundiaí. Bahthêsão...
- 76** Ansioso. Ilha Comprida. Primeiro passo...
- 78** Afogado. Ilha Comprida. Balneário Atlântico...
- 81** Sozinho. Ilha Comprida. Boqueirão...
- 84** Alucinado. Ilha maldita. Mulher-macho...
- 89** Selvageria. Ilha insana. Animais famintos...
- 94** Paz. Ilha celeste. Carinho nas areias...
- 98** Bêbado. Ilha fofa. Festa na Mofada...
- 102** Desorientado. Comprida ilha. Rápido e rasteiro...
- 107** Realizado. Ilha imensa. Altos e baixos...
- 111** Liquidado. Ilha triste. A Morte pede carona...
- 117** Desnorteado. Ilh.... Sexo, drogas e Mick Jagger...
- 122** Mortificado. Ilha agri-doce. Festa de despedidas...
- 127** Esperançoso. Ilha da fantasia. Fã sulista...
- 133** Depressivo. Terra bosteada. O dono da ilha...
- 137** Vingativo. Jundiaí. Na cama com Barriga...
- 142** Embasbacado. Curitiba. Bônus...
- 146** Eis o resumo da minha Ópera-bufa...
- 149** Curiosidades...
- 150** Sobre o Autor

Tudo pronto. Curitiba. Férias...

24.07.2005.10.32 – *Vamos lá!*

Levei duas semanas para assumir a Decisão.

Fique tranquilo. Não vou te enrolar.

A questão é muito simples: eu resolvi abraçar todas as minhas fantasias homoeróticas num ritmo vertiginoso. Vou praticar diante da fuça da Realidade tudo aquilo que você não demonstra coragem suficiente para realizar fora do seu mundinho sem reboco.

Sim. É isso mesmo. Assumo que “Radical”, agora, será o meu Primeiro Nome na guerra. Vou me deixar consumir no ventre viril do sexo pelo sexo durante exatos trinta dias, besuntado em tresloucantes suores e salivas e essências de qualquer qualidade de macho que se atrever a riscar meus caminhos.

* * *

Jäger: é o meu real sobrenome.

Sou nascido e criado em Curitiba. Tenho vinte e oito. Ganho a vida planejando viagens criativas no ramo do Turismo Ecológico para pequenos grupos de novos-ricos deslumbrados, patéticos, isentos de Vidas.

Estou em férias. Um tempo só para mim-eu-mesmo.

Trinta e poucos dias de merecido descanso.

Para que meu plano dê certo, pretendo passar parte da minha liberdade hospedado na casa de parentes, lá no interior de São Paulo. Chego amanhã ao meu provisório destino de cores insossas e texturas ancestrais.

Retornando ao sentido da Revelação, digamos que eu vou *emprestar* meu corpo físico para os meus instintos mais baixos, elevados, selvagens, ingênuos... pouco importa.

Tudo o que almejo nos próximos dias é sentir no rabo, na pica e na alma as variantes inacreditáveis do sexo sem compromisso, desprovido de sentimentos e firulas politicamente aceitas como “ideais”.

Sou um cara descompromissado. No que se refere aos assuntos do coração, há seis anos estou sozinho e isolado por vontade própria. Em se tratando

da boa fodaria, sempre realizei tudo aquilo que o parceiro do momento desejava. No sexo e na vida, sou obrigado a confessar minha submissão extrema. Porém, no devido presente, decidi que quem deve assumir todas as regras de um jogo de interesses íntimos sou eu.

Acredite: enquanto reviso a amadora linguagem do meu primeiro *post*, eu pressinto sua angústia aí do outro lado. Cerro meus olhos e vejo o tremular dos seus lábios e pregas piscantes. Tá na cara que você questiona qual seria o real motivo que me levou a essa hedionda entrega aos prazeres incertos do sexo inseguro.

Quer saber a verdade? Não há uma explicação lógica.

Simplesmente eu tenho que realizar o que me vier às cabeças e relatar ao *seu* mundo o que acontecerá comigo na intimidade, com riqueza e sinceridade nos detalhes, durante trinta dias de atividades fodásticas além de qualquer compreensão ou julgamento.

Garanto que não haverá cultivo de tabus, preconceitos ou escrúpulos de minha parte. Exponho uma promessa sacramentada: você poderá degustar minhas realizações passageiras logo após o ato consumado.

Adianto-lhe que agirei somente por instinto primitivo, sem carregar um moralismo hipócrita. Não tenho nada a esconder. Somente a revelar. Pois acredito que cada coito deve assumir a sua própria lucidez.

Admito que não carrego a mínima ideia do que está previsto nos próximos capítulos da minha tosca existência. Só sei que preciso viver o que deve ser muito bem realizado na arte do sexo.

Talvez, lá no centro do meu terceiro fundo, eu queira abrir as portas de uma Homoconsciência Coletiva.

* * *

Contagem regressiva. Respiro fundo. Estou preparado!

Agora você é o meu convidado. Venha compartilhar da minha (possível) insanidade. Quem sabe eu não estarei no lado esquerdo da sua cama, roçando minha demência nos vãos do seu corpo acuado ou cacarejando impropérios sensuais na sua mente, enquanto fornico com seu mais íntimo e secreto desejo, quando menos você esperar?

Acordei agora. Jundiáí. Chegada...

25.07.2005.08.19 – Dia 01

Desembarquei em Jundiáí as quatro e seis de uma madrugada enlameada.

No escuro e no vazio, durante o percurso Seis Horas, excitado e batendo todas as cabeças boladas, fiquei idealizando o que eu poderia fazer com um Sr. Qualquer assim que enfiasse o dedão do pé esquerdo no asfalto desfocado do meu reduto de férias.

Por instinto, talvez para ganhar certo tempo, eu havia ligado pro meu tio minutos antes de embarcar e esquecer minhas origens, mentindo sobre a provável hora da chegada, afirmando que o ônibus atrasaria por causa da chuvarada e que seria muito bacana ele me apanhar na rodoviária medonha da Terra da Uva lá por volta das cinco.

Havia poucos gatos pingados na plataforma de desembarque. Sonolento, abandonei o ônibus amarelo. Acompanhei a retirada da minha bolsa do porta-malas, reparando no translúcido traseiro desigual do tristonho funcionário da companhia, enquanto tentava encontrar meu celular dentro da mochila que eu grudava comigo. Dei um “oi” de cara amarrada para três patetas que aguardavam o retorno de um cristo improvável.

Quatro e vinte e dois. Sozinho, caminhei até o ponto onde meu tio deveria me encontrar – vou chamá-lo de Tio Barriga – e por alguns instantes fiquei apreciando a antiga praça onde, na segunda infância, eu costumava brincar na companhia dos meus primos durante o período de férias escolares.

Bocejante, esfreguei os olhos inchados com as pontas úmidas dos meus preguiçosos dedos amarrotados. Ao abri-los, um foco zonzeado detectou um morador de rua a materializar-se coisa de dois metros além das minhas retinas afogueadas.

Arrogante, ele exigiu um cigarro. Não respondi de imediato. Pronto para todos os botes, destilando um olhar cínico e afetado, tentei idealizar carnes frouxas repletas de carências debaixo daquele cobertor surrado e fétido.

“Se eu lhe presentear com um cigarro, o que ganho em troca?”, perguntei, em desafios.

Ele reparou na cara de filho-de-todas-as-éguas que improvisei e sacou

de imediato que eu era um Super Viado, pois fiz questão de criar faces e falsetes bem quaquáfetados.

José Oculto começou a apertar alguma coisa por baixo daquele emaranhado de lã sintética. Olhei ao redor. Nenhuma alma num raio de dezenas de metros. Zero carro. A chuva havia rebaixado sua intensidade. Sem um pingo de medo ou paranoia, deixei meus pertences ao lado de uma banca de jornal.

Empurrei Esquecido de encontro a uma das paredes pegajosas do segundo banheiro da antiga Rodoviária. A podridão dos seus trapos causou-me náuseas, mas a curiosidade em descobrir o recheio que se escondia por trás da textura arenosa era mais forte do que a total ausência de higiene e bom senso.

Procurei o sexo debaixo do cobertor. Vasculhando o agasalho esportivo, encontrei algo grosso, arenoso e empinado que agora pulsava todo alegre em minha mão suave, quase feminina. Com movimentos ritmados, sempre olhando direto para aquele olhar cansado, eu enlouquecia meu desafiante com minha famosa destreza.

Meu hálito caloroso e adocicado acariciando aquele rosto marcado pelas maldades do mundo excitava nossos instintos cavernosos. De um jeito quase adolescente, ele procurou meu rabo com sua mão miúda e calejada.

Um carro rugiu em alta velocidade na rua próxima. Perdemos alguns segundos de concentração. Ao cruzarmos novamente o nosso olhar pecaminoso, encarnei minha tradicional submissão e enfiei minha cabeça cheirosa debaixo das camadas de panos apodrecidos.

Minha boca encontrou uma viga muito rígida, surpreendentemente aromática – cheiro de macho! –, na medida para o toque acetinado dos meus lábios carnudos, esfomeados, jamais satisfeitos.

Engoli o membro endiabrado. O gosto da carne de segunda em minha boca de primeira sufocava o medo de ser descoberto pela Vida.

Durante poucos minutos, num ritmo alarmante, minha cabeça era pressionada de encontro ao sexo vigoroso e prepotente. Cheguei a travar a respiração por diversas vezes, mas Esquecido não ia me liberar enquanto não finalizasse o seu prazer.

De repente, minha cabeça foi empurrada para fora da trama decomposta. Um jorro morno e adoçado inundou parte do meu rosto rígido e meus lábios trêmulos, descascados, fora do prumo.

Aquele homem segurava meus cabelos longos com temerosa brutalidade, fazendo com que minha cara safada sentisse as bofetadas de uma foice a perder sua virilidade, ganhando o merecido repouso após dilacerar meus contornos pálidos, esquálidos, triunfantes!

Enxuguei meus traços germânicos no desfiado cobertor chinês.

Sem palavras, me recompus, respirando com irritável dificuldade; o corpo tiritando em rápidos calafrios devido à excitação, medo e angústia daquele primeiro instante já (outrora) fantasiado. Porém, jamais (até então) experimentado.

Orgulhoso da minha confirmada vitória, voltei em passos firmes para onde estavam minhas coisas. Da abertura lateral da minha mochila australiana, peguei minha carteira curitibana. Tirei uma nota de vinte, jogando a ditacuja sobre as mãos ansiosas do meu objeto-de-prazer-três-minutos.

Ganhei da primeira vítima um sorriso triunfante entrelaçado por meia dúzia de dentes lascados, acastanhados, isentos de glórias.

Na cama. Jundiaí. Sala de bate-papo...

26.07.2005.13.08 – Dia 02

Ontem passei o dia todo fazendo a “linha família”.

Tio Barriga apareceu na Rodoviária quase seis da matina. Perdeu hora, segundo ele. Trocamos o frio abraço, joguei minhas bolsas no banco de trás do Fiesta vermelho, conversamos trivialidades durante o trajeto tedioso e após quinze minutos chegamos ao seu refúgio oculto aos pés da Serra do Japi.

Tia Corada estava na cozinha preparando um banquete. É tradição familiar forrar a mesa com uma grande variedade de guloseimas na hora da primeira refeição.

Ganhei um milhão de beijos, abraços e sorrisos deliciosos embebidos em felicidade e açúcar mascavo. Tomei um banho rápido para afogar o gosto da viagem – os sabores do mendigo ainda estavam presentes na minha boca prostituta –, depois sentei-me à mesa e me fartei com pedaços imensos de bolo de cenoura, strudel, litros de chocolate quente, fatias generosas de cuca e outras delícias da culinária sulista.

Entre cafés e tragos, minha tia tagarelava, tentando retratar nas notícias matinais, em apertados minutos, centenas de informações caóticas e fofocas reprisadas sobre nossa família margarina. Só sei que comi demais naquela manhã. Passei o resto do dia papeando com meus tios. Não fiz nada digno de nota à noite. Descansei.

* * *

Ganhei um quarto provisório e a companhia de Smoode, o gato vira-lata de Tia Corada. Não houve afinidade de imediato entre nós, mas aprendemos em segundos a respeitar nossos espaços e limites.

Abri meu fiel iBook para conferir os *e-mails* e, claro, atualizar meu diário virtussexual. Logo entediado, navegando sem direção, acabei entrando no *chat* do UOL. Apelido: *quero_casado_agora (hxh)*.

Bastaram setenta e dois segundos de espera para conferir na tela uma proposta mais absurda do que a outra. Escolhi *ksado_40_quer_homem*.

Teclamos um pouco, trocando as tradicionais informações falsobásicas: tipo físico, dote, preferências, fantasias, etc. Mentimos descaradamente sobre nosso currículo social. Marcamos um encontro fortuito para as duas da tarde. Tudo aconteceu na velocidade de cento e vinte frames por segundo.

Ao avistar o Fusca Flintstone parado no local combinado em frente ao Parque da Uva, o primeiro choque foi perceber que meu “ksado 40” não era casado porra nenhuma e muito menos tinha quarenta anos. A cara de moleque espinhado fez com que eu permanecesse alguns segundos sem reação.

“Quero casado?”, ele perguntou, transpirando timidez.

Fiz um sinal positivo com a cabeça.

“Entraí”, ele sussurrou num tom quase romântico, abrindo a porta do carro antigo, que rangeu ruidosamente como naqueles sons de filmes B.

“Chupa”, ele ordenou (adeus timidez!), apontando para o pimpão que já pulsava fora da calça jeans. Sem cerimônia, pouco ligando para a passagem dos carros na avenida alucinada à nossa frente, torci a coluna e promovi a boa reza.

“Tô olhando pelos retrovisor... não para, carinha!”, ele ruminou, entre gemidos nada naturais, pouco discretos. O interior daquele Herbie foi tomado por trinados jundiaianos que seriam ouvidos até no Uruguai!

“Góra levanta... rápido”, ele ordenou, fechando o zíper depois de alguns solavancos de preliminares.

“Tenho local... lá na Chácra Urbana. É sussa!”, ele afirmou, indicando um dos bairros mais sofisticados de Jundiaí.

Mordi a língua diante do seu doído português fragmentado.

Seguimos pelo Centro até atingirmos a Avenida Nove de Julho. Subimos a rua do Shopping Paineiras numa velocidade incompatível com o fluxo. Nervosos e inquietos, chegamos ao bairro chiquetosco.

Estacionamos o carro numa rua bem tranquila, próximo a um descomunal palacete anos 1970 em adiantadas reformas. Ele tirou meu pau para fora.

“Prestatenção nos movimento da rua, carinha”, ele orientou. “Eu também tenho que te chupar um pôco.”

Varapau desceu o rosto corado, suado, infantil, de encontro ao meu sexo; sua boca caiu direto no meu saco, onde uma língua automática, rígida e melada em demasia saboreava minhas rugas baixas. Ele não engoliu nada mais além dos bagos, mas tinha uma prática tremenda em punhetaria, pois não

demorou muito para eu terminar no seu pescoço, ombro e painel do carro, detalhe que pareceu não incomodá-lo.

Fiquei tão cego de tesão que não percebi de imediato o ruído constante de uma moto em baixa velocidade vindo em nossa direção.

Varapau limpou suor e bigodinho com um pedaço de papel higiênico, cujo rolo estava estrategicamente colocado sob meu banco. Ele lixou a boca, ligou o carro e saímos calmamente da cena do crime, como dois turistas bobocas perdidos numa terra estranha.

“Eu inda num gozei”, ele protestou, enquanto sapateávamos a trinta por hora na Avenida Antônio Segre.

“Bate pra mim?”, ele implorou.

Afoito, foi logo pegando minha mão, forçando-me a retirar novamente o pau aturdido do seu jeans surrado. Com certo malabarismo, consegui por aquela vareta para fora, acariciando-a com uma pitada de honesto carinho. Pude sentir o volume enchendo, aos poucos, minha mão esquerda.

Paramos numa rua próxima ao Cemitério N. S. do Desterro. Sem desligar o carro, afastando um pouco seu banco e alongar as longas pernas, o protótipo de homem com cara de moleque virgem relaxou o corpo magro enquanto olhava fixamente para o retrovisor central.

Intensifiquei os movimentos, quando, de repente, ele puxou com violência minha nuca, fazendo com que eu engolisse num sufoco temerário aquele membro espumante, que expeliu litros de água benta na minha garganta agora canonizada.

“Bébi tud, carinh!”, ele trinou, quase gritando as vogais faltantes.

Forçou ainda mais meu mau senso para baixo. Engoli a régua turva sem desperdiçar uma lasca sequer. Pressionei as coxas finas desprovidas de pelos, tentando me libertar daquela posição inferior, pois eu precisava desesperadamente de ar rarefeito.

Ele desatou meu corpo abobado. Nem pude recompor meus restos, quando o sujeito abriu bruscamente a porta do meu lado, dizendo: “Sai agora cara, sinão é sujêra!”

Obedeci – submisso, sempre submisso! –, mas aproveitei um segundo de distração da minha vítima que se aprumava e fiz uma foto com meu celular.

Fechei a porta com delicadeza. Caminhei alguns metros até encontrar a

primeira esquina. Olhei para trás, liberando um traço de nostalgia. Varapau permanecia no mesmo lugar: vermelho, suado e chorando sem controle, sem lógica, sem amparo.

Meu quarto. Jundiaí. Sexo no Centro...

27.07.2005.16.17 – Dia 03

Dona Tarde me convidou para o prazer.

Saí por volta do meio-dia da casa dos meus tios.

Destino: o Centro da cidade.

Precisava passar no Itaú, sacar dinheiro e comprar algumas coisas que eu havia prometido para Tia Corada. Após a dormência no banco (nada) eletrônico, rodopiei pelo Calçadão em torno da igreja imponente.

A cada metro percorrido, meus olhos tentavam capturar movimentos indiscretos; talvez outros olhares lascivos refletidos por algum corpo masculino clamando por sexo sem compromisso com um Idêntico. Desisti logo após uma hora de caça, quando uma garoa pontiaguda passou a me incomodar.

Quando cheguei ao Russi, minha primeira providência foi conhecer o banheiro interno. Limpo e discreto, o clube de escape situava-se na garagem do piso inferior do supermercado 24 horas.

Entrei e não havia ninguém. Retirei meu pau além do moletom e tratei de estimular o menino de modo a deixá-lo em boa prontidão, enquanto idealizava um possível candidato que estivesse disposto a uma breve luta de espadas pelúnicas.

Nem um minuto correu, quando um homem negro, compacto e carrancudo entrou no recinto. Posicionou-se num dos reservados que ficava atrás do meu mijador. Com a porta semiaberta, reparei que o idoso não estava urinando e sim apreciando os movimentos carinhosos que eu provocava na extensão do meu sexo esbranquiçado.

Ele abriu um pouco mais as defesas e pude notar sua incrível ereção. Um chouriço curto e muito, muito, muito grosso era manipulado por uma mão cadenciada, experiente, sincopada. Dei um passo à frente. Estiquei meu braço. Meti duas mãos sobre o Potente. No silêncio da ausência de palavras, confirmamos que não havia ninguém caminhando no corredor que dava acesso ao banheiro. Abaixei e engoli aquela carne escura e deliciosa, ao mesmo tempo em que proporcionava carícias estimulantes nas bolas de aço ocultas num gasto saco de couro recoberto de pentelhos jocosos.

De repente, alguém abriu a porta. Recobramos nossas falsas posturas. O negro trancou-se no reservado, enquanto o transparente aqui voltava a contemplar os azulejos frios do meu canto de descarrego.

Um senhor elegante havia entrado no clube. Ele permaneceu alguns minutos alinhando os fartos cabelos prateados, admirando seu dispendioso semblante refletido no espelho de quinta.

Silver reparou que, além de mim, havia mais alguém no pedaço. Permaneceu acariciando a cabeleira, olhando discretamente através do espelho o bom volume da minha mala de longas viagens.

Posicionei-me ao seu lado, lavando as mãos com uma demora calculada, enquanto nossos olhares digladiavam-se, indiscretos, famintos, despudorados. Desejei aquele homem e sabia que o havia conquistado. Ele seria meu, do jeito que eu quisesse.

Passei por trás do belo Silver para alcançar as toalhas de papel. Sem retirar meu olhar sartreano das curvas do seu corpo e rosto nobres, enxuguei as mãos embebidas em volúpia, atirando o papel umedecido no cesto rente aos seus pés. Por instinto, segurei a cintura do Cabeleira e por ser mais alto do que ele, posicionei minha boca lestat em seu pescoço com deliciosa facilidade, lambendo-o com certa virulência, deixando em seguida a marca dos meus dentes-porcelana e a vermelhidão da minha barba de dois dias sacramentada naquela pele muito bem cuidada.

A porta do reservado foi aberta. Carrancudo consumia os dois machos à sua frente socando uma punheta de dar água nas bocas. Eu e Cabeleira ficamos um de frente para o outro. Trocamos um beijo acelerado, porém guloso, onde pude sentir traços de um cigarro vencido.

Ouvimos passos e cantorias “celestiais”. Voltamos a nos comportar como mijadoidos comuns. Saí primeiro, cruzando no corredor com um sujeito cuja fuça estampava um neon a indicar: sou um infeliz amestrado pela gangue “macedo...nica”!

Desencanei dos dois homens e do acontecimento, enquanto fazia as compras da lista preparada pela minha tia.

Ao fugir do supermercado, caminhei na direção de uma praça. A chuva descarregava seus pesos incômodos, o que se transformou num belo pretexto para eu visitar mais um banheiro público.

Sem comparação com o outro ambiente, esse espaço exalava um odor muito estranho. A mistura de urina secular com produtos de limpeza de péssima qualidade incomodava meus sentidos. Porém, nada impedia que meu desejo por uma nova fodaria diminuísse um por cento sequer.

Os reservados estavam ocupados. Olhei de maneira espalhafatosa o vão inferior das portas, arqueando bruscamente meu corpo, como que a coçar o calcanhar, e assim pude reparar nas muitas calças arriadas.

No mijador havia um rapaz que aparentava ter, no máximo, vinte anos. Bermuda azul bem folgada, blusão cinza surrado, um boné falsificado da Nike e um dos cacetes mais estranhos que eu já havia presenciado. Aquilo parecia uma salsicha da Sadia; não era nem torto demais, nem reto, tampouco empinado ou curvilíneo.

Pau e Dono eram muito, muito, muito exóticos. É a única definição que posso dar a você. Aquele *peepo* estava meio-mole-meio-duro. Era impossível não ficar admirando a tentadora aberração.

“Dá uma pegadinha”, ele sussurrou, golpeando minha ansiedade com um soco cânabsinto. Eu fiquei travado. Não sabia qual atitude tomar diante do – será? – desconhecido!

Nesse instante as portas dos reservados se abriram, quase que simultaneamente. O barulho da descarga número dois me fez encarar a realidade. Guardei meu pau tímido, desfalecido, no interior do meu Adidas.

Para minha surpresa, um dos homens a deixar o reservado era o negro idoso. Ele me encarou com um sorriso ridículo no rosto. Arrumou o pau inchado por dentro da calça, sem cerimônia, diante de um Sadia que não parava de fungar. O outro homem passou batido, retirando-se da sua cagada sem ao menos lavar as mãos!

Fiquei entre o Sadia e o Didi (treino é treino, jogo é jogo). Famintos, senti duzentos dedos roçando minha retaguarda e notei mãos grossas, sujas e ásperas a perscrutar minha intimidade. Percebi que eu não sairia dali sem fazer algo impecável com os dois. Aliviado por não ser roubado, já que todas as mãos concentravam seus atrevimentos e carícias por dentro do tecido alemão, ignorando minha carteira e beliscando os pelos que embelezavam minhas carnes torneadas, resolvi reverenciar a Sorte e deserdar a Razão.

Enquanto entortava meu corpo em uma postura impossível para tentar

algo com minha boca no pau do Sadia, Didi escancarou meu agasalho sem receios, deixando-me com a calça arriada quase no meio das coxas.

Ele cuspiu na mão insolente e lambuzou minha entrada petrificada. Concentrado na chupação da cabeça da coisa deformada à minha frente, eu fui penetrado numa só estocada pelo ébano, sem dó nem paciência. Senti algo se romper dentro de mim e um ardor de liberdade tomou conta da minha piscante rachadura.

Enquanto isso, Sadia se divertia com a cena, brincando com sua anaconda plutoniana no céu da minha boca. Rindo enquanto enfiava o “ésse” na minha garganta profunda, ele repetia para si mesmo: “Eu não posso gozar. Eu não posso gozaaaaar!”

Nem sei se eu acumulava pânico diante do Sem Nexo ou se estava receoso que alguém aparecesse e acabasse com a nossa festa.

Neguei os sentidos. Afastei as dores. Cuspi nos temores. Permitted caríci- as dementes, contraditórias e comoventes de um *delirium tremens*.

Didi retirou seu sexo clatrado do meu rabo ardente, empurrando-me de encontro ao corpo esquelético do Sadia, que me agarrou com brutalidade na fantástica medida de uma excelente pegada. Em passos curtos e ligeiros, Didi segurou minhas têmporas e bateu com força o membro rochoso e pingante no vão dos meus lábios, forçando-me a beijá-lo e a sentir meu próprio gosto defumado. Entre risos perturbados, Sadia assumiu a entrada do banheiro, transmutando-se num patético guardião Acéphalus. O ataca- do negro estúpido acabou encharcando minha boca com seu líquido condensado, viscoso, chantilizado. Confirmando uma despedida, eu e Didi ficamos aglutinados num beijo agradecido.

Não tive nem tempo de me limpar ou atinar os fatos, pois sei-lá-eu-de- onde surgiu um rapaz modorrento que fedia a cachaça barata. Pasma diante do Fantasma, eu tentava levantar meu agasalho e ele não permitia, forçando as costuras para baixo.

Entrei em franco desespero, querendo fugir dali o mais rápido possível!

Sadia fechou o portão de ferro que dava acesso ao inferno, posicionando- se do lado de fora. Notei que ele falava algo para alguém que queria mijar, impedindo-lhe a passagem.

Socando os lados internos das minhas coxas com suavidade e estapeando minhas nádegas com fúria desmedida, Cachaça forçou mais uma vez meus

panos, agora até os calcanhares. Apavorado e submisso, cedi. Indiferente ao espetáculo privado, Didi lavava o pinto abatido na pia do banheiro.

Cachaça – que era muito mais forte e decidido do que eu – tentava enfiar dois dedos frígidos da sua carcomida mão esquerda no meu círculo afogueado. Inspirei fundo e entreguei meu rabo aos céus, enquanto olhava fixamente o portão de ferro ainda lacrado. Apoiei minhas mãos liquefeitas no azulejo verde, encardido, ensebado. Abri todas as pernas o máximo que pude, desvairado. Não acreditei quando senti uma língua rebolante me comendo por trás.

A língua trocava de lugar com dois dedos intrusos que dilatavam com certa selvageria as minhas pregas não mais elásticas. Um misto de choro e prazer duelava entre os seios do meu oitavo sentido. Depois foi a vez de um dedo médio delinear o belo serviço. Cachaça levantou seu corpanzil, segurando-me com determinação diabólica, enquanto posicionava seu caralho no tapete vermelho do nosso bordel.

Mais uma vez tudo foi realizado com extrema violência, pois da forma que ele encostou a segunda cabeça em mim, a penetração foi realizada num tiro certo, cegando-me a razão, explodindo ao mesmo tempo o desejo fragmentado de um musical “*i want more...*”.

Didi assistia a tudo, maravilhado, aprovando o espetáculo.

Cachaça tapava minha boca impedindo-me de gritar, ato que eu nem cogitava realizar. Percebi que ele havia gozado quando mordeu fortemente minha nuca, deixando seu relevo moreno estampado na minha pele piranga.

Cachaça retirou o pau já flácido do meu cu dolorido; levantou o uniforme de “segurança” e se aprumou, sumindo em seguida para dentro de um dos reservados, deixando-me aos meus próprios cuidados.

Ainda sob o domínio de Delírios, eu dava um nó no cordão que prendia a parte inferior do meu clássico uniforme quando o portão de ferro foi escancarado.

Dois rapazes entraram na companhia do Sadia. Um foi lavar o rosto na pia. O outro foi para o último dos reservados. Tudo voltou ao normal. Parecia que nada trágico (trágico?) havia acontecido instantes atrás.

Quando peguei minha sacola de compras que jazia num canto difuso, Didi finalmente se manifestou, afirmando que estava todos os dias naquele horário, naquele local, pronto para quando eu quisesse “brincar” mais um pouco com ele e seus... amigos.

Ao sair e deixar o sol entrar, Sadia correu em minha direção, perguntando se eu havia gostado da putaria. Não respondi. Simplesmente abri a carteira e tirei quatro notas de dez e uma de vinte, entregando-as ao Sorriso Colgate sabor Ecstasy.

Ele contou várias vezes as cédulas, não crendo que eram verdadeiras. Puxou minha cintura e me presenteou com um abraço carregado de ternura. Uma cena quase comovente!

“Valeu, maninho!”, foram as palavras de um adeus. Ainda ganhei um beijo de selos reclusos. Sadia foi embora, sorrindo, a cantar.

Eu, o Senhor Beterraba de Vergonhas e Cismas, caminhei até o ponto de táxi próximo do Hospital São Vicente.

Entrei num Santana vinho. Fui direto para a casa dos meus tios.

Abalado, confuso, delirante... e feliz...

Insanamente feliz!

Exausto. Jundiaí. Sexo sagrado...

28.07.2005.21.50 – Dia 04

Tio Barriga ia até a Colônia buscar uma peça para o motor do seu segundo carro. Aproveitei a carona para dar um passeio, recordar passados, e cair mais uma vez na caça incessante dos meus homens perdidos.

É bem verdade que meu lado físico ainda não havia se recuperado do dia anterior. Meu equador emanava um tremendo desconforto no que restava do meu rabo albino.

De cara amarrada, titio largou seu sobrinho querido na Rua do Rosário. Resolvi descer a pé até a Vila Arens para tentar a realização de uma antiga fantasia juvenil. Sigo a minha intuição. Fodo – com orgulho! – todas as minhas realidades.

Passando próximo do Colégio Gandra, notei um ônibus de excursão sendo acariciado por uma sombra refrescante. Encostado na lateral do veículo estava o motorista, fumando, pensativo. Era um quarentão jambo, gorducho, de baixa estatura, dono de uma cara prensada, parecendo um Pug!

Ao cruzar com o tedioso, “esbarrei” minha mão na sua coxa e continuei descendo a rua, emulando total despreocupação com meu ato premeditado.

Alguns passos adiante, eu olhei de relance para trás e notei que Motorista encarava meu atrevimento com um olhar severo. Alisei meu sexo num vagar calculado. Ele fez o mesmo. O sinal universal da fodaria havia sido trocado. Rodopiei meia volta e fui conversar com ele.

Estiquei a mão para um cumprimento. Minha cordialidade foi aceita. Reparei na gasta aliança de um casamento que ele tentava encobrir. Com a mão esquerda, continuei a acariciar meu sexo, que já estava pronto para ser consumido. A porta escancarada do coletivo proporcionava a privacidade ideal contra possíveis olhares avessos da rua empedrada.

Motorista verificou o mostrador do falsificado relógio de pulso japonês, sumiu dentro do ônibus, cerrou as cortinas de uma das janelas e assoviou: sinal que interpretei como uma bela canção a embalar minha entrada triunfal.

O homem com cara de Pug passou por mim no corredor, e com um aceno de cabeça indicou o local onde seria realizada a nossa breve safadeza. Ele

seguiu até o painel central e pressionou um botão logo abaixo do volante. A porta lacrou-se com suavidade.

Aprimei minha luxúria na “janelinha”, sentindo o sol aquecer as cortinas verdes, desbotadas. Motorista jogou o corpo pesado sobre a poltrona do meu lado. Abriu o zíper da calça cinza chumbo, bimbolando suas carnes flácidas.

Com a ordem da mão direita, ele empurrou minha cabeça para o seu deleite. Ô mania de hétero machôso forçar nossa mente para praticar o serviço oral!

Mal degustei aquela amornada carne vermelha e em segundos faceiros minha boca foi besuntada pelo êxtase ácido daquele metro e meio fofinho.

Perdi os sentidos, pois minha respiração fora bloqueada devido ao líquido que não definia se era absorvido ou se voltava ao mundo exterior. Com descomunal esforço, entre náuseas, desceu tudo queimando goela abaixo.

Motorista tirou um lenço branco do bolso da camisa verde mar e limpou seu pequenino. Eu pedi licença para me retirar daquela caixa de aço ambulante. O homem encolheu as pernas, liberando minha passagem. Caminhei, cambaleando, pelo corredor estreito.

Graças a minha excelente memória fotográfica, descobri num instante qual era o botão que abria o calabouço. Pressionei o vermelho e ganhei a liberdade.

Sem olhar para trás – minha marca registrada –, desci a comprida rua que contorna o colégio.

* * *

Levei dez minutos para chegar à praça da igreja Nossa Senhora da Conceição. Fui direto ao banheiro, doido para eliminar o gosto amargo na minha boca perfeita.

Já no interior multicolorido daquele santuário, sentei em um dos bancos de madeira escura, tentando relaxar meu espírito apalermado.

Permaneci bom tempo a contemplar as pinturas nas paredes, tentando me lembrar dos nomes de algumas personalidades que eram representadas naquela obscura *ars sacra*.

Um jovem passou do meu lado direito, indo debulhar seus conflitos numa

das capelas. Seguindo o ritual, fez o sinal da cruz e ajoelhou-se diante de um altar, posicionando as mãos unidas na frente dos lábios, pronunciando em tom muito fraco o que deveria ser alguma prece padronizada.

Na mesma hora abandonei meu tédio e fui estacionar meu pecado bem grudadinho na minha próxima vítima. A fim de aumentar a ironia diante da situação, reproduzi os sinais sagrados exatamente como meu futuro objeto de prazeres temporários.

Ajoelhei-me diante do altar e pedi aos anjos rechonchudos que despertassem no rapagote os seus instintos mais mundanos. Após o décimo sinal da cruz, minha cabeça e minha atenção se fixaram nas linhas do franzino que rezava com fervor ao meu lado.

Novamente passei a acariciar meu sexo. O pecador notou meus movimentos verdadeiramente sagrados. Foram quinze minutos de carícias egoístas. Meu braço já estava doendo de tanto bimbolar o cacete irrequieto oculto no tecido sedoso.

Saí da minha posição de falsa reza e sentei largado, esticando um pouco as pernas, abrindo parte da camisa para aliviar meus seios daquele calorão do meio-dia.

Cansado de esperar, levantei e simulei minha retirada do local. Parei na entrada de uma sala simplória, onde em cima de um altar simples repousava a imagem de uma santa emperiquitada além do tradicional.

Fiquei encostado na parede, observando os ricos detalhes da vestimenta sagrada que revestia o meio metro de divindade. Fiz uma foto. Ouvi passos ecoando pelo corredor. Aturdido, o jovem com cara de roedor entrou no diminuto ambiente sossegado.

Evitando encarar a santa e olhar diretamente para os meus olhos rubros, Rato encostou seu corpo magro e sem graça no meu corpo atlético e definido. O encaixe foi patético. De rosto baixo, tremendo de excitação e pavor, segurei aquele queixo triangular e busquei um beijo. Sua boca salgada encontrou minha boca que exalava o estalo de uma bala hortelã. Sua língua almofadada fez maravilhas na luta direta com minha língua ereta. Acaricieei aquela bunda sem bunda e fui presenteado com uma sedosa mão a beliscar meu sexo, que nessa altura do campeonato já estava enlouquecido, esperneando todo histérico, tentando ganhar a luz do dia e a umidade sensual daqueles lábios indecisos.

Ouvimos passos. Empurrei o rapaz para um canto e dei uma espiadela no lado de fora. Vi uma senhora sentando, com dificuldade, na primeira fileira de bancos próxima do altar principal.

“Vamos sair daqui”, disse Rato com a voz rouca, feminina.

“É muito perigoso. É pecado!”, ele continuou.

Não dei atenção e exigi novo roçar dos corpos, já abrindo espaço em meus tecidos e forçando sua mão a acariciar minha viga exposta. Após um beijo rápido, seco e imperioso, foi minha a vez de brutalizar uma garganta a me consumir com gosto. Em segundos pude sentir uma boca arfante a brincar com meu báculo triunfante.

O rapaz tinha pressa em me fazer gozar. Era palpável o nervosismo presente naquele recinto meditativo. Segurei suas orelhas-dumbo, deixando-as roxas, forçando-o a engolir todo meu membro, até perfurar seus tímpanos.

Os sentidos foram perdendo sentido. Contemplei a santa que mantinha um olhar indiferente, envergonhado, enfadonho. O suor despencava do meu rosto corado, depositando seu sal no couro cabeludo do Rato. Quase asfixiado pelo triunfo, minhas unhas rasgando a pele celofane daquele rapaz indefeso, gozei como nunca, deixando parte da minha goma plastificar aquele rosto pálido, sardento, assustado. A outra parte formou uma linda poça cintilante, destacando-se no granito limpíssimo.

Afastei o suor glorificado da minha testa pecante. Fiz o sinal da cruz em homenagem ao Santíssimo. A Mãe de Deus fechou os olhos diante do regozijo da minha luxúria.

Duas rodas. Jundiaí. Linha férrea...

29.07.2005.16.18 – Dia 05

Fato: Todo macho tem um preço.

Realidade: Nem todo homem possui a capacidade de discernir qual é o seu real valor. Descobri que posso “comprar” um Masculino humilde por duzentos reais. Eis a prova do meu crime:

Passei a manhã dessa sexta-feira na companhia de uma grande amiga jundiaense. Há milênios, Ângela foi namorada do Breno, meu irmão mais velho, quando ela morou em Curitiba. O relacionamento neurótico dos dois acabou em menos de um ano, mas a amizade saudável que construímos permanece intacta até hoje. Ela mora na Ponte São João, um dos bairros mais agradáveis e tradicionais de Jundiaí.

Curtimos boas horas conversando em sua casa, degustando uma agradável e tranquila manhã marinada em suco de graviola, alegrias e fofocas.

Aproveitamos muito bem o único período disponível para uma visita, já que Ângela trabalhava no período da tarde em uma clínica veterinária na Rua Prudente e à noite cursava faculdade em Itatiba, cidade desprezível localizada a vinte minutos de Jundiaí.

Por volta das onze, eu acompanhei minha amiga até o Barateiro.

Logo na saída do supermercado reparei em um rapaz todo vermelho em fúria a empurrar uma capenga bicicleta de um tom amarelado-pelo-amor-de-deus-me-pinte-de-outra-cor.

Ao delirar diante dos contornos dos seus músculos debaixo de um agasalho cinza – amo corpos normais ocultos por agasalhos esportivos –, confesso que eu fiquei enlouquecido. Despachei Ângela o mais rápido que pude, ativando discretamente uma melodia no meu celular, simulando assim uma ligação. Em seguida, pedi desculpas, afirmando que minha tia precisava de mim com certa urgência. Deixei minha amiga próximo ao Hospital Paulo Sacramento. De lá, ela seguiria a pé até a clínica. Três beijinhos e um tchau, voltei à caça do meu Agasalho.

Foi bem fácil localizá-lo. Ele estava sentado na mureta que cerca o supermercado, mexendo na corrente da sua Duas Rodas pré-histórica.

Sem cerimônia, cheguei e sentei quase grudando no coitado.

Com uma cara típica de Testemunha do tio Jeová, perguntei se ele precisava de ajuda. Inocente até o último fio dos belos cabelos acobreados, ele afirmou que estava cansado de arrumar o câmbio daquela joça. Mostrou-me marcas de cortes nas mãos, obra de uma bicicleta ancestral e tirana.

O cheiro de óleo e graxa e suor e ingenuidade, somado à visão daquele par de coxas estufadas foi me tirando do eixo. Eu não conseguia disfarçar minha excitação. Respirei fundo e perguntei para Agasalho quanto custava uma bicicleta nova. Ele respondeu rapidamente que o modelo que ele queria custava cento e noventa e nove reais na “Tico”.

“E você tem esse dinheiro?”, perguntei carregado em ironia, já intuindo o clássico retorno.

A resposta foi negativa, chorosa, de quase cortar corações, pois ele estava desempregado, tinha dois filhos para sustentar, havia um montão de gente que devia pra ele e não pagava... e mais um milhão de ladainhas que precisei ouvir com triplicada paciência.

“E se eu te desse esse dinheiro agora, você realmente compraria uma bicicleta melhor?”, atirei, sem rodeios.

Nesse momento um par de olhos castanhos cintilou curioso e ávido por maiores informações. Desconfiado, Agasalho ficou analisando minhas fuças.

“Você não é daqui, né memo? Você fala cantado. Você é do Sul? Você é casado, cara?”

Sim, não sou daqui. Sim, moro no Sul, mais precisamente em Curitiba. Sim, eu falo cantado. Não, eu não sou casado, respondi, mostrando meu melhor sorriso ouro rosé.

“Hum... e o que eu tenho que fazê pra ganhá o dinheiro? Quando a esmola é...”, perguntou Agasalho, a curiosidade gritando em torno dos seus pensamentos recatados.

“... a Santa aqui confia em você. Tá a fim de me comer... agora?”, eu quase gritei, decidido.

“Ali na frente”, apontei uma reentrância entre um muro grafitado e a linha férrea.

Atônito com minha direta, Agasalho perdeu o controle diante da Grande Oportunidade em provar que o seu pinto valia alguma coisa:

“Mas ali passa gente toda hora. Cara, sô casado. Meu, eu nunca comi um ômi! Mas... bom... cê me dá memo o dinheiro seu-ti-comê?”, ignorei a primeira questão e respondi a segunda ostentando para ele o meu cartão cinco estrelas.

“Eu quero que você rasgue meu cu ali, naquele lugar, agora! Foda-se quem passar por perto. É pegar ou largar”, eu vociferei autoritário, sem convencer a mim-eu-mesmo.

Agasalho baixou a cabeça, coçando as têmporas por alguns instantes.

“Eu topo”, ele disse, “Mas com condição: eu como ocê, mas num beijo na boca e nem pego no teu pau, tá certo?”

Engoli a implosão de um riso, tentando manter um semblante submisso, desdenhoso. Eu estava interessado no desafio e na conquista, não em perder tempo com beijos românticos e hipocrisias encravadas.

“E tem mais... quero um... um sinal, pra garanti que cê não vai mi dá caloti”, ele disse, vacilante, patinando nas palavras caipiras. Tirei novamente a carteira do bolso e saquei cinco notas de dez.

“Tá bom pra você essa quantia como... sinal?”, eu disse, com arrogância teatral.

Agasalho nem piscou. Pegou o dinheiro e amarfanhou os papéis dentro da meia que num passado bem distante já foi branca.

“Vai indo na frente e eu ti sigo”, ele disparou, achando que assumia a situação patética. Abafei um riso afetado e acatei as ordens sem maiores objeções.

Seguimos para a bunda de uma casa logo após o local onde Centro e Bairro se fundem. Ao lado da casa grafitada havia uma reentrância que nos conduzia por um caminho que acabava entre tufos dispersos de capim alto.

Algumas penugens quebradiças cobriam as laterais da linha férrea abandonada. Encostei meus medos numa caixa metálica de força, tentando me esconder no núcleo imaginário de um mato esparso.

Como prometido, um honrado e decidido Agasalho veio logo atrás, suando em bicas. Ele jogou, esbanjando desprezo, a velha bicicleta junto à parede da residência colorida. Caminhou até sua presa, abaixando parte do agasalho cinza, expondo o meu corretivo. Um pau flácido pendia para fora da cueca de dois dias.

“Chupa ele, deixa ele duro pra entrar no teu cu gostoso, Cara!”, ele exigiu, ofegante, porém nada convincente. Um péssimo ator!

Fiquei de cócoras esperando aquela minhoca mole ser ressuscitada com meus beijos encantados. Fino e comprido, a linguiça calabresa foi tomando forma, esbofeteando minhas faces, comandado pelo jogo de cintura de Agasalho numa coreografia mambembe.

Eu observava as pessoas atravessando a linha férrea a poucos metros de onde estávamos. Ninguém parecia notar que havia dois machos representando sexo pútrido bem ao lado delas.

“Dêxa eu por nocê... cara”, ruminou Agasalho, angustiado para provar o seu valor machístico.

Sem proteção, nem a mínima noção de segurança, Agasalho arranjou meu corpo de quatro, cuspiu em meu rabo rabanete e penetrou-me com uma facada acurada. Havia pressa em merecer o seu pagamento.

Agasalho segurava reticente todas as minhas laterais. Eu quase beijava as pedras ao lado da enferrujada caixa de energia, onde uma caveira estilizada informava que eu corria risco de morte se permanecesse ali e fuçasse em seu interior – uma ironia, já que era o meu interior que corria todos os riscos na Vida!

Ganhei alguns belos tabefes sem sincronia no traseiro e uma forte mordida nas costas, enquanto Agasalho copulava comigo.

“Vou gozá, vou gozá, caralho!”, ele gemeu sôfrego, estraçalhando meu ombro direito.

Senti o jato pegajoso a entupir meu buraquinho fofíssimo. Agasalho tirou de supetão o pau babante ainda rijo do meu esmorecido buraco rosado.

“Limpa ele na tua boca, seu viado da porra!”, ele vociferou exausto, encostando o corpo na parede da casa, ao lado da caquética bicicleta.

“Ai, ai... cê chupa melhor que puta do J. J., minha Delícia!”

Com um ar subserviente, cabeça baixa, mordendo a língua para não rir, fingindo acatar a ordem máxima daquele macho que se achava o máximo, eu desinfetava aquele cacete pulsante com uma bela e sonora chupeta.

Era bizarro o gosto acre do meu íntimo arruinado.

“Ficaí que eu vô saí na frente”, ele ordenou.

Sem coordenação motora (seria remorso?), Agasalho arrumou de qualquer jeito suas vestes e saiu empurrando sua fiel amiga. Eu me recompus, cuspi minha saliva podre nas linhas de ferro empoeiradas e segui meu Agasalho até o ponto do nosso reencontro e despedida.

Atravessamos a ponte até chegarmos no Itaú da Ponte. Saquei o dinheiro prometido. Entreguei tudo conforme o combinado.

“Valeu cara. Quando quisé que eu te coma, é só vim aqui na Ferroviários de domingo, mais ou menos as dez, que eu tô dando um rolê por aqui. Por vinte contos, de repente deixo cê chupá meu pau lá no Sororoca, atrás da quadra de...”, ele declamou, radiante e carinhoso, enquanto guardava o seu valor conquistado num dos bolsos do moletom encardido. Despedimos nossas diferenças com um vigoroso aperto de mãos.

Agasalho deu um leve apertão no meu traseiro, como se eu fosse sua nova puta preferida. Montou em sua velha bicicleta descolorida e ganhou – aos trancos! – a Avenida São João... até eu o perder de vista.

Maluco. Jundiaí. Ruínas...

30.07.2005.15.24 – Dia 06

Meus tios foram passar o fim de semana em Taubaté. Os Barbapapas haviam programado uma visita a um casal de Super-Gênios-Ativar.

Apesar da insistência de Tia Corada em me arrastar para esse passeio naftalínico, de um jeito bem meigo deixei claro que eu não estava disposto a viajar e fazer a Linha Geriatria com os fofos.

Após todas as recomendações da minha santa titia em relação aos cuidados com a casa, esperei os dois partirem, fechei tudo, tomei um ônibus no Terminal Eloy Chaves e fui até o Centro com a intenção de comprar algumas revistas e cervejas para me divertir em casa, sozinho, quando a noite chegasse.

É claro que eu poderia ter feito minhas compras no ótimo comércio do bairro. Mas resolvi tentar uma brincadeira rápida no fértil coração da cidade, mais uma vez.

Neste sábado estranho eu parecia um zumbibambee zanzando entre Rosários e Barões. Caminhei por mais de uma hora sem foco, nem vontades. Só lampejos. As pessoas – fechadas em seus universos medíocres – também bailavam como mortos-vivos a infestar todas as direções. Enjoei de ficar em calçadas. Desci a Rua Torres Neves.

Quando cheguei bem no meio do viaduto que une Centro-Bairro, vi um rapaz fumando, encostado numa árvore, coisa de nove metros longe de mim. Fiz um *click* com meu celular.

Desci a escada que me levaria para debaixo da famosa Ponte São João. Senti o perfume. Era maconha. Aproximei minha gula... pé ante pé.

“E aí mano, posso dar uns pega?”, me intrometi, completamente sem graça. Eu nem sabia se era assim que “os mano” se comunicavam.

O carinho me mediu com um olhar impassível.

Sem alterar o semblante, esticou o braço e me ofereceu uma ponta. Eu não fumo. Não tinha ideia de como proceder naquela situação. Odiei o gosto inosso cravado no céu da minha boca. Após o meio-trago, encostei minha arrogância no muro, criando uma pose-vogue.

Fumeta, desplugado do mundo, deu mais uns pegas a fim de permanecer

ligado em seu multiverso. Fiquei impressionado com a insistência do seu olhar distante focado em nenhuma dimensão. Algumas pessoas transitavam sobre o viaduto. Eu ignorava possíveis olhares hipócritas.

“E aí, gosta de foder?”, perguntei – na lata – para Fumeta.

Ele demorou pra pegar no tranco. Avaliava a proposta com um olhar exaurido. A expressão do seu rosto magro denotava que ele já havia escutado aquela cantada barata de milhares de viados perdidos no Purgatório.

“Tem dez? Se tu tivé dez conto eu deixo tu caí de boca”, ele pigarreou, sonolento.

“E se tu tivé trintinha aí, nós faiz a festa!”, ele reagiu, dando mais uma tragada no toco alucinógeno que carregava entre os dedos encardidos.

“Onde a gente vai trepar?”, perguntei, ansioso, destilando cretinices.

“Consegue pulá o muro aí?”, Fumeta me desafiou, apontando o muro baixo diante da minha fuça adolescente.

“A gente fode na antiga estação, pode cê?”

“Vambora!”, eu pronunciei, roufenho, explodindo afetação.

Olhamos em volta, esperamos um carro passar, atravessamos a rua e pulamos o muro. Seguimos em passos trotados até a estação de trem desativada. Eu, excitado ao extremo, corria para alcançar um atlético e agora bem (d)esperto Fumeta, que sumiu na lateral do prédio antigo, entre ruínas e tijolos e ferros e dignidade caindo aos pedaços.

“E aí truta, mostra o cascaio”, ele me intimou, apontando o bolso esquerdo da minha bermuda.

O Senhor Bom Senso travou meus movimentos, pois lembrei que havia só notas altas na carteira. O medo de ser assaltado ou ferido ou ambos passou rasante pela minha consciência inconsciente. Com o olhar hipinótico bem travado em Fumeta, tirei a carteira do bolso, abri e retirei uma nota de vinte, a mais baixa disponível. Mostrei meu “tíquete-foda”, balançando-o no ar.

“Eu falei trintinha, ô meu, senão tu vai pagá só um boquete, certo?”

Expulsei qualquer nível de segurança. Tranquei a razão. Tirei três cédulas de cinquenta e joguei as Bunitas no chão empoeirado.

Fumeta olhou atônito para o tesouro. Caminhou respeitosamente até elas, pegando e acariciando sua salvação com inquietante delicadeza e dramática veneração.

“Vem cá, seu putto. Sô um cara de palavra. Vô dá o que tu qué!”

Fumeta arrancou a camisa. Uma divindade desprovida de excessos ganhava vida bem na minha frente. Uma belíssima tatuagem em formato de Sol Asteca revestia seu umbigo. Aproximei meus lábios ácidos e comecei ali mesmo minha boa prestação de serviços, tentando beijar o dourado radiante daquele corpo salgado.

“Peraí, mano, dêxa eu tirá os pano”, Fumeta me empurrou, fazendo com que eu perdesse o equilíbrio, caindo sentado, de lado, no piso ancestral, levantando uma nuvem de poeira repleta de fragmentos metálicos.

A queda providencial proporcionou-me uma fantástica visão. Fumeta arrancou o par de Rainha, baixou a calça larga – dessas de quem joga Capoeira – e a cueca preta, atirando todos os tecidos mágicos num canto deprimente. Ele trajava somente meias creme que contrastavam agradavelmente contra a sua perfeição cor de mel.

Fumeta era isento de pelos, inclusive na região do sexo, que por sinal já se encontrava atento para bem me atacar.

“Vai Branquelo, tira logo os pano”, ordenou Fumeta. Cheguei bem perto dele, o sol atingindo em cheio o meu rosto quadrado.

“Você vai tirar minha roupa, seu filho da puta!”, ordenei, encarando com fúria aquele olhar negro, único, dilacerante. Fumeta segurou minha camisa de marcas, arrancando-a de uma só vez do meu corpo sabuloso.

Ele desceu a cabeça raspada na direção dos meus mamilos, mordendo com violência um deles, enquanto beliscava o outro com doses elevadas de selvageria. Travei o maxilar para não gritar. O misto de dor e prazer dominou todos os meus sentidos. Empurrei com raiva aquele corpo atlético. Fumeta veio com tudo pra cima de mim, forçando a abertura do meu cinto e a retirada da minha linda bermuda cáqui esfolada. Ele baixou a primeira textura até a altura dos joelhos. Apoiou um dos meus pés sobre sua coxa esquerda, retirando meus *docksides*, venerando um depois o outro. Meus pés vampirescos há anos clamavam por chispas do astro poderoso.

Nus, jogamos nossos ódios no chão recoberto de poeira e ferrugem. Fumeta voltou a atacar meus mamilos, sendo mais brando nas mordidas dessa vez. Procurei um beijo... que não foi aceito de imediato.

“Chupa meu caralho, Branquelo!”, ele urrou, em fúrias sensuais.

Caí de boca no membro gelatinoso. Delírio total!

Fumeta também buscou meu sexo, engolindo-o de uma só vez. Ficamos no meia-nove uma eternidade, mordiscando e saboreando um ao outro, enquanto Fumeta lascava tapas violentos nas minhas nádegas brancas, que logo ganharam manchas arroxeadas em todo hemisfério sul.

Tirando meu pau da sua boca, Fumeta pediu para eu ficar em pé e encostar as mãos na parede de tijolos. Com dois sopapos certos e doloridos, ele escancarou minhas pernas. Os raios de sol que castigavam aquela tarde me cegavam, desnorteando o fim da Realidade que um dia foi amante do meu Bom Senso. Desviando minha cabeça da luz, senti uma língua ousada, poderosa, abrindo caminho no meio do meu ponto “g”ay.

Fumeta desbravava meu cu com virtuosidade. Enlouqueci. Saí completamente de mim-eu-mesmo. A língua penetrava cada vez mais adiante, numa velocidade sobre-humana. Desnorteado, quando menos eu esperava, músculos empapados em suor tentavam invadir meu corpo vitrificado.

Ouvi o grito de vários cuspes. Saliva abundante era despejada ao redor do meu cu estrábico em entusiasmos. Logo em seguida, um cacete bem calibrado, empinado para a esquerda, começou a me foder. A penetração foi lenta e dolorida. Após oito minutos de delírio e incertezas, todo aquele sexo prepotente regozijava, lambuzando meu espírito alucinado.

Durante o movimento brutalizado dos nossos desatinos, o sal misturado com o pó daquele lugar abandonado criava imagens picasseanas sobre nossas peles alagadas. Fumeta continuava alternando os tapas em minha bunda com fortes estocadas em meu íntimo. Ele segurava com virulência meus cabelos líquidos, liberando uma das mãos a presentear meu rosto com socos provocantes e assustadores de tempos em tempos não sincronizados. De olhos bem fechados para suportar tamanha delícia de humilhação, minhas coxas pendiam para todos os lados. Eu sentia meus ossos fragmentados.

De repente, surgiu outro par de mãos a bolinar meu peito cabeludo.

Fumeta continuava fodendo meu vazio e triscando minhas coxas e bunda e costas com suas unhas raivosas.

Tomei um susto descomunal quando confirmei outro rapaz materializado ao meu lado, acariciando meus mamilos, enquanto tentava desesperadamente endurecer seu pinto em coma.

Ele aparentava ter, no máximo, sei lá... dezesseis... miseráveis e cruéis anos lavados. Era gordinho, bem maltratado pela Existência. Usava uma camisa do Santos e uma bermuda surrada que um dia fora azul-marinho. Estava descalço e seus pés eram esquisitos, enegrecidos por causa das caminhadas seculares sem usar um calçado adequado.

Tirou o pau de porte médio para fora da bermuda. O som do velcro sendo escancarado fez com que eu retornasse de vez ao mundo real.

Oh, céus. Havia – de verdade verdadeira :) – dois caras comigo!

Lacrei os olhos e entreguei a sorte para o meu anjo da guarda, que ria e batia uma punha às minhas custas, o safado.

Minha boca foi forçada a sentir o gosto esganiçado de urina de um caceite que não via a cara de uma ducha há semanas. Chupei e cuspi diversas vezes até que aquele sexo nefasto tivesse o mínimo de higiene (higiene?) para ser bem degustado.

“Dê... dêxa eu fodê ele também, mano!”, gaguejou Gordinho, diminuto em profunda timidez.

Fumeta deu mais duas ou três estocadas e retirou o pau salivado do meu túnel saibroso. Gordinho roubou seu membro da minha boca e foi todo-todo posicionar as banhas atrás do meu rabo dolorido, penetrando-me com óbvia facilidade.

Fumeta acendeu um toco e transformou minhas roupas num amontoado compacto, sentando sobre elas, descansando os músculos tão bem torneados, avaliando a performance do velho parceiro de furtos e fodarias.

Gordinho parecia não ter muita experiência como “Ativo”, pois nossos movimentos não sincronizavam de jeito nenhum, fazendo com que seu pau lesmódico escapasse diversas vezes do meu cu em chamadas, irritando-me profundamente.

Fumeta limpou o pau na minha camisa. Masturbou-se um pouco até o membro arreganhar sua plena rigidez.

“Vem cá, seu viado da porra!”, ele ordenou.

Rapidinho, endireitei meu corpo, cancelando as tentativas do pivete sem temperos. Qual foi minha surpresa quando o próprio Gordinho adiantou-se à minha frente, ajoelhando diante de Fumeta e engolindo até os bagos da vara do parceiro de... putarias?

Santa Confirmação, Bátima!

“Sentaquí do meu lado, ô Branquelo.”

Sentei e fui abraçado com severidade.

“Lambe o pau dele, mano!”, exigiu Fumeta.

Gordinho imediatamente trocou de vara, lixando meu sexo em toda sua magnífica extensão, concentrando irregulares mamadas descompassadas sobre minhas bolas petrificadas.

“Bêja a boca do Branquelo”, nova ordem foi imposta.

Gordinho subiu a língua do meu cacete até minha boca, passando pela minha barriga, meus mamilos inchados e meu pescoço dolorido. Um beijo confuso e amargo foi trocado.

Fumeta levantou-se, deu um leve safanão na bunda de Gordinho, que empinou descaradamente os espinhentos glúteos, sem tirar a língua seca da minha boca melindrosa.

“Chupa o caralho dele, mano, que eu vô fodê os dois”, decretou Fumeta.

Gordinho voltou a fazer o serviço enquanto eu apreciava o *Show* de Fumeta suspendendo o rabo alheio com o poder do seu pau-brasil.

“Quêru as duas putinha de quatro, agora!”, decretou Fumeta, após cinco minutos de cavalgadas no santista.

Eu e Gordinho obedecemos, cabeças baixas, belos escravos ultra-mega-power-blaster submissos. Ficamos lado a lado, de quatro, enquanto Fumeta mordia ora a bunda de um, ora a do outro, sendo que somente a minha era premiada com tapas e socos desmoralizantes.

De novo, uma língua ferina invadia meu íntimo rompido. As lambidas alucinógenas se revezavam com um par de dedos a me destroçar a carne, pois Gordinho também fora premiado com o ataque daquela língua maravilhosa no seu rabo imundo.

Raios de uma Duas Horas sufocante continuavam seus açoites em nossos restos enquanto éramos fodidos por Fumeta. Uma mistura de suor, saliva, pó e secreções criava um odor etéreo que pairava nas ruínas da idosa estação.

Entre “ais” e “uis” vomitantes, Gordinho acabou gozando enquanto era penetrado por três atacantes da mão esquerda de Fumeta.

Após o arrom... *ops*, arroubamento, o garoto levantou-se atabalhado, recolocando a roupa em tangível descompasso. Parecia sentir-se péssimo após a transa, como se houvesse pecados ocultos naquilo saboreado entre nós, os adultos.

“Dá o meu cascaio, mano, e vô zarpá fora!”, sussurrou Gordinho para Fumeta. O mestre parou de me comer e cantarolou, mordendo minha orelha esquerda:

“Dá dez conto pra ele sumir daqui, truta.”

Saí da posição humilhante, notando os joelhos esfolados e sangrando levemente quando eu afastei o pó que grudara em ambos.

De costas para Gordinho, cacei a carteira no emaranhado de roupas. Encontrei mais uma nota de vinte e a entreguei para o Agitado.

Convulsivo, o garoto saiu em disparada de onde estávamos, perdendo-se na imensidão das velhas linhas férreas da estrada Santos-Jundiaí.

“Enfim... sós, minha polaca!”, gargalhou o morenaço, no ápice dos seus delírios.

“Tá cansado, seu queima-rosca?”, perguntou Fumeta, rindo, bimbolando o caralho, buscando cem por cento da minha atenção.

“Vem cá... vô dexá o Branquelo chupá meu cu.”

Eu não esperava aquela atitude.

Na mesma hora minhas energias se renovaram, encantadas.

Enlouqueço quando chupo um rabo de macho.

Após a décima segunda tragada, decidi não somente lambe aquelas pregas, mas reproduzir o mesmíssimo cenário da nossa insânia. Mordi, tresvariado, aquela bunda miúda, rígida, succulenta, deixando marcas profundas em todo globo chocolate. Lambi e mordisquei um buraco café deveras apertado, delicioso, adocicado.

Mantendo Fumeta de quatro, foi minha vez de “brincar” de estúpido. Besuntei Jägger Júnior e posicionei a artilharia bem no centro daquele garanhão desarmado.

Não tive piedade. Impingi areia, saliva e ódio de um jeito inenarrável.

Fumeta engoliu um grito e passei a criar meu espetáculo com acuidade.

Enlouquecido, os tapas de baixa potência desferidos naquele moreno se transformaram em socos arvoados.

Depois de bem satisfeito de tanto enfiar, resolvi rodopiar Fumeta a fim de mantê-lo de frente para a minha carranca. Por ser bem leve, foi fácil elevar aquele anjo liso e encostá-lo na parede escarpada.

Penetrando-o entre as pernas fechadas, meu pau agigantado a dilacerar

seu saco compacto, e segurando com firmeza suas costas glicerizadas, marcando todas as costelas com meus dedos wolverínicos, Fumeta urrava de prazer e espanto e glória, dominado por um competidor à sua altura.

Em outro ato insano, atirei aquela caixa de músculos no chão. Empurrei novamente Fumeta de encontro à quina da parede de tijolos. Abri suas coxas com dois socos precisos, e enfiei meu rosto em seu íntimo; minha língua ensandecida lambendo o travado rabo lamentoso.

Fumeta virou o corpo sem eu esperar, socando meu rosto com seu membro maquiavélico, enfiando-o por completo em minha boca-saara. Outros golpes seguiram-se enquanto o sexo dilacerava minha garganta. Senti a mão suada surrando meu rosto sem dó. Fiquei com medo das marcas físicas, mas há tempos que a Senhora Razão havia me abandonado em definitivo.

Não permitindo mais tamanha submissão, abandonei o boquete e busquei um beijo enamorado. Fumeta cuspiu na minha boca, sua essência escorrendo pelos meus lábios gritantes. Ralados pelo chão, passei a masturbá-lo. Ele fez o mesmo comigo.

Insisti no beijo. Ele veio carregado de tensão. Uma língua rachada lambia meus lábios quebradiços, abrindo passagem por entre meus dentes caninos. Logo a seguir, minha vitória foi confirmada durante a luta das espadas superiores em todos os ângulos a se prolongar durante vários e tensos minutos literários.

“Estica no chão, fio de uma cadela, estica agora!”, Fumeta gritou, retorcendo meu corpo até encontrarmos uma postura impossível.

Ele veio por cima de mim, procurando – com dentes expostos – a inflexibilidade do meu pau, ao mesmo tempo em que golpeava seu cacete na minha segunda face escarlate.

“Chupa meu caralho, mano, e não para por nada no mundo! Vô gozá na tua boca e você na minha, falô?”

Quando estamos no olho do furacão, embebidos em adrenalina extrema, mais a tensão, mais o medo, mais o tesão, mais o Novo, mais o desafio, mais a demente irresponsabilidade, mais o fútil prazer, nossos sentidos normais são automaticamente bloqueados. Permanecemos em outra esfera, alheios à todos os níveis da Realidade.

Só recorde de ter sentido a porra de Fumeta riscando minha garganta

ferida e meus jatos de sêmen borrando o rosto daquele troglodita das ruas. Nos agarros posteriores, exaustos, éramos enamorados em chamegos vitorianos.

* * *

Acordei nu, enlameado no chão empoeirado.

Minhas roupas estavam dobradas num canto oposto, onde minha carteira intacta repousava sobre o monte organizado. Na parede de tijolos havia uma mensagem em traços brancos por cima da terracota:

“VALEU, TRUTA. MINHA POLACA-DELISIA!”

Convalescendo. Jundiaí. O beijo...

31.07.2005.17.05 – Dia 07

Ao encarar meu rosto no espelho hoje pela manhã, agradei a todos os santos por não haver marcas profundas e comprometedoras da tarde anterior.

Sorte que meus tios não contemplaram meu estado crítico, pois cheguei à casa feito trapo humano: roupa suja, pele repleta de hematomas, olhos trincados, retinas fragmentadas, cérebro inativo... tudo “em manutenção”.

Catei um tiozinho na Ponte São João, perto do Russi, implorando para que ele me levasse até o bairro Eloy Chaves. Foi um cu convencer o taxista que eu não era um marginal (será que não?) e que tinha dinheiro suficiente para bancar a porra da corrida.

* * *

Dor. Dor. Dor do caralho!

Assim que acordei, percebi que meu rabo se transformara num disforme repolho roxo. Não imagino dar meu Toba nos próximos dias, pois tudo no hemisfério sul continua envolto em chamas lacrimosas.

Passei o dia em molhos etílicos. Assisti as besteiras da tevê aberta, vi pela milésima vez a primeira Missão Impossível, engoli litros e litros de cerveja quente: atos realizados com meus restos estirados no espinhante tapete da sala.

Tia Corada ligou por volta das quatro, afirmando que chegariam lá pelas sete, no máximo oito da noite.

Quando os raios solares perdiam suas forças ao cair da tarde, resolvi caminhar um pouco, sem estabelecer uma rota definida. O bairro estava mergulhado no silêncio típico de um domingo deplorável, sem demais expectativas. Todos temiam a maldita Segunda Feira da Silva.

Parei num posto e comprei uma Skol em lata. Ao sair da loja de inconveniências, o azul de uma camisa amarrotada despertou minha atenção. Em pleno domingo amarelado e afogadiço, ver um homem todo social é sempre uma visão deslumbrante, isto é... quando o mesmo não se trata de um neo-protestante-fanático-hipócrita-etc.

Trocamos olhares adolescentes. Ungi meus lábios com o segundo néctar dos deuses. Aguardei com sincera paciência Camisa Azul entrar, usar e depois sair de um Caixa Eletrônico Itaú. Cruzamos o mesmo caminho, adiantei-me e dei um “olá”!

Camisa Azul me cumprimentou com um sorriso tímido, encantador, órfão. Notei que seu olhar recaiu sobre minhas coxas brancas marinadas, apaixonado pelos fios dourados.

Caminhamos lado a lado por alguns metros arrastados. Ele revelou seu nome. Eu também disse o meu. Trocamos um másculo aperto de mãos ariscas.

Ele trabalhava a quatro quarteirões de onde estávamos. Dera “plantão” para um grupo de clientes que só podia ser recebido aos domingos.

Sim... Azul era advogado.

Convidou-me para entrar e conhecer seu local de trabalho. Idiotício, eu aceitei a chamada com um sorriso malicioso escancarado na fuça vaporosa.

A sala era pequena, quase claustrofóbica, mas muito bem organizada. Avaliei as paredes em branco e azul, os poucos móveis marfim, um computador antigo, fax, impressora matricial e os indefectíveis livros de Direito bem aprumados numa estante de metal.

Quase fui às lágrimas ao encarar o toque de sensibilidade do ambiente profissional promovido por um vaso de orquídeas artificiais e um porta-retratos em formato de urso fanfarrão que “guardava” em sua barrigona a imagem de dois pimpolhos sorridentes.

Não sei o motivo, mas confesso que eu respirei esperançoso ao querer acreditar que eram seus sobrinhos!

Não trocamos mais palavras. Somente um demorado abraço necessário selou de vez nossa fusão. Como a pedir permissão com seu olhar mareado, Camisa Azul buscou meus lábios com um respeito desnecessário. Curti um dos melhores beijos que já experimentei na vida. Voejamos até a nona dimensão.

Ora sentados no sofá-recepção, ora deitados no chão acarpetado; na boca, nas faces, no pescoço, nas orelhas, no queixo e nas mãos, nossas línguas pincelavam toda nuance de um prazer pacífico. Apenas beijos lentos ou demorados, intercalados com leves mordidas no queixo e na nuca. Línguas entre brasas desbravando troncos sensuais. Esquecemos nossos sexos bem

guardados em seus invólucros sociais. Camisa Azul não se cansava de alisar meus longos cabelos fúlvidos. Fizemos amor de olhos fechados e olhares abertos. Curtimos nossas mãos a liberar carinhos românticos à moda antiga em bochechas lastimosas e almas miseráveis numa tarde de domingo que deixou de ser monótona.

Dopado. Jundiaí. Dark Room...

01.08.2005.23.58 – Dia 08

#ironiaON:

Hoje foi mais um McDia Família Feliz a abrilhantar uma segunda-feira pra lá de chatonilda.

#ironiaOFF.

* * *

Logo após o jantar, enfurnei minha alma alquebrada em meu quarto provisório. Após pedir autorização dos meus tios para tomar conta da linha telefônica por tempo indefinido, pluguei meu iBook e entrei no chat do UOL com o apelido: *sexo_a_tres*.

Depois de dispensar uma chuva de curiosos imbecis, *dark_room* me chamou para um papo. Durante as primeiras frases padronizadas, até que Dark aparentava ser um cara bem fofo. Finalmente alguém com cérebro avantajado na Internet. Uma conversa rápida e objetiva foi trocada entre nós.

Como preciosa dica pós-papo maneiro, Dark indicou-me um local, pedindo para que eu chegasse pontualmente nove da noite. Deu-me uma senha. Disse o valor a ser pago. Despedimos-nos. Hipercurioso, eu deixei a sala virtual e desliguei meu note.

Tomei um banho caprichado, certificando que tudo em mim-eu-mesmo ainda se mantinha nos devidos conformes. Com a ajuda de um diminuto espelho e muito contorcionismo, dei uma espiada no traseiro. Ufa! As marcas da última trepada tornaram-se lembranças quase imperceptíveis.

Coloquei uma roupa fácil de ser removida. Apanhei uma cópia da chave da casa, dinheiro suficiente para a condução e algumas bebidas pós-fodaria, além de separar os setenta reais solicitados para custear o ingresso no Gaycenter.

Não portei documentos. Dei um “vou sair com amigos” para os meus tios e lá fui eu desbravar meu novo ponto de encontros.

* * *

Ao chegar à Rua Rangel Pestana, fiquei boquiaberto diante da fachada de uma construção muito antiga, porém divinamente restaurada.

Imprimi dois toques na campainha, sendo um longo e um curto, conforme as instruções. Aguardei dois minutos.

A porta foi semiaberta e um timbre espanéfico perguntou-me a senha.

“Ishlibdish”, respondi, tentando não gaguejar, rir e sair correndo dali... tudo ao mesmo tempo!

O Novo Mundo foi escancarado e o primeiro cheiro de uma alfazema paraguaia invadiu meus domínios. Um rapaz muito jovem, trajando somente uma cueca branca e um par de havaianas provavelmente azuis me conduziu até um imponente aposento.

No centro de uma cromada mesa redonda e compacta, havia uma caixa de madeira repleta de preservativos governamentais e amostras grátis de lubrificantes das mais variadas marcas.

“Vai usar?”, ele questionou-me, desinteressado.

“Não... não vou”, eu respondi, eufórico e decidido.

O rapaz fanhoso (seria ele Dark, o Interessante?) não manifestou nenhuma reação visível. Paguei o valor da entrada.

“Aqui... sua chave. No final daquele corredor, vire à esquerda e guarde sua roupa. O banheiro fica do lado oposto aos armários vermelhos. O banho é obrigatório. Depois... atravesse, nu, a porta vinho. Alguma dúvida?”

Fiz que “não” com um tosco movimento da minha cabeça baralhada, excitada, retardada.

Segui o mapa traçado pelo meu anfitrião. Guardei minhas roupas no armário de número doze. Dentro dele havia uma espécie de “kit-dove” e uma toalha fofinha dentro de um saco plástico fosco. Calcei um par de chinelos pequenos demais para os meus pés pranchados. No ambiente quase sem luz, notei a presença de um casal de jovens bêbados em carícias picantes, preparando-se para o Bom Foder.

Eles não se importaram quando fiz uma nada discreta foto. Combinamos que eu não divulgaria identidades (como se eles estivessem em condições de “combinar” qualquer coisa). Mostrei o resultado na telinha. Guardei o celular no armário.

Entrei no banheiro iéloumente iluminado. Uma ducha de água acorda-

defunto preparou-me para uma aguardada noite de orgias. Enxuguei o corpo pálido na numerada toalha felpuda, deixando-a pendurada numa espécie de varal improvisado ao lado do Box de acrílico.

Amarrei a chave no pulso, respirei fundo, debochei uma prece herética enquanto abria a mística Porta Vinho e entrei num universo caliginoso, estranho, assustador.

Logo de cara esbarrei numa pilha de ossos, onde mãos delgadas seguraram meus braços reticentes, me conduzindo lentamente para o centro da luxúria.

Fui empurrado contra uma parede texturizada. Outras mãos descobriam meu pau flácido, tímido, aturdido. Bastaram alguns segundos para que uma camuflada boca profissional moldasse meu membro ao seu bel prazer, sugando-o com força, deixando-o pronto para o que prometia ser boa hora de um alienado *tesaum*.

Estiquei minhas mãos à procura de outros sexos. Elas foram agraciadas ao tocar peles macias, ora peludas, ora lisas, ora em cacetes bizarros de tão descomunais, ora em varas tortas, porém muito espertas; ora em bundas flácidas, outras vezes em rabos cinematográficos.

Meu rosto foi puxado com doçura e logo senti uma língua maturada a me consumir o Terceiro Céu. Em rodopios delirantes, outros dentes arranhavam minhas costas e mais outra boca perfurava as laterais do meu rabo epilético. A mesma língua que me beijava agora perscrutava meu pescoço: ponto fraco do meu corpo sensual.

Fui conduzido com certa ferocidade até engolir uma lenha curta e espessa, onde a textura das veias empapuçadas ampliava a minha ânsia de “quero mais, muito mais!”. Realizei a contento minha parte, como sempre. Degustei minutos febris de fodaria oral em todos os poros.

Cansado daquela rotina, saí da minha posição submissa, deixando meus parceiros incógnitos continuarem o enlace dos escapes difusos no etéreo.

Rastejei em passos lentos, calculados, tateando no breu. Mais pelos foram tocados. Mãos e paus e bundas e hálitos densos cruzavam meu descaminho. Senti, por afinidade, um peito deveras cabeludo. Na mesma hora puxei aquele macho para mim. Ganhei um beijo fastidioso em troca da minha ousadia. Em contrapartida, mãos estúpidas e afobadas buscaram minha bunda macia, acesa, disponível.

Nossas quatro espadas debateram-se no confronto do Grande Apetite. Percebi que meu homem era casado ao sentir a saliência algente de uma aliança delicada.

Sua barba de três dias – irregular e provocante – causava calafrios ao roçar meu pescoço melado. Beijos e mordidas revezavam-se nos instantes de temerária união.

“Vire”, ele cochichou sobre meu ouvido defumado (oh céus... que voz era aquela?). Obedeci de imediato.

Senti o estalar de uma embalagem plástica sendo dilacerada. Ele colocou o preservativo umedecido em seu membro calejado. Lambuzou meu cu com uma substância estranhamente lima, porém agradável ao toque. Abaixou com suavidade as minhas costas bambas, deixando-me de quatro, minha posição favorita.

O Grande Urso abocanhou com suavidade minha nádega esquerda, levando sua língua seca a perambular pelas minhas costas fumegantes, até atingir minha nuca bem unguada, áspera, excitada, enquanto enrolava meus cabelos em seus dedos dominadores.

Com habilidade veterana, ele empurrou seu ferrete até o centro do meu forno embebido em lava. Enlouqueci com sua enterrada a ceifar meu perispírito abismado.

Meu cu mordiscava o Pelúnico completo em mim-eu-mesmo, enquanto mãos enigmáticas tocavam minhas faces, dedos eram enfiados em minha boca e diversas vigas debatiam-se em meus ombros e noutras laterais, sendo masturbadas por seus donos como se o mundo fosse acabar em exatos dezoito minutos!

Alguém esporrou no meu braço esquerdo. Adorei sentir o leite condensado a escorrer nas vielas dos meus poros ariscos.

Casado continuava sua fantástica performance atrás de mim, enquanto eu sentia outras cobras a seduzir minha boca-eva.

Grande Urso Casado da Silva urrou, cravando suas unhas em minha bunda, retirando o caralho plastificado do meu rabo em chamas corrosivas.

Nem tive tempo para relaxar, pois outros braços já tentavam dominar o segundo tempo. Uma boca-piranha passou a mordiscar as últimas pregas intactas do meu cu histérico, aprumando o orifício molestado.

Enquanto meu traseiro era sugado por lábios voluptuosos, uma pegajosa mão delgada manipulava meu sexo para cima e para baixo.

Fui penetrado novamente. O odor da alfazema parecia ter se intensificado. Meus delírios variavam entre a falta de razão e o embotamento total.

O macho esquelético e rançoso que agora me fodia – sem proteção! –, gozou um Niágara sobre minhas costas, sendo que o alcance da sua cola escolar atingiu até meu pescoço de alumínio.

A mão atormentada daquele sujeito começou a espalhar sua essência avinagrada em todos os vãos do meu espírito isento de culpas. A sensação era incomum, porém devo confessar que aquele ato me fez sentir... purificado.

Um ritual de passagem.

Um batismo a confirmar de vez minha linda insensatez.

Com o avançar das horas, aquele cubículo parecia engolir cada vez mais e mais e mais Viris e Deslumbradas sem identidades.

De cócoras em um canto devaneio, eu tentava descansar um pouco, recuperando fôlegos. De vez em quando coxas e varas esbarravam em meu ser (cada vez mais) incandescente. De vez em sempre eu segurava um músculo desorientado, encaixando-o entre meus lábios ressequidos.

Perdi a noção do tempo e minha localização no espaço.

Recuperada a energia, levantei meus restos suados, pondo-me ereto, e voltei a tatear paredes e pelos e almas em busca de reciclados estímulos.

Queria penetrar um macho, desejo que não precisou de muito esforço para ser saciado. Foi muito fácil encontrar um bom rabo à disposição.

Escolhi uma bunda desprovida de pelos que contrastava violentamente com um verdadeiro cobertor a cobrir coxas robustas, agradáveis ao tato.

Não resisti e lasquei minha língua naquele cu recém-usado, com gosto de látex. Cuspi sobre meu pau e violencei o rabo liso, pouco me importando com o possível prazer do meu Escolhido. Eu acumulava tesão e não demorei para gozar nas profundezas daquele meio metro masculino. Nem mesmo havia retirado por completo meu membro do buraco largo e uma bocavanhaque engoliu Jäger Júnior, fazendo o resto do serviço, lambendo e sugando e deixando meu báculo pronto para uma nova investida. Insanidade total!

Dezenas de homens aderidos. Centenas de beijos ora intensos, ora delicados, trocados novecentas vezes por minuto.

Houve um momento em que consegui discernir sete homens fodendo o Curitiba aqui ao mesmo tempo. Viajei entre beijos, chupadas, penetrações, cheiros, secreções e posições inimagináveis!

Fui amado, fui usado, fui delicado e ao mesmo tempo violento.

Fui humilhado, humilhei.

Todos os meus baixos prazeres foram satisfeitos.

Na companhia de seres estranhos e suas identidades veladas, pude expor o mais ralé do meu ser e me sentir o mais grandioso dos homens, em atitudes espúrias e irresponsáveis tomadas de consciência desperta.

Entrei no Jogo disposto a tudo. Ainda não quero saber o resultado de nada. Preciso continuar. Pago o que for necessário – em todos os sentidos! – para explorar além dos meus limites. Eu vou chegar ao fim desta jornada.

Eu vou trepar com qualquer macho que sulcar o meu roteiro.

Divertido. Jundiaí. Terminal Rodoviário...

02.08.2005.12.12 – Dia 09

Acordei bem-disposto e com uma puta vontade de comer bolo de chocolate. Torrei a paciência da minha tia durante uns vinte minutos.

“Vá comprar o Nescau!”, ela disse aos berros, não aguentando mais as súplicas do mimado sobrinho pidão.

Com dinheiro e uma carteirinha na mão, lá fui eu até o Coopercica comprar o ingrediente primordial da sobremesa que mais amo nesse mundo.

Antes de chegar ao supermercado, passei na frente do Terminal Rodoviário do bairro. Não resisti a tentação e resolvi arriscar algo rápido, safado, necessário. Comprei minha passagem para lugar nenhum. Caminhei a esmo entre ônibus, passageiros e funcionários durante equações indefinidas. Descobri o banheiro público – doce lar de todas as fastfodarias – e lá fiz meu ponto, como de costume.

Desperdiçando uns dez minutos sem rolar uma sacanagem sequer, eu estava quase desistindo, quando finalmente entrou uma possível vítima. O velhote – saquei que era cobrador de ônibus – colocou o pintico para fora. Olhou de relance meu mastro erguido e tentou puxar conversa comigo, proferindo uma piada medonha:

“Meu pinto é igual a milionário... nunca tá duro!”

Soltei um quarto de risada falsa, amarelada, indigesta.

Sussurrei ao pé do ouvido daquele coitado, afirmando que eu poderia deixar aquele “pauzão” bem duro dentro da minha boca, se ele quisesse.

Imediatamente comecei a acariciar o pedaço de nada. Após um exaustivo soca-soca, o dito-cujo resolveu conceber uma reação. Endureceu meio grama.

Soltei a minhoquinha anoréxica e entrei num reservado, convidando Cobrador Animado para se juntar ao Curitiba Safado. Ele pestanejou um pouco. Olhou na direção da entrada do recinto. Tudo liberado.

Eu estava “montado” de cócoras sobre a bacia da privada. Cobrador entrou e trancou a porta. Inclinei a cabeça e comecei o serviço. A reação da coisa minúscula até que foi divertida, amolecendo e endurecendo conforme a pressão do meu “sugamento”.

Cobrador não gozou. Estava muito nervoso. De um jeito patético, ele implorou para deixar o reservado. Permitti.

Quando eu me preparava para sair, ele insinuou educadamente para que eu permanecesse ali por mais alguns minutos. Acatei a decisão. Observei sua partida, deixando a porta entreaberta. Como um perfeito babaca, fiquei ali, disfarçando, como que a urinar vinte litros de antigas baladas.

De repente, um polaco entrou sorrateiramente no meu espaço.

Tapou minha boca e perguntou num tom quase inaudível cuspidado em meu ouvido direito se era eu que *tinha feito* o amigo dele. Respondi um “sim” com um leve e desnorteado aceno de cabeça.

“Cara, você caiu do céu!”, ele disse, num lamento excitado.

“Dá um trato na minha pistola, minha Vida. Eu preciso muito disso... agora!”

Voltei para minha posição de batalha. Polaco jogou uma bolsa azul enorme na extremidade da porta para evitar que algum curioso pudesse olhar pelo vão inferior.

Tal atitude me deixou... sei lá... mais tranquilo. E assim pude dar meu máximo num boquete quase celestial.

O “polacão” era muito encorpado e não acomodava por inteiro na minha boca. Polaco parecia não se preocupar com meu bem-estar, pois a cada investida, ele tentava forçar mais e mais o mastro bege nas profundezas violáceas da minha frágil garganta nada profunda. Sufoquei por diversas vezes, chegando a perder lapsos de rara consciência. Mas devo confessar que, no íntimo, eu estava adorando aquela experiência.

Era divertido ser fodido oralmente e ouvir as lamúrias dos homens além da porta, ruminando sobre seus trabalhos, mulheres, futebol e sexo, enquanto desaguavam suas agruras. E eu ali tendo minha feliz bocarra arregaçada por um alegre cacete albino.

Quando o Silêncio fez moradia, Polaco parou de foder minha garganta elástica. Desceu o hálito nicotinoso até minha nuca e perguntou-me, ofegante, se eu deixava “gozar na boca”.

Fiz um sinal afirmativo e ganhei um sorriso de dentes falhos e um beijo suga-cérebro arretado, surpreendente!

“Minha patroa não me deixa fazer isso com ela. Puta merda, esse sempre foi meu sonho!”, ele sussurrou, lambendo meus lóbulos lunáticos, a voz

dissonante quase traindo nossa presença naquele espaço claustrofóbico. Comovido, sorri para Polaco e recoloquei o poste espetacular na boca. Suguei, chupei, lambi e engoli aquele membro agora com muito, muito, muito mais determinação e alegrias. Por piedade, eu queria proporcionar o verdadeiro prazer para aquele homem rústico!

Uma idiota a tal da “patroa”. Se ela tivesse noção que é por frescuras assim que muitas mulheres perdem seus maridos para quem sabe proporcionar algo tão simples e prazeroso a fim de satisfazê-los...

O suor escorria pelo meu rosto inchado. Outros machos entravam e saíam para desaguar suas duras necessidades. Polaco mordia os lábios para não gritar. Um chafariz em galopes inundou minha garganta, atingindo a terceira auréola do meu coração.

Mesmo em coma, eu não diminui o ritmo. Continuei por mais alguns instantes, nauseado, até a última gota incandescente aplainar no fundo da minha in(sã)na consciência.

Polaco descansou por alguns segundos. Enxugou o rosto sardento com as costas das mãos avermelhadas. Fechou o zíper da calça preta. Alinhou a camisa amarela. Roubou-me um último beijo, talvez por misericórdia, talvez por agradecimento. Tirou a bolsa azul do caminho, abrindo apenas uma fresta da porta. Confirmando ninguém ao redor, saiu quase saltitando!

Selei o reservado e dei um tempo para minha lucidez voltar ao normal.

* * *

Quando abri a porta, notei uma bichinha – dessas bem quaquarinas – sacudindo o caralhinho fino e duro num dos mijadores. Quis rir, mas engoli minha ironia e compus a cara mais máscula que minha personalidade permitia.

A bichinha ficou encantada com meu dote, que continuava rochoso por baixo do agasalho de moletom. Seus olhos opacos encontraram meu olhar verde-mar, ambos replicantes na busca de mais sexo.

Toquei meu pau, acariciando tecidos. O sinal padrão da sacanagem macholina. Bichola empinou o rabo que estava escondido atrás de uma calça social cinza, agarradérrima, que contrastava violentamente com o amarelo-sol do uniforme da empresa léva-e-tráís.

Sem cerimônia, enchi a mão no traseiro do rapaz. Eita bunda macia. Parecia um travesseiro da Nasa. Era muita carne para ser degustada. Aproximei minha boca com gosto de porra próximo do seu oleoso ouvido direito.

“Chupas?”, eu disse, mordiscando a ponta de uma orelha delicada.

Bichola ficou doida.

Voltei para o meu reservado, dessa vez espremendo o corpo ao máximo no canto da parede ao lado da privada, expondo Jäger Jr. em toda sua empáfia.

Fascinada e entorpecida, Bichola entrou, travou a porta e engoliu minha pica com voracidade. Não demorei muito para enlamear aquela boca decadente, porém, elegante.

Egoísta e com a alma em prantos, eu terminei o serviço. Empurrei Bichola para um canto, sem pedir educada licença. Destravei a porta.

Ao sair, dei de cara com um motorista trintão. Ele não ficou nada surpreso ao confirmar dois homens dentro do reservado. Quando notou a presença de Bichola, o fanfarrão não aguentou, soltando a seguinte pérola:

“Porra meu, além de nós e os cobradô, agora cê tá atacando também os passagêro?”

Tremendo. Jundiá. Bandeirantes...

03.08.2005.23.18 – Dia 10

“Tô dando um tempo no Frango Assado da Bandeirantes. Você pode vir pra cá... agora?”, indagou *fodacar (hxh)* no *chat* do UOL.

Em menos de quatro minutos de conversa resolvemos marcar um encontro no lugar combinado. É claro que eu menti, dizendo que estava próximo. Na verdade, eu nem sabia onde era esse tal de “frango assado”.

Doze minutos após me arrumar, passei voando pela sala, onde meus tios aguardavam o começo da novela das oito, nove, sei lá.

Graças a minha Tia Corada e sua agendinha bem nutrida, um táxi já me esperava na porta. Disfarcei minha pressa, afirmando para o casal que eu estava atrasado para uma sessão de cinema lá no Maxi Shopping.

Quando cheguei ao imenso e prático lugar de encontro, despachei rapidamente o taxi e liguei meu radar, à procura do meu amante executivo.

Caminhei um pouco pelo local abarrotado de estranhos viajados, tremendo feito um idiota no cio, tentando localizar um Toyota chumbo.

Ele me achou.

Um leve buzinar conduziu-me até um negro belíssimo, trajando um impecável conjunto em risca de giz, sentado no banco de couro do carro que considero magnífico.

A porta estava aberta e mesmo à distância pude notar a perfeição estética daquele corpo e o tentador volume de um mastro metálico adornando a calça de tecido caro e de caimento perfeito. Acredite: era como estar num *set* de filmagem do *Hot Older Male!*

Fodacar encarou a encomenda sulista de cima a baixo durante a troca de um doloroso aperto de mãos.

“Uau! Você é bem mais gostoso do que na foto. Vamos até o banheiro, preciso conferir algo. Tenho pouco tempo. Campinas me espera antes das onze!”, ele disse, entre suspiros e ansiedade, usando um tom de voz que me deixou “molhadinha”.

O homenzarrão fechou o HP e desconectou a placa que permitia a comunicação sem fio. Ele trancou o carro. Fomos até o banheiro.

Ele riu quando notou que eu o estava fotografando enquanto nos dirigíamos para a casa dos prazeres ocultos.

“Rapaz, você vai me colocar na Internet?”

Eu disse que não, mas que talvez relatasse nosso encontro para alguns *jägfãs* ansiosos perdidos nesse mundão morfético. Fodacar olhou com seriedade para mim, aliviando em seguida a expressão facial quase severa com um largo e cinematográfico sorriso.

“Não mostrando meu rosto, faça com as imagens o que quiser. Acho que posso... confiar em você.”

Entramos no banheiro. Ele conduziu o branquelo aqui até um reservado, pedindo para que eu abaixasse minha calça, a fim de expor por completo minha bunda nevada. Realizei o pedido e senti uma pesada mão decidida a me apalpar com gosto.

“Maravilhosa!”, ele trinou, gargalhando em descompasso.

Mesmo de costas, eu posso jurar que ele estava lambendo os lábios... de tanto desejo. Logo em seguida, enquanto ele dava um mijão, aprumei a calça, conferi meu penteado e saímos do recinto que recendia a Pinho Sol.

Ao entrar no palácio ambulante, quando o mesmo foi posto em movimento durante a manobra para deixar o estacionamento, Fodacar pegou minha mão e me pediu para retirar sua bengala do invólucro luxuoso.

Quando abri o zíper delicado do tecido admirável, retirei debaixo da cueca samba-canção não um pênis comum, mas sim uma viga monstruosa!

Eu jamais havia visto – mesmo em fotos manipuladas que pipocam na Grande Rede – um sexo tão grande, tão volumoso, tão belo, tão... excitante.

“Será que você vai aguentar meu trabuco inteiro nesse teu rabo gostoso? Até hoje foram poucos que suportaram a fúria do meu Conan, o Bárbaro!”

Eu apenas sorri “toda tímida” diante dos fatos. O “conan” realmente era espetacular, esculpido por um inspirado Gabriel cheirado até as tampas.

Cara. Na boa. Sei que pode parecer um puta clichê. Mas aquilo era um verdadeiro caceTUUDDOO!

Ao cairmos na estrada, tentei com toda minha experiência engolir o Empire State. Minha boca não passava da cabeça. Era impossível chupar aquele caralho com o carro em disparada.

Quando deixamos o pedágio da Bandeirantes, Fodacar encostou o Toyota

num local nada iluminado, deserto, que cheirava a medo e solidão, apesar da intensa algazarra da pista bem ao nosso lado.

“Vamos foder aqui. Agora!”, ele afirmou, com muita autoridade no tom de voz. “Vai, sulista, enfia a garganta de vez nesse caralho.”

De joelhos pétreos fincados no convidativo banco de couro, finalmente abocanhei com gosto aquela viga. Suei um bocado para conseguir engolir metade de tudo. O macho não emitia som. Mas eu podia notar no seu olhar entorpecido o palpável prazer que eu estava lhe proporcionando.

Os veículos passavam a toda velocidade praticamente grudados em nós. Minha adrenalina estava a dois mil por hora. O temor de que algum policial aparecesse ou, pior, que algum vagabundo desse de frente conosco naquele oculto surreal mantinha meu coração a disparar aloprado.

“Saia do carro”, rugiu Fodacar. Ele destravou as portas e saiu junto comigo.

“Aqui, venha. Abra as pernas e encoste as mãos no capô”, fiz o que ele ordenou.

Era inacreditável. Fodacar havia baixado minha calça e lambia minha bunda, enquanto eu ficava observando, atônito, as centenas de luzes que rodopiavam por segundo a poucos centímetros de onde nós estávamos. Eu transpirava em galões, mas Fodacar parecia não se importar com esse detalhe trivial.

Ao ver uma luz distante diferente da usual, meu coração quase saiu pela boca, com medo de que fosse um carro-patrolha. Depois de muito morder e lambeo meu rabo, Fodacar tirou uma bisnaga do bolso da calça. Despejou todo o conteúdo do KY no seu membro, deixando-o melado e pingante.

“Fique quieto, você vai gostar”, ele grunhiu, num grito endemoniado.

Fodacar abriu ainda mais o rasgo do meu rabo. Posicionou o empinado tronco diante da porta que separa dois infernos. E, finalmente, ele atochou trocentos centímetros de uma só vez, num penetrar lento e constante e certo.

Não deu pra aguentar. Soltei um urro forte e estridente, acordando todos os espíritos guardiões da estrada. Senti que tudo sangrava, mas o Príncipe de Ébano não estava disposto a retirar seu Cajado do meu calor tão cedo.

Quase destroçando minha cintura, Fodacar entrava e saía do meu rabo com violência incontida. Meu olhar ficou perdido na imensidão do asfalto. Luzes vermelhas, amarelas e brancas turvavam minha mente em desalinho.

O sonhado prazer dera lugar a crua e nua dor. Eu não sei por quanto tempo suportei aquele vai-e-vem-e-fica-e-força estonteante.

Quando estava para gozar, Fodacar segurou meu pescoço com as duas mãos. O ar fugiu dos meus calcanhares. Ele estava me sufocando!

Fodacar emitiu um urro assustador e forçou sua pica até o lado mais profundo do meu ser. Senti o gozo fumegante calcinando minhas entranhas estropiadas. Suas unhas não aliviavam a pressão no meu pescoço. Perdi os sentidos, até que aquelas mãos graves retorceram meu corpo como se vira uma boneca de pano, e uma boca de lábios protuberantes buscaram meus lábios desalinhados. Fodacar me sufocava com um beijo bruto e egoísta. Eu não encontrava espaço suficiente para recuperar a respiração e a vontade de viver. Em nosso transe, ouvíamos buzinas e flashes de faróis altos carcomendo nossa luxúria. Eu estava perdido em Marte, sem as carícias e segurança de uma íntima Vênus. Fodacar buscou minha pica embutida e começou a me chupar com vigor renovado.

“Eu gozo, você goza, sulista!”, ele gritava acima dos motores e escapamentos, entre uma sugada e outra lambida no meu cacete atarantado. Sua mão outrora estúpida passou a me masturbar com incrível suavidade. Eu entreguei meu gozo afogueado para a noite frígida. Dois homens incorporados na Alucinação. Luzes, sons, frio e calor se misturavam durante meu borbulhar provocado por um êxtase violentado.

* * *

Após breves instruções, um ausente Fodacar despachou um anestesiado Sulista ao lado da fábrica da Pepsi, localizada no bairro Eloy Chaves. Não houve despedidas. Aliás, não trocamos nenhuma frase completa após a fodaria.

Caminhei cambaleando meus pensamentos pelas ruas vazias até chegar à casa dos meus tios. Evitei passar pela sala, pois Tio Barriga assistia o intervalo de uma partida de futebol em um canal sem som. Dei a volta pelo corredor externo e entrei na residência pela cozinha, onde, por sorte, a porta continuava destrancada.

Ufa... Tia Corada já havia se recolhido.

Deixei a água abrasadora escorrer através do meu corpo gelado, rabo

estropiado, espírito abaçanado. Notei um difuso filete de sangue a abandonar meu íntimo jovial, tingindo de vermelho-remorso o piso verde vitrificado daquele banheiro antiquado.

Surpreso. Jundiaí. Serra do Japi...

04.08.2005.14.02 – Dia 11

Esgotado, apático, neutro, abatido.

Foi assim que me vi diante do espelho, ao acordar meu corpo deslocado.

Após o café da manhã, pedi emprestada a Barra Forte reluzente (com um providencial banco muito macio) do Tio Barriga e fui dar umas voltas pela vizinhança. Como o dia estava bonito e a temperatura amena, eu resolvi esticar até a Serra do Japi.

Depois de muito pedalar na estrada principal que liga o bairro ao alto da serra, avistei um guarda municipal que havia estacionado o carro no meio da estrada e aparentemente observava alguma anormalidade nas imediações.

Do nada, parei para conversar. Sorridente e prestativo, trocamos ideias sobre o clima, sobre o Paulista, sobre as maravilhas da minha cidade onde tudo funciona, entre outras bobças. O papo corria solto e nada indicava que daquela troca de trivialidades pudesse pintar algo mais *caliente*.

Guardabelo era muito simpático, atencioso e educado. Adorador ferrenho da sua terra da uva, ele proporcionou-me uma verdadeira aula sobre a serra grandiosa. Que agradável compartilhar daquela companhia.

“Quer conhecer um lugar especial?”, ele disse, um tanto ansioso demais. Respondi que sim.

“Então me siga. E é melhor você ir na sua bicicleta.”

A dois por hora, acompanhei o poliça fofo até um local encantador. Árvores frondosas proporcionavam sombra abundante e o canto suave das águas alisando uma das inúmeras cachoeiras da região relaxavam meus sentidos amorfos.

Guardabelo parou seu carro oficial numa íngreme estradinha. Pousei minha bicicleta ao lado da viatura. Num banco rústico de madeira despejamos nossos corpos boquiabertos, enquanto eu apreciava a magnitude de uma beleza cem por cento divina.

“Sou casado”, pigarreou Guardabelo.

“Mas gosto de curtir homens de vez em quando. E você?”, ele completou, tocando de leve a minha coxa direita.

Fiquei tão surpreso com a objetividade dele, que não saiu nada da minha

boca tonta. Imediatamente Guardabelo retirou a mão do meu espaço, sentindo-se pra lá de constragido.

“Por favor, me desculpe, eu não queria ser indiscreto, muito menos constranger você. Não vou forçá-lo a nada, não se preocupe. Por favor, não tenha medo de mim.”

“Calma, tenha calma. Você não me assustou, nem me constrangeu. Longe disso, você é muito simpático e... apetitoso. Acho que não acordei ainda e a ficha demorou a cair”, eu disse, doido por aquele bigodão, buscando sentir as mãos paternais do homem da lei.

“Você... quer brincar comigo?”, ele ansiou, todo beterraba, o rosto corado e hiper tímido, despertando de vez o meu tesão.

Aproximei e busquei um beijo. Nossas bocas foram feitas uma para outra, pois o enlace foi suave, carinhoso, de cinema. Entre carícias orais em bocas, orelhas e pescoços, Guardabelo buscou a rigidez do meu sexo.

“Com homem, sou somente Passivo... tudo bem pra você?”, ele comentou receoso, entre tímidas mordidas no meu ombro.

Fiquei com uma vontade enorme de rir, pois se ele quisesse foder meu rabo, certamente eu não poderia atender seu desejo, já que minha parte baixa continuava arregaçada e muito, muito, muito dolorida.

“Sim, homem da lei e da ordem, sou somente Ativo numa relação, fique sossegado”, respondi com a cara mais falsa, lavada e idiota possível.

Guardabelo abriu um largo sorriso.

“Aqui não aparece ninguém, pode ficar despreocupado. Eu conheço muito bem essa região”, ele me acalmou, ficando em pé, afrouxando o cinto largo de couro gasto. Da vestimenta azul surgiu uma bunda branca, lisa e luxperfumada.

Com a calça arriada e as mãos apoiadas no banco de madeira, Guardabelo ficou de quatro, na expectativa de obter muitas alegrias naquela manhã agradável. Mesmo exausto, eu não poderia desperdiçar a chance de possuir um homem de verdade. Comecei o serviço lambendo aquele cu rosado.

“Porra, isso é muito bom, caralho!”, gritava o guarda. “Não para, não para... porra, enfia mais a língua, me fode com essa língua, porra, CA-RA-LHO!!!”

Levei deliciosos dez minutos na fodaria oral. Guardabelo pediu para

tirar o preservativo que havia no bolso esquerdo da sua farda. Peguei o invólucro e lutei para romper a primeira fase. Enquanto isso, eu impus um belo trato na minha vela de quatro dias, pois eu queria enlouquecer ao sentir aquele bigode-magnum roçando toda extensão do Jägerzão.

Mas ele recusou meu pedido, dizendo que não sentia nenhum prazer em chupar, só em “dar”, nada mais. Respeitei o veredicto, envelopei meu pau e penetrei com muita tranquilidade aquele cu molhado, convidativo além da lenda.

Não mudamos de posição, permanecendo na “de quatro” até o final do ato. Gozei, muito satisfeito, e relaxei meu corpo sobre o Grande Urso do Retiro.

Recomposto, retirei meu membro com suavidade, evitando que a camisinha esplofeteasse chão abaixo. Tirando-a e dando um nó na base, joguei o látex cheio de vidas dentro de uma descomunal lata de lixo, próxima ao banco de madeira. Coloquei e ajustei minha bermuda, sentando-me em seguida no tronco natural.

“Preciso gozar, você me ajuda a gozar gostoso?”, pediu Guardabelo, despejando sobre mim uma expressão quase angelical.

“Claro”, respondi, emocionado. “O que você quer que eu faça?”

“Me beija, cara!”, ele implorou. “Me beija muito, com intensidade, enquanto soco uma punheta e acaricio esse teu cabelo de anjo, pode ser?”

“Quer que eu te chupe um pouco?”, perguntei por perguntar.

“Não, isso deixo para minha mulher, me desculpe”, ele replicou, transformando-se imediatamente num pimentão fardado.

Abismado diante de tanta doçura exposta por um sujeito machão em que eu jamais depositaria minhas fichas numa terceira variante sexual, esbocei um leve sorriso e busquei aquela boca taturana, de lábios inchados, mágicos, envolventes.

Trocamos um século de beijos enquanto ele se masturbava. Entre grunhidos masculinos e gemidos afeminados, o guarda depositou uma quantidade considerável de sêmen sobre a grama verdinha.

Guardabelo limpou o *peepo* com um pedaço de papel higiênico retirado do bolso da calça multiuso, sem afastar sua língua da nossa doce batalha de dois vencedores ocultos.

“Muito obrigado, Curitiba, foi muito boa a nossa brincadeira. Até quando você fica aqui em Jundiaí?”, ele perguntou, transparecendo mil ansiedades.

Confirmei que ficaria até o final do mês de agosto.

“Espero que a gente possa se ver mais vezes. Adorei curtir um amor com você.”

De posse da bicicleta emprestada, me despedi de Guardabelo.

“Você sabe o caminho de volta?”, ele perguntou, um pouco apreensivo.

Respondi um “sim” afetuoso. Papai urso podia ficar despreocupado.

Sugeri sair antes, para evitar que fôssemos vistos juntos. Guardabelo aproximou seu corpanzil, balançando a chave do carro.

“Quero um beijo de despedida, meu anjo.”

Fechei os olhos e ganhei mais um enlace de sonhos; onde aquele bigode sensual promovia cócegas em minhas narinas, em meu queixo-furinho, em minha alma renovada!

“Somente homens sabem beijar de verdade e não existe nada melhor do que lambe a boca de outro macho”, ele sussurrou, entre selos curtos.

“Não será uma despedida, meu caro. A gente ainda vai se cruzar por aí... com certeza”, ele cantarolou, repleto de esperança.

“Com toda certeza”, respondi para mim-eu-mesmo, suspirando em falsete.

No limite. Jundiaí. Pontes tortas...

05.08.2005.14.34 – Dia 12

Três minutos ao telefone foram suficientes para papai torrar minha paciência. Choramingou que Bloobol – meu Labrador chocolate – não se alimentava direito... que ele já havia feito de tudo para alegrar o cão... que o peludo estava morrendo de saudades do dono...

Blá, blá, blá.

Ignorando os lamentos um tanto imprecisos e fantasiosos do velho, prometi que dentro de quinze dias, no máximo, eu estaria de volta.

“E aí... tá aproveitando bastante a viagem?”, ele mudou de assunto, esticando o papo chato.

“Tá pegando muita buçanha na Terra da Uva?”

Ah... papai cegueta. Ele jamais quis enxergar o óbvio.

“Sim, pai, tô pegando muita coisa boa do lado de cá”, respondi sem o menor entusiasmo.

Ah, se ele soubesse (sim, ele sabe!) ou aceitasse (não, ele não quer aceitar!) a verdade escrachada diante de si. O que a falta de um honesto diálogo entre pai e filho não...

“Faz um grande favor pro teu velho? Tira uma foto bem bonita da Ponte Torta?”, ele implorou todo boboca, por um registro tão estapafúrdio.

Prometi ao velho Rud... *ops*, meu pai, que faria a porra da foto.

Fim da ligação obrigatória. Fui tomar um banho.

Meu rabo continuava um tanto retraído, mas eu era capaz de tudo para deixá-lo no ponto ideal de abate para o dia de hoje.

Meus tios faziam compras no Carrefour. Deixei um recado sobre a mesa da cozinha, dizendo que ia dar uma volta pelo Vianelo.

Eu nem lembrava mais da tal “ponte torta”.

Quando cheguei ao local, foi uma decepção muito grande constatar que um monumento histórico que deveria ser tão importante para a cidade estava além do abandono. Revoltado com o descaso, fiz as imagens para enviar posteriormente ao meu pai. Assim que terminei a sessão fotográfica, notei um sujeito sentado à sombra, próximo da construção molambenta.

Ele parecia perdido e desorientado. Minha porção “madreteresa” se manifestou. Resolvi abordá-lo e puxar um possível papo reconfortante.

Devo ter estampado na fuça que sou de fora. Também deve estar escrito em algum lugar na minha testa, em neon: “Quero trepar com você!”.

Bastou um minuto de frases feitas. Desorientado já coçava sensualmente a pica que pulsava intrépida sob a bermuda esfarrapada. Ele captou meu foco – nada discreto – de desejo.

“Então o forasteiro aí gosta de uma vara?”, ele disse, apalpando com mais força o membro que ganhava bom volume.

“Sim. Você tem uma boa para me oferecer?”, respondi, desafiando minha vítima com um olhar trinta e oito.

“Tenho um local da hora pra gente brincar. Topas?”

Topei sem mais delongas.

Desorientado levantou seu corpo raquítico, batendo com as mãos no traseiro para retirar um pó inexistente da vestimenta ânus setenta. Quase gritei ao notar que sua bunda era maciça e dotada de uma curvatura bem acentuada. Morro de tesão por caras magérrimos, mas de bunda cheia, bem succulenta. Ele percebeu minha observação.

“Sabe, forasteiro, eu curto homem e mulher, numa boa. Mas pra trepar com um cara ele tem que ser macho, sem fricote feminino e outras viadagens. Por isso, apesar desse seu... cabelo de anjo, acho que gostei de você. Vai ser muito bom, pode apostar!”

Caminhamos uns três quarteirões até chegarmos a uma praça bonita ao lado de uma escolinha infantil. Bem no meio dela encontrava-se um banheiro público, simpático, todo arrumadinho... do lado de fora!

“Eu vou entrar primeiro e ver se tá tudo limpeza, forasteiro. Dou um toque. Depois você entra.”

Desorientado tinha um tique nervoso bem irritante. Ele piscava muito os olhos e mexia a cabeça pra direita e pra esquerda sem cessar, como a procurar alguma coisa ameaçadora no tempo e espaço. Sentei num banco de concreto. Fiz uma foto do local. Aguardei.

Longos minutos foram embora. Comecei a ficar irritado. Resolvi entrar por conta própria e conferir o que estava acontecendo. A visão não poderia ser mais excitante, agradável, convidativa.

Desorientado era chupado por um garoto magricelo que tinha a cara do Salsicha, eterno amigo do famoso cachorro maconhado do desenho animado.

O garoto pareceu não se importar com minha presença, sugando e lambendo as bolas de Desorientado com muito gosto. Saquei meu pau e junto com Desorientado fizemos a alegria do piá, que agora tinha dois belos mestros para se divertir.

A festa estava ótima, até notarmos a aproximação de alguém de fora pelo reflexo das sombras nos azulejos brancos, limpíssimos e reluzentes da Sala dos Santos Mijadores.

Tentamos esconder nossos membros e ficamos disfarçando no mictório, fingindo urinar, enquanto Salsicha simulava amarrar seus tênis.

Um senhor baixinho e roliço entrou e se posicionou entre o gostosão aqui e Desorientado, que parecia cada vez mais atarantado, rodopiando a cabeça de um lado para o outro e piscando mil vezes por segundo, sem parar.

Baixinho, o velho, expôs uma pica comum. Masturbou-se sem qualquer constrangimento. Pegou no pau de Desorientando e iniciou uma dupla punheta. Eu aproveitei e busquei meu beijo, como de costume. Baixinho trocou um selo de boca travada. Salsicha foi para o reservado. Podíamos ver que ele também se masturbava no seu canto eucalíptico. Baixinho estava mais interessado em Desorientado do que em mim. Então, deixei os dois se divertindo e fui brincar com Salsicha.

Travei a porta do reservado, encostando todo o peso do meu corpo contra ela. Salsicha abocanhou meu pau numa só investida, sugando-o com muita vontade.

Uma insegurança enorme bateu em mim-eu-mesmo enquanto era chupado. Lembrei-me do Gordinho que eu havia feito na estação de trem abandonada. Fazer a linha “pedô”, definitivamente, não estava nos meus planos.

Antes de vomitar remorsos, parei tudo e puxei com força o garoto para os meus abraços “papaiurso”. Encarando-o, exigi a revelação da sua idade. Ele riu em falsete, tirando o RG do bolso da calça larga. O pivete tinha vinte e um, porém cara e corpo de quinze.

Aliviado, foi minha a vez de brincar com o “salsichinha”.

O cheiro de Leite Ninho aguçou meus sentidos. Eu nunca havia me relacionado sexualmente com um carinha tão jovem, já que eles não me atraem em nada, nadica mesmo.

Porém, confesso, não dá pra negar o quanto é prazeroso degustar carne nova, inexperiente, e (de certa forma) ingênua.

Chup. Chup. Chup.

Salsicha estremeceu todo e preencheu minha língua com seu líquido ralo. O garoto levantou a calça e abandonou o reservado, me deixando privado na privada, feito um tapado. Limpei meia-boca a bocarra e ganhei o exterior cítrico.

Baixinho era enrabado por Desorientado. A insanidade de dar o buraco a céu aberto, bem diante da entrada do banheiro público, era de deixar qualquer cristão doido para cometer o pecado original. A visão do sexo selvagem, irresponsável, desafiador era enlouquecedora!

Baixinho mordida os lábios para sufocar o timbre da sua putaria. Desorientado penetrava com truculência o velho homem. Permaneci paralisado por alguns segundos diante daquela cena cavernosa.

Salsicha ficou em guarda na entrada, observando tudo o que ocorria do lado de fora. Ao acordar para a vida, aproveitei a frágil segurança e ofereci meu pau em brasa para Baixinho brincar. Fui sugado a contragosto por uma boca arredia.

Vendo o espetáculo do Desorientado, crescia dentro de mim a vontade de também ser empalado por aquele demônio das ruas. Implorei em pensamentos para que ele não gozasse. Acho que ele captou meus anseios. Tirou na mesma hora o cacete do vão velhaco.

“Chupa ele. Faz ele gozar!”, Desorientado ordenou.

O velho arrumou a calça, deixando para fora sua varinha empinada. De cócoras, fiz o serviço no Baixinho. Fomos interrompidos pela passagem da tiazinha da limpeza varrendo lá fora. Salsicha voltou a sumir num reservado.

Enquanto eu chupava Baixinho, Desorientado entrou no calabouço com Salsicha. Mantiveram a cela aberta. Percebi então que Desorientado queria se exhibir para mim.

Ele baixou com acurada sensualidade a calça do garoto e iniciou uma sessão de lambidas na bunda do moleque que me turvaram todos os tesões.

Salsicha curvou os músculos e vi quando Desorientado penetrou o rabo efervescente com uma língua desbravadora. Eu não conseguia mais encontrar coordenação para chupar Baixinho. Levantei e soquei uma odiosa punheta para o velhote.

Queria que ele gozasse logo, pois minha fodaria perfeita daquela manhã já estava definida. Eu precisava me perder com Desorientado.

Baixinho gozou sem prazer, lambuzando meus dedos enojados. Guardou o pau sem se limpar. Saiu apressado do banheiro, sem sequer lavar as mãos!

Desorientado cessou as carícias orais em Salsicha. Comentou algo em seu ouvido. Feito um autômato, dirigi-me até a pia para lavar as mãos, o rosto e a boca a fim de retirar o gosto de porra juvenil.

Nem deu tempo de abrir a torneira. Fui agarrado por trás.

“Chupa meu pau!”, Desorientado sussurrou.

Virei meu corpo e caí de joelhos diante do caralho a golpear minhas bochechas. Salsicha voltou a guardar a entrada. Fiz minha obrigação, dessa vez sendo observado pelo pirralho com cara de *cartoon*.

Desorientado retirou repentinamente a estaca da minha garganta. Levantou-me puxando meus cabelos lisos. Fomos para a suíte presidencial. Ele sentou na bacia. Mandou travar a porta. Deixei minha bermuda cair, expondo minha bunda pálida, apetitosa, insaciável.

Desorientado lambeu os pelos loiros entre minhas coxas rígidas, cegando-me a lógica; buscando, num ímpeto, o centro do meu delírio.

Que língua, meu deus. Que língua!

De repente, fui puxado com brutalidade e acabei sentando sobre um vergalhão besuntado em ácidos, disposto a me ferrar o rabo de vez. Chorando, cavalguei pranteado e ausente, com as mãos de Desorientado a massagear minha cintura, costas e mamilos. Ouvimos um pigarro. Era o sinal de que alguém adentrava o recinto. Eu e Desorientado não nos importamos. Continuei montado no touro por bem mais que os famosos oito segundos.

A maior loucura foi perceber que Desorientado cagava enquanto me comia! O cheiro insuportável daquela podridão passou a turvar todos os meus instintos de moralidades e corretas condutas. Uma alienada mistura de prazer e ódio, de nojo e de excitação embotou de vez as réstias do meu bom senso. Loucura, delírio, nirvana e pecado. Haveria ordem no Fora de Ordens?

Fui premiado com uma profunda e dolorida mordida nas costas. Mais uma para a coleção. Desorientado gozou um Nilo em minha caverna paleolítica. Repousei sobre suas coxas ferventes durante alguns instantes, até que o sujeito que usava o reservado ao lado abandonasse o recinto.

Desorientado, ignorando o mundo exterior, começou a me tocar, tentando me masturbar. Levantei – todo melado, fedido, arrebatado – e tornei-me imponente diante do meu carrasco iluminado, submisso, incrédulo. Sem expor educada licença, transpassei meu sexo imperial pela sua boca desqualificada.

Aquele era um louco com muita experiência no sexo baixo. Chupou como gosto, sem sugar; lambeu e engoliu minha pistola com maestria. Não demorou muito para eu mascarar suas faces espinhentas com meu concreto calcário. Gomas peroladas criavam formas abstratas na pele trigueira do delicioso moribundo. Não satisfeito, beijei e lambi minha própria essência depositada naquela cara imunda, terminando meu passatempo num beijo repugnante, sublime, profundo.

Desorientado devorou minha língua urrada, não escrita. Desorientado balançava a cabeça de um lado para o outro, lambuzando meus lábios com sua seiva vencida. Desorientado piscava, peidava, expelia pelotas e me beijava. E seus gases me deixaram cada vez mais atordoado e feliz.

Eu, Curitibambee, ignorei os fatos e curti o momento-viagem...
... de olhos bem fechados.

Chapado. Jundiaí. Caxambu...

06.08.2005.00.17 – Dia 13

Somos especialistas em cometer loucuras, ignorando por completo a correta manutenção da sobrevivência. Há ocasiões – como aqui, agora! – em que eu não consigo avaliar ou compreender as coisas que faço. A cada “experiência sexual” vivida, algo cada vez mais arraigado em mim-eu-mesmo me impele a continuar. Eu não quero desistir, mudar a trilha, abandonar o vício. Onde estaria meu anjo que deveria ser “de guarda”?

* * *

Conheci *fran-key_boy* numa obscura sala de bate-papo do – *surprise, surprise!* – UOL. Investimos horas papeando, trocando fotos escalafobéticas e escrevendo muita sacanagem. Lá pelas tantas, meu novo amigo virtual me fez um convite: ia rolar uma homofesta no bairro do Caxambu.

Combinamos um encontro por volta das onze, em frente ao Terminal Rodoviário Eloy Chaves.

Na hora marcada (O.K., cinco minutos atrasado), um Corsa prata esbarrou na sarjeta. Dentro do veículo havia três rapazes ao estilo, sei lá... *clubber*; prontérrimos para a farra que viria a seguir. Entrei no carro, todo trabalhado na timidez. Sorte que em menos de trinta segundos eu já havia me enturmado. Comentamos sobre a cena gay de Jundiaí e Curitiba, ouvimos a discografia do Information Society em volume perturbador e viramos garrafas e garrafas de Smirnoff Ice goela abaixo.

Quando chegamos ao tal bairro (que eu não conhecia), enveredamos por estradinhas sinuosas de terra e pedregulhos, onde curvas e mais curvas empurraram o chacoalhante Corsinha até um ambiente estranho, a princípio meio... desolador.

Atracamos numa chácara enclausurada no universo paralelo. Deixamos o carro no meio de outros veículos espalhados no gramado impecável. Introspective rolava solto na ampla sala de uma construção bem anos 1970.

O choque foi imediato assim que cruzarmos a porta de entrada, escanca-

rada, reluzente. Dezenas de jovens dançavam e pulavam e se tocavam numa pista de dança improvisada.

Os Pintos trajavam cuecas samba-canção. E a maioria das Velcros usava jeans e camiseta branca. Havia muitos rapazes dançando com rapazes, meninas com meninas e raros casais macho-fêmea se curtindo.

Aos solavancos, Frankey me conduziu até um quarto fora de esquadros. Sobre uma quilométrica cama de casal havia dezenas de calças, carteiras, cintos, sapatos, celulares e outros adereços muito bem organizados; cada monte individual era sinalizado com uma ficha vermelha contendo um número em branco. Deixei meu vestuário e outros pertences no canto sul da cama, sob a rodela de número 47.

Fiquei em meias brancas e uma cueca tipo boxer, vinho. Frankey tirou uma foto da minha tonalidade vampírica quando eu deixei o quarto. Era para “guardar de recordação”, segundo ele. Trocamos um beijo melancólico e nos jogamos na balbúrdia da sala de estar transformada em zona de caça, guerra e prazer.

Senti-me muito à vontade ao penetrar naquela esfera. Ninguém dava bola pra ninguém, apesar dos olhares de volúpia e desejo trocados entre todos os presentes. Não havia julgamentos. Apenas livre vontade de satisfazer todas as fantasias.

Eu não sei dançar, então fui para um balcão de bebidas apinhado de bambees, improvisado numa cozinha estilo americana. Uma simpática globeleza, dona de um sorriso arrebatador, me forneceu uma Skol geladíssima. Na companhia de Marian Gold, bastaram quatro latas para eu começar a me soltar. Resolvi procurar algo mais interessante para fazer.

Frankey brincava com um casal num canto da sala. Ele notou minha tímida aproximação e me agarrou assim que entrei no raio do seu ataque. Ganhei um descompassado beijo de língua, onde ambos trançávamos as pernas.

Segurando minha mão, Frankey direcionou-a até o mastro do rapaz ao seu lado. A garota, um tanto agitada além da minha compreensão, passou a unhar meu pau. Mãos, bocas e línguas viajavam num quarteto fantástico. Inclinei a cintura e comecei a chupar o rapaz loirinho que eu estava bolinando. Percebi que nos cantos do clube medieval, outros jovens se tocavam e se lambiam numa orgia desenfreada, sem nenhum pudor; todos dispostos a ultrapassar qualquer barreira imposta pela tosca da Moralidade.

Frankey ajoelhou-se e buscou meu sexo. Chupando em cima e sendo chupado embaixo foi algo atordoante vivenciado naquele mágico instante. A garota ora acariciava meus cabelos, ora roçava as unhas compridas sobre meus ombros tortos.

Após certo tempo, levei minha língua da vara do rapaz até sua boca de lábios finos, subindo lentamente uma barriga sem barriga e um peito liso, musculoso, arfante.

Frankey passou a mamar um dos peitos da garota ruiva. Eu agarrava o outro peito, macio e compacto, enquanto continuava a sentir o gosto de uma língua-cadete na minha feminina boca bêbada.

A nona bebida e o décimo som alto ludibriavam meus últimos sentidos lúcif... *ops*... lúcidos. Eu me sentia um velho babão no último Show da Xuxa.

De repente, larguei o loiro no meio de um beijo e patolei a garota das unhas-bisturi. Eu e Frankey passamos a sugar dois bicos pontiagudos. Eu moradia a carne sem dó, fazendo com que a coitada uivasse de dor, ódio e prazer.

Eletrificada, ela tentava empurrar minha boca para baixo, mas eu jamais chuparia a intimidade de uma mulher, limitando-me a degustar a curiosidade derramada sobre um peito feminino, nada além.

Frankey notou meu desconforto diante da pressão da guria. Puxou-a para si, me libertando do martírio. Foi a salvadora deixa para que eu pudesse ajoelhar e sentir o gosto do sexo do meu novo amigo.

As chupadas no peito da menina, minha especialidade em sugar um pau de ótimo calibre e a punhetatidade da minha mão direita a pirar Loirinho levaram os Insaciáveis até os píncaros do diferenciado prazer coletivo.

“Prazer coletivo” – ha, ha, ha... novo nome para encobrir a Senhora Fodaria!

Frankey não resistiu e acabou pollockeando meu queixo. Senti o aroma de uma seiva adocicada, estranha, puro leite. Limpei meu protótipo de cavanhaque na cueca do meu amigo.

Por necessidade, resolvi curtir uma nova rodada de cerveja. Desmascarando os arredores da casa, segurando a número doze na mão, encontrei na varanda quatro rapazes nus trocando carícias ousadas e beijos volumosos.

Sem cerimônia, entrei no meio do grupo, sentando entre um delicado polaquinho cuti-cuti e um rústico moreno-jambo, dono de uma belíssima espada fina e muito afiada.

Pra quê perder tempo, né? Fui raspando meus lábios no meio de coxas morenas, aveludadas, apetitosas. De quatro e já sugando um mandiocão arisco, Polaquinho não se conteve e resolveu se entranhar na brincadeira, mordendo minhas costas largas, enquanto trinta dedos abriam espaço na minha intimidade. Cada vez mais chapado, doei meu corpo sem alma aos quatro anjos espectrais. Num rodízio moto-contínuo, paus alargavam minha boca gulosa e os mesmos perfurantes entravam e saíam do meu rabo sem vergonhas, zero proteção artificial. Éramos jovens irresponsáveis desafiando a Dama da Morte.

Frankey apareceu do nada, documentando tudo em seu celular.

Na minha visão turva, uma multidão de Dezoitos apreciava o espetáculo, sendo que muitos carinhas se masturbavam à distância e algumas meninas acompanhadas de meninas se tocavam discretamente, maravilhadas com aquela performance *old school*.

Aguntei os quatro machos por mais de uma hora. Exausto e cheirando a sangue, porra, suor e cevada, depois de múltiplos gozos encostei o que restava do Curitiba num pufe lilás abandonado no meio do gramado.

Com a centésima lata de cerveja nas mãos, meus olhos claros se perdiam na imensidão de uma noite caótica e surreal.

Não vi mais Frankey. Não senti mais ninguém.

Sucumbi após minha última punheta solitária...

... ao som de Banderas.

Violento. Jundiaí. Caxambu II...

07.08.2005.09.17 – Dia 14

Acordei no meio de corpos nus, frios, pegajosos, desfalecidos.

O odor maciço de álcool nauseava minha mente, ao mesmo tempo em que estimulava minha fome por mais algumas rodadas. Levantei com dificuldade e fui à caça de algo sibérico para beber. O som ainda rolava, mas agora quase inaudível. Murmúrios da pior fase do Oasis. Muitos rapazes ronronavam espalhados pelo chão da sala. O fedor de cigarro e maconha e acho que uma diversidade absurda de pós beirava o insuportável.

Com muito custo, abri um estropiado isopor que havia ao lado do balcão da cozinha. Encontrei algumas latas de cerveja boiando entre resquícios de icebergs. Virei duas, uma atrás da outra. Lavei meu rosto na pia da cozinha, na esperança de despertar para mais algumas horas de rápido foder.

Eu (ainda) estava deveras excitado!

Parecendo um abominável Bambee das Neves, perambulei pela casa, tentando relembrar o trajeto para voltar ao quarto onde eu havia apagado.

Isaura e Nestor, meus únicos neurônios sobreviventes, permaneciam em coma alcoólico. Não consigo concatenar as realidades do que aconteceu logo após a suruba na varanda... e muito menos como cheguei no tal quarto durante a madrugada.

Puf. Puf. Pufe!

Encontrei um aposento que eu imaginava ser o correto. Não era.

Ao abrir a porta, me deparei com um punhado de marombados se chupando. Parecia um filme amador da Pau Brasil.

Frankey era um dos contemplados com uma bela chupeta. Cheguei perto do seu rosto corado e, ajoelhado, busquei um beijo, que foi prontamente correspondido.

“Me bate na cara, já!”, Frankey gritou, transtornado, arroxeadado, pálido, âmbarizado. Sem refletir, no lugar do segundo beijo descí a mão esquerda em seu rosto diabólico. Ambos espantados, os olhos do rapaz me fitavam num misto de excitação e medo e submissão.

“De novo, filho da puta, me esbofeteia a cara, agora!”, e foi a vez das

costas da minha mão direita sulcar marcas profundas naquela pele beterrabeada, assombrada, submissa.

Outro cara, puro músculo e absurdamente chapado, me empurrou de encontro ao chão, subindo sobre mim, travando meus movimentos, dando socos furiosos em meu peito. Eu avancei com os dentes em seu tronco, morrendo fortemente os arredores dos seus mamilos, em ataques aleatórios.

“Isso, cadela, morde que nem homem, seu bosta!”, ele explodia, grunhindo em dores realistas e alegrias improváveis.

Das mordidas passamos para beijos monstruosos, onde Marombado ora me mordia o lábio inferior, ora petiscava meu queixo deslocado. Urrei em desesperos. Delirei ao descobrir novo regalo não mais oculto. Estatelados no chão, nossos corpos foram soterrados por outros corpos que se atiravam por cima da nossa luxúria. Minhas pernas foram afastadas, fui virado de barriga para baixo, tapas voavam em minhas nádegas elétricas e alguém mordida e chupava os arredores do meu cu, colocando-me ensandecido em saudades de ser currado. Dois lutadores seguraram com deliciosa estupidez meus braços rotatórios. Outros dois bloquearam as convulsões dos meus calcanhares. Meu corpo indefeso tornou-se uma estrela perfeita. Marombado se masturbava, preparando a vela de sete dias a fim de me colocar no caminho das sombras. Ele cuspiu nas minhas entranhas, jogando em seguida seus músculos retesados e vara soberba no cerne do meu bueiro. Sem poder movimentar braços e pernas, me restava ser pateticamente estuprado pelo Belo Forte.

“Vou encher teu cu de porra, sua cadela!”, ele gritava, até atingir seu êxtase total, desfigurado, decadente.

A seguir, fui posto de quatro. Uma sucessão de cacetes, dedos, línguas e joelhos entravam e saíam da minha boca, do meu rabo e demais orifícios num rodízio suicida. Oito rapazes, incluindo eu e Frankey, estavam unidos num só corpo, uma só carne. Como num campeonato de luta livre ou vale-tudo, subíamos uns sobre os outros e trocávamos tapas e beijos e metidas e chupadas com a mesma dose de valentias acéfalas. Tudo sem proteção, tudo sem o mínimo de bom senso, tudo-vale-tudo!

Refeito, Marombado agora esfregava o cu na minha cara, obrigando-me a sugá-lo até a penúltima encarnação. Mordi sua bola de boliche até criar riscas profundas, bom trabalho da minha arcada porcelana. Pude sentir a

acidez do seu sangue. Isso o deixou transtornado de prazer, socando o chão de tijolos com fúria animalésca a cada investida da minha língua perfurante e das minhas mordidas ácidas nas últimas pregas do seu horizonte deflorado.

Passamos imensuráveis horas no jogo de poder, sexo, prazer e atos físicos besuntados na selvageria.

Semimorto, aglutinado em um canto embolorado, implorei o carinho de Frankey no final daquele combate desatinado. Gastamos os últimos minutos em beijos indigentes e carícias vazias. Entre lágrimas solitárias e gritos inaudíveis do Remorso e da Angústia, terminei minha façanha sendo mamado sem desejo, derramando o restante da minha cândida no peito febril do meu afável parceiro jundiense.

Atrevido. Jundiaí. Bahthêsão...

08.08.2005.19.46 – Dia 15

Ainda fora do prumo devido ao último espetáculo fodatório, resolvi sair para caminhar um pouco, mais uma vez sem destino definido, com a intenção de me afastar do Silêncio, já que meus tios resolveram passar o fim de tarde à procura da emoção barata no jogo de cartelas mofadas e bolinhas tristonhas.

Peguei o ônibus no Terminal Eloy Chaves. Fui parar na Vila Arens. Subi uma rua movimentada e acabei passando em frente a uma metalúrgica, cujo nome era Sifco.

No caminho, cruzei uma fila de caminhões. Meu viciado olhar babante perscrutou ansioso o interior das cabines, desesperado para que algum caminhoneiro prestasse atenção na minha lúgubre presença. Perambulei de lá pra cá feito um idiota durante amarga meia hora, aguardando a chegada de algum motorista, pois todos os caminhões aparentemente estavam sem a companhia dos seus donos naquele começo de noite, um possível horário de bem foder.

Aleluia! Quando eu já pensava em desistir, surgiu um sessentão truncado, de média estatura. Vibrei com sua camisa xadrez aberta – apesar do vento cortante – ao conferir tufos de pelos grisalhos despontando num peito moldado pelo sacrifício de uma vida isenta de confortos.

Interceptando sua passagem antes de chegar ao seu veículo, abordei o sujeito sem meias palavras, dizendo-lhe quanto eu o havia achado “gostoso”.

“Vá se foder, viado filho da puta!”, foi a meiga resposta.

Firme, sem pestanejar, confirmei que era exatamente aquilo que eu queria.

“Quanto atrevimento, seu merda!”, ele retrucou. “Tu queres dar pra mim?”

Encostei-me à porta do Volvo e respondi que não queria dar, somente passar a mão naquele peito fantástico e, se ele quisesse, eu poderia chupá-lo sem problema algum.

A curiosidade afastou a agressividade.

“Porra meu, um cara tão boa pinta assim como tu, querendo chupar meu pau? Porra, quanta vagabunda não deve dar mole pra ti?”

Ignorei os comentários e cheguei pertinho do meu gauchalemão. Afofei meus dedos atrevidos em seu peito cabeludo.

“Putá merda, meu, tu és bem atrevidinho, não é mesmo!”

Não respondi. Somente encarei seu olhar incrédulo.

Silêncio. Conquista. Finalmente abri a boca.

“Eu sempre consigo tudo o que quero”, eu disse, descendo e subindo as duas mãos através daquela fartura de pelos sulistas.

“Meu, tu és um tremendo filho de uma mimosa. Olha o que estás fazendo comigo, guri!”

Notei o compacto embrulho pimpando em alegrias e vasta curiosidade.

“Está certo. Eu te deixo chupar meu pau. Mas quero algo em troca.”

Eu já me preparava pra tirar a carteira do bolso.

“Não, meu, não quero teu dinheiro. Quero cigarro e cerveja. Quero fumar enquanto tu chupas meu pênis com cerveja na boca... se for assim, vai rolar, senão, cai fora daqui!”

“Tá certo”, respondi, mordendo a língua para não rir do seu sotaque paulista-nada-a-ver-misturado-com-gaúcho-de-fronteira.

“Preciso de alguns minutos para providenciar o que você precisa.”

Saí da lateral do caminhão, liberando a porta. Sem mais delongas, dei meia volta e fui até uma filial do Supermercado Russi, que ficava bem próximo de onde estávamos. Comprei várias garrafas de Skol trincando em névoas e mais dois pacotes de cigarro da primeira embalagem bonita que encarei. Com duas sacolas pesadas nas mãos, Gaúcho não acreditou que eu voltaria com a encomenda solicitada. Seu olhar embaçado me encarava através de um pequeno vão que se formou no meio da cortina que ocultaria nossa safadeza.

“Tá aqui”, eu disse, enquanto ele abria a porta e verificava o tecido que agora cobria por completo o para-brisa do velho companheiro.

“Agora você bebe, fuma e eu te chupo. Combinado?”

“Meu, tu és foda, guri!”, ele disse, piscando várias vezes, ainda incrédulo.

“Eu concordo. Combinado é combinado. Sou um homem de palavra. Sobe e vem dar uns carinhos no meu sexo.”

Subi, simulando submissão, e joguei as sacolas num espaço medíocre que ele apelidara de “quarto”.

Gaúcho verificou mais uma vez as cortinas, garantindo nossa privacidade total. Abriu um dos pacotes, tirando alguns maços de cigarro.

“Porra meu, sabe quanto custa essa merda? Tu és doido? Gastou quanto?”

“Tua pica merece meu investimento”, eu disse, já abrindo o zíper de um jeans que implorava um asilo.

Gáucho petrificou em silêncio e acendeu seu vício. Abri duas garrafas de cerveja, dei uma para o caminhoneiro e tomei goles estratosféricos da outra, mantendo no final uma boa porção do líquido olimpo pairando no céu da minha gruta.

Algumas sacudidas no Gauchito tímido trouxeram vida a um pau convencional, porém muito bonito, cabeçudo e potente na medida certa. Fiz o serviço, mesclando o calor da minha boca com a suavidade da cerveja.

Gáucho pressionava minha cabeça de encontro ao seu íntimo. Estávamos adorando a malandra experiência.

“Nóóósssa. Tu chupas melhor que puta!”, ele uivou, quase sem fôlego.

Ignorei o comentário ridículo e continuei meu dever, ampliando meu ritmo, pois queria sentir o gosto primitivo do caminhoneiro o mais rápido possível.

Bem antes do previsto, fui bombardeado com uma espocada azeda a trilhar pela minha garganta gaseificada. Quase perdi os cabelos por causa das contrações de Gáucho, pois suas mãos grudaram em meu couro enquanto ele gozava, arrancando metade do que restava da minha razão perdida em algum canto do meu cérebro inebriado.

No vácuo, apreciamos mais uma rodada de cerveja, derramando nossos olhares para lugar nenhum; os pensamentos perdidos esbarravam e desciam inertes pelo tecido pesado à nossa frente. Saquei o celular do bolso, acendi uma luz no topo da cabine e tirei uma foto daquele peito ouriço. Desnortado pelo gozo e entorpecido pela cevada, o caminhoneiro não demonstrou nenhuma reação.

Enquanto bebíamos socialmente, Gáucho não parava de tocar uma fotografia grudada no painel, onde uma mulher e uma penca de crianças gritavam “xis”.

Destilando um carinho real, depus um beijo em sua face direita. Ganchei em troca um desajeitado abraço embebido em remorso e frustrações. Pra variar, é evidente que não houve despedidas formais, tapinhas nas costas e “a gente se vê”. Simplesmente abri a porta, descii e não olhei para o passado. Conservei na memória o gosto de um atrevimento calculado e a trama de mais uma aventura bem realizada.

Ansioso. Ilha Comprida. Primeiro passo...

09.08.2005.20.21 – Dia 16

Minha terça-feira começou com um baita susto!

Os berros aleatórios de Tia Corada ricocheteavam pelo corredor. Ao abrir a porta do meu quarto, meu olhar sonolento esbarrou num vestido florido correndo de um lado para o outro à procura das suas malas de viagem. Zumbiei até a cozinha, onde encontrei Tio Barriga saboreando um café forte num copo de cristal Cica. Questionei qual era o motivo de tanta algazarra.

“Vamos descer para o litoral e, infelizmente, você vai com a gente”, ele gorjeou, sarcástico, encarando-me com a indefectível cara de buldogue sem raça.

* * *

A viagem foi tranquila, pelo menos até chegarmos num trecho sinuoso antes de Miracatu, onde uma ponte era, sei lá, reformada. Mais de três horas de um vai-e-estaciona transformaram o resto do meu humor em quilômetros de tromba.

Meus tios iam para Iguape, em mais uma visita à casa de amigos. Como eu não estava no pique de compartilhar uma sessão “geriatria”, tentei de todas as formas encontrar uma saída do que prometia ser uma semana medonha e tediosa.

Um providencial folheto me foi oferecido pela santa titia: “Ilha Comprida, um paraíso ecológico”. Fiquei fascinado. Ali fixaria meu destino. Eu já havia tomado a decisão. Aproveitando que Tia Corada sempre me tratava como uma criança-seis-ânis; gritei, pulei, esperneeii, fiz até cara de choro, como uma boa sobrinha mimada.

Consegui convencer meus tios. Eles me deixariam na ilha. Cruzamos Iguape e passamos por uma ponte que ligava as duas civilizações perdidas.

Descarregado na Avenida Beira-mar, após ter desperdiçado uns quinze minutos certificando minha tia que eu ia ficar bem, que eu tinha dinheiro suficiente para passar uns dias na região, que eu ia ligar caso precisasse de algo, blá, blá, blá; despedi-me dos velhos, ajustei minha mochila nas costas e fui à caça de um local para me hospedar.

Encontrei um refúgio simples num tal de Boqueirão; um casebre perdido numa rua tristonha repleta de construções decadentes. É incrível como se consegue tudo em segundos quando temos dinheiro vivo e fácil nas mãos.

Sardento, o dono do local, apareceu cinco minutos depois que eu liguei para o número rascunhado num pedaço de papelão fixado no portão de madeira da sua casinha de aluguel.

Quinhentinho por uma semana! Não questionei o valor, apesar de achar um pouco abusivo, já que estávamos na baixa temporada. Aceitei, pois eu só almejava privacidade e sossego... por enquanto. Paguei, assinei um recibo amarelado, conferi as chaves e despachei Sardento.

Tomei um banho rápido. Coloquei uma bermuda cáqui sem nada por baixo. Completei o visual com uma velha camiseta branca com a estampa da capa Substance do New Order e um par de chinelos Rider. Tranquei a casa e fui caminhar pela orla, já me preparando para, talvez, encontrar uma nova vítima.

Apesar da aparência fantasmagórica daquela imensidão de praia, não demorou muito para esbarrar minhas maldades numa alma-perdida sedenta de vontade em praticar o Pecado. Rebolei quadril e caralho na frente de um encruado nativo musculoso e muito viril. Um olhar de desejo apreciou minha forasteira carne branca, fresca, oferecida. Nove passos adiante. Olhei para trás. Eu havia fígado o peixão.

Sentei numa pequena duna, como que descansando e sendo abraçado pelo canto relaxante proveniente do mar plácido. Fiz uma foto do final do dia. Nativo passou por mim, dirigindo-se até um banheiro público. Não perdi tempo. Levantei-me e fui atrás daquele cafuzo. Na penumbra de um espaço claustrofóbico, fui sumariamente agarrado, enquanto uma boca feroz procurava meu pau já armado. Um minuto e pouco. Foi a gozada mais rápida que já dei na vida, tamanha era a fome de Nativo. Engolindo pau e bolas e meu sincero espanto, inundei os lábios enrugados do pescador com minha pasta abençoada.

Enquanto Nativo cuspi o resultado do meu prazer, saí assoviando do mijatório, acariciando meu troféu melado. Entoando Boy George – *do you really want to hurt meeee* – para um oceano adormecido, permiti que o contato com a água gelada purificasse meus pés delicados e o marulho das ondas dissipasse o que restava de nefasto em meus sentidos abrutalhados.

Afogado. Ilha Comprida. Balneário Atlântico...

10.08.2005.15.19 – Dia 17

Acordei bem cedo, despertado por uma brisa traiçoeira, onde o ar cristalizado me embalava em ótimas recordações do meu passado criança.

Tomei uma ducha fria. O choque térmico espantou a noite opressiva numa casa estranha cheirando a mofo ancestral e juvenis orgias recentes.

Numa padaria chamada Cajara, mandei goela abaixo um café purgante, sem açúcar. De posse de um panfleto com o mapa da ilha, encontrado dentro da geladeira vazia da casa alugada, saí a rastejar pela praia, sem um roteiro decidido, apenas curtindo o sol forte a bronzear meu corpo germânico.

Dois quilômetros adiante do Boqueirão, caminhando sobre as areias compactas do Balneário Atlântico, o pacote de um calção azul-mocinha garantiu a minha atenção.

Após uma discreta foto tradicional, passei um tempo enorme apreciando o macho torrando ao sol, enquanto uma gorda de cara amarrada lotava as estrias com quilos de um protetor solar de marca duvidosa. Éramos os únicos naquela imensidão. A gorda resolveu dar um mergulho. Orca assassina encailhada na praia.

Ei, *pérai*, não me julgue. Amo os gordinhos, mas fico incomodado com pessoas que não estão nem aí no que se refere à saúde, prejudicando sobremaneira o lado físico.

Ah, O.K., tá certo. Eu sou um filho da puta hipócrita. Continuemos...

O homem despertou de uma sonolência apetitosa, notando minha presença a degustar seu corpo com minha vibração lasciva. Para confirmar a possibilidade de um contato íntimo, pus-me a acariciar meus bagos, sem pressa. Um olhar glutão partiu do machobjeto. Ficamos arrastados dez minutos trocando sinais telepáticos, enquanto nossos paus cresciam e ganhavam a boa forma dentro dos nossos tecidos de verão.

Quando a Orca retornou do malfadado mergulho, meu homem comentou algo à sua acompanhante. Trocaram um beijo rápido nas faces avermelhadas. A mulher voltou a besuntar suas pelancas, ao mesmo tempo em que procurava nova trilha sonora em seu radinho 1939.

Sem disfarçar sua excitação, Gostosão saiu para caminhar. Passou por mim, indicando-me com um sinal sacana que eu deveria segui-lo... ato que realizei depois de contar até vinte e quatro :)

Acompanhei minha presa a certa distância durante uma tediosa caminhada, até que nos encontrássemos bem longe do julgamento de qualquer ser vivente. Ele sentou na areia molenga, aguardando minha chegada. Depois de um rápido “oi” e um frio aperto de mãos, descobri alguns detalhes a seu respeito, enquanto ele desfilava seu básico currículo pessoal. Gostosão era arquiteto. Nascido em São Paulo, morava há vinte e um anos em Sorocaba e costumava vir duas vezes por ano até a ilha para “relaxar”.

A gorda – desculpe-me, não posso fazer nada, pois minha intuição me alfineta a alma, afirmando que aquela jovem mulher era obesa porque não se amava! – que o acompanhava era sua única irmã e grande companheira. Ele era solteiro, mas tinha, pelo menos, um filho oculto em cada estado brasileiro.

Enquanto Gostosão Sorocaba de Oliveira trinava sua canção psicológica, minha mão sapeca passeava entre suas coxas lisas, grossas, bem musculosas. Deixando a civilidade em escanteio, passamos a conversar obscenidades. Mas eu não via a hora de usar minha boca de outras maneiras.

Um pinto pimpão – *boing, boing!* – resolveu me dar as boas-vindas, rasgando o calção azul. Repousando minha cabeça flamejante naquele colo úmido, minha língua brincava num saco rosado que acomodava raspadas bolas pesadas – *boing, boing!*

Sorocaba gemia baixinho, num timbre quase feminino. Era um privilégio fazer sexo à luz do dia.

Depois de sugar o João-bobo do forasteiro, resolvi entrar na água e terminar a missão no centro das ondas fracas, convidativas, discretas. Sorocaba captou a mensagem, entrando logo a seguir no mar algente. Tiramos nossos calções, enrolando-os nos pulsos. Numa brincadeira maluca de tentar chupar picas embaixo da água, disputávamos para ver quem conseguia permanecer mais tempo submerso com uma vara entalada na garganta. Sob as águas esmeraldas, protegíamos nossa vagabunda intimidade do maravilhoso mundo exterior. Sorocaba me abraçou por trás, forçando uma fodaria inusitada. Meu cu amanheceu um pouco irritado e a penetração naquelas condições foi algo bem difícil de concretizar.

Após inúmeras tentativas, o macho decidido conseguiu adentrar no meu vazio. Tendo meu rabo fodido em sacrifício, eu gastava o tempo a contemplar toda a beleza da ilha. Apenas alguns pássaros marítimos presenciavam nossa descompassada sacanagem. Perdemos o equilíbrio quando Sorocaba conseguiu gozar, agora entre minhas coxas. Ele caiu sobre mim e por segundos eternos a água salgada invadiu minha boca e narinas e cérebro, afogando-me os doces sentidos, que foram neutralizados pelo ácido pânico.

Despertei jogado na areia, ao lado da camiseta, dos chinelos e do celular. O molho de chaves beliscava minha pele, dentro do bolso do calção colocado de qualquer jeito a cobrir minhas partes baixas. Sorocaba havia evaporado, como num pesadelo de vigésima categoria. Em cócoras, narinas ofegantes entre os joelhos, permaneci curtindo a indiferença do oceano, tentando equilibrar minha diabrura isenta de prumo. Voltei para casa. Caí na cama. Chorei copiosamente. Dormi o resto do dia.

Sozinho. Ilha Comprida. Boqueirão...

11.08.2005.20.19 – Dia 18

Hoje passei boa parte da quinta-feira encruado numa quina da Casa Mofada. Pela manhã fiz algumas compras no Supermercado Beira Mar. Minha lista: cervejas, tônicas, água com gás (meu vício), suco de maçã, pacotes de bolacha recheada e quilos de salgadinhos de isopor carregados de necessária gordura transfodida. Ah, sim. E uma tonelada de azeitonas de todos os tamanhos, tipos e cores. Eu A-M-O azeitonas!

O gosto da salmoura do dia anterior ainda me provocava náuseas de hora em hora.

No período da tarde, o que restava da minha consciência permaneceu alojada numa cama de casal medonha. Meus músculos atroviados disputavam espaço entre latas vazias de cerveja, meu iBook, sacos de doentio colesterol e muita, muita, muita solidão.

Passei séculos avaliando tudo o que aprontei nos últimos dias. Feito um lunático, eu gargalhava ao relembrar as dezenas de seres, de paus, de cus, de línguas, de prazeres e dores físicas e emocionais que experimentei.

“Vale a pena?”, eu perguntava para mim-eu-mesmo, em alto e roufêno som.

Não encontrei resposta definitiva para o Nada.

Fiquei a imaginar quantos “Jäggers” existem perdidos na Terra. Quantos caras como eu – aqui e agora – entregavam seus corpos e suas almas a desconhecidos arrogantes, estranhos ocultos, ignorantes declarados?

Caras e pintos e bundas sem identidades.

Quantos seriam tão irresponsáveis – conscientemente, como eu era –, jogando com a Sorte a própria saúde e a integridade física, mental e espiritual?

Em nenhuma das relações carnavais que pratiquei nos últimos dias (talvez em toda minha existência) houve amor, atenção ou carinhos honestos. Somente corpos buscando corpos a correr num incomensurável labirinto de escape.

Quantos homens apalermados pouco se importam com doenças venéreas ou sentimentos alheios? Pensar que uma simples nota de dez reais é capaz de comprar um macho para boa hora de ilusão. Confirmar que banheiros públicos são centrais de um bacanal descontrolado, onde rola um verdadeiro

vale-tudo sem pesar os resultados finais. Prazeres insanos de três minutos!

Não nego que a tentação de caçar corpos variados carrega algo extremamente excitante em seu núcleo. Não nego que a própria hipocrisia e insanidade consciente que me propus a consumir durante esses trinta dias marcarão minha vida para sempre. Não nego que flerto com a Morte (do corpo ou do espírito ou de ambos?) a cada encontro; que penso no pior a cada segundo que fecho meus olhos enquanto urro de prazer ou dor ou ambos. No fundo, sei que praticamos tais loucuras acreditando na utópica esperança de encontrar uma Alma Companheira capaz de nos complementar no sexo, na amizade, no caminhar e no amor.

Será que ainda há príncipes encantados enclausurados numa redoma de cristal ou somente restou no universo um turbilhão de sapos decadentes desesperados por milissegundos de atenção? Quantos corpos eu terei que roubar, quantos paus perfurarão os orifícios da minha carne fraca, quantos cus serão empalados até que eu possa encontrar Homem Certo? Haverá Felicidade nas entrelinhas de um ato insano? Onde estará o Amor? Ainda serei merecedor de uma última chance de viver algo verdadeiro comigo, com você, com alguém? Não sei. Não sinto as respostas em mim-eu-mesmo.

* * *

Agora a noite cai.

Descarrego todas as lágrimas acumuladas em milênios de solidão e revolta pessoal. Carrego a consciência dos meus limites descarrilados. Acredite: Repetimos os mesmos erros só porque adoramos sofrer.

Hoje não quero um Semelhante. Hoje quero apenas curtir meu corpo que ainda permanece inteiro (será?) e me aniquilar em dezenas de punhetas até esfolar meu pau (im)perfeito.

Estou cansado, mas não vou desistir da minha disputa egoísta até me acabar na loucura do sexo inseguro e infeliz. Eu já disse e vou repetir: Cada coito deve ser responsável pela sua lucidez.

Prazeres da carne fraca, desprazer do espírito condenado, nada mais.

Carne fraca? Quanta bobagem. A carne é forte. A mente é que é fraca!

Quem sabe a Senhora Sorte resolve me fazer uma visita nos próximos

dias? Quem sabe o Senhor Destino me presenteie com um roteiro romântico, onde ao virar a próxima esquina eu consiga esbarrar uma lasca de alegria incubada no tímido Carinha Ideal?

Agora eu quero dormir e engolir as lágrimas da demência que cavei em mim. Soco uma punheta de uma sequência de várias que ainda virão. Dor, dor, dor. Não mais alegrias. Uma punição para os meus restos cansados. Todos os paus e rabos e beijos imprecisos desfilam ao redor da minha mente conturbada. Preciso dormir. E ao mesmo tempo quero ver meu caralho sangrar. Não posso mais escrever. Não tenho mais nenhuma verdade a declarar. Amanhã será um fantástico novo dia. Certamente estarei nos braços de outro macho enrustido ou emaranhado num conjunto de alegres vidas vazias a vagar em algum ponto remoto da minha ilha sem fantasias.

Até daqui a pouco; vou beber mais um monte e concentrar as atenções na vigésima Punheta mancomunada com o Senhor Delírio.

Quando chegar a madrugada, com a ajuda de um pepino, sem camisinha, eu vou foder o melhor filho da puta do mundo: M. T. Jäger!

Alucinado. Ilha maldita. Mulher-macho...

12.08.2005.23.58 – Dia 19

Eu estava cansado do meu autoextermínio na Casa Mofada, consumindo litros de cerveja e fazendo minha pica gritar “aleluia” após uma overdose de punhetas durante horas e horas e horas a fio.

Resolvi tomar o vigésimo banho congelante, vesti uma velha calça de moletom sem nada por baixo, calcei meus Riders, investi numa camiseta Hering salmão que tanto amo e saí para zanzar um pouco pela orla, na esperança de que o ar puro e afrescalhado retirasse parte da podridão que infestava meus pensamentos.

Sentia-me péssimo, cansado, acabado. Porém, bastou abrir a porta para que a Dama da Noite despertasse em mim a porra do desejo de praticar um milhão de sacanagens com um quaquilhão de desconhecidos.

Rodopiei por mais de hora e meia pelas areias ensopadas da ilha alongada. Quando cheguei próximo ao prédio da Prefeitura, meus pés imploraram por alguns minutos de descanso, obrigando-me a relaxar o anseio, apoiando meus vazios numa duna sem maiores atrativos.

Parte do que restara de um barco atolado na areia era acariciado pelas ondas preguiçosas, como que tentando diminuir a dor no seu casco provocada pela inutilidade forçada. Com a imagem da fantasmagórica embarcação gravada na retina, fechei os olhos e deixei os sons da maré alta penetrarem no meu baixo ânimo, acalentando meu espírito perdido, desolado, dependente.

* * *

Um foco de luz intenso atingiu minhas costas largas. O som de um veículo invadindo meu sagrado silêncio quebrou o encanto da doce meditação. Vi uma Ranger frear a poucos metros de onde eu estava. No volante havia um homem encorpado, de cabelos levemente ondulados, que ria sem parar, procurando abafar o som estonteante que vinha do rádio da caminhonete último tipo.

A cheirada assombração ria e blasfemava contra o locutor, dono de uma linda e autêntica voz de barítono, que anunciava a nova programação notur-

na de uma rádio local. Ao seu lado havia uma mulher estranha, desfocada, que abandonou o veículo em passos claudicantes, perdendo repetidas vezes o equilíbrio, cambaleando e ralando sua dignidade na areia acetinada.

A mulher trajava uma espécie de camisola com estampa de pele de onça. Os cabelos ruivos – nitidamente artificiais – cobriam-lhe a visão, tornando a simples tarefa de caminhar extremamente penosa. Na mão direita, trêmula, ela segurava uma garrafa transparente do que eu julgava conter, sei lá, vodca? Na outra, a moçoila bailava uma bolsa delicada e um par de sandálias de salto alto repletas de brilho próprio... um tanto excessivo.

A Ranger, com seu ocupante histérico, deu ré, de repente. Assim que o carro volteou na direção do asfalto, o motorista começou a gritar obscenidades, mandando a mulher tomar no cu de todas as maneiras impossíveis. Fiquei chocado com o ritmo desenfreado das frases de baixo nível, numa sarai-vada de desoladoras expressões desconexas.

A mulher fez um sinal de “foda-se” para o diesel que evaporava na Avenida Beira-Mar. Em chamas, ela arrastou-se pela areia cáustica, quase em oração, de tão bêbada e desnordeada que estava naquela altura de um campeonato falido.

Ao capturar uma foto para minha vasta coleção trintadiana e conferir o resultado na tela brilhante do meu Siemens velho de guerras, quase tive um treco ao perceber que a princesa, na verdade, era um homem travestido!

Comecei a rir, enquanto ela tentava se aproximar de mim.

“E aí, meu tesão. Quer um pouco?”, disse a donzela com rouca voz de búfalo, me embriagando com o bafó de uma bebida de oitava qualidade que definitivamente não era vodca!

“Gostou do meu visú? Não tô uma delícia com esse vestidinho?”, perguntou minha nova amiga ao lançar suas tentações quase no meu colo.

Fiquei com uma volumosa gargalhada entalada na garganta.

“Que porra era aquilo!”, pensei... alto demais.

“Você viu só? Meu homem foi embora todo nervosinho só porque eu não quis comer o rabo peludo dele hoje. Porra cara, deu um trabalhão do caralho me vestir assim, me produzir toda, só pra satisfazer a porra da fantasia daquele porra maldito. Porra, ele só cheirava e só falava da porra do amante, aquele Voz de Bosta, enrustido filho-da-puta-do-caralho. Cacete,

‘eu amo ele pra caralho’, ele vomitava a todo momento dentro do carro... porra, tô até de Madonna só pra satisfazer o canalha. Caralho!”

Confusa e infantil, Madonna chorava afetada entre um gole de pinga e meia hora de repetitivas ladainhas sentimentais. No final das lamúrias, confirmei que ele estava desesperado, pois não sabia como retornar ao seu balneário, vestido daquele jeito.

A rainha desolada tentou por diversas vezes ligar para alguém através do meu celular. Não conseguiu. Irritado, tirei a garrafa da mão dele e tomei um gole fenomenal do doloroso álcool falsificado. A bebida inflamou todas as minhas vísceras.

“Olha como eu tô rapaz!”, ele gritava, apontando para a calcinha transparente que cobria uma cenoura fina e muito comprida.

“Eu preciso meter, caralho... urgente... senão... eu vou ficar louca!”

Completamente sem vontade, mas, ao mesmo tempo, excitado e embasbacado com toda aquela situação tragicômica, tomei coragem para arrancar a renda que cobria o sexo empinado e comecei a pagar um boquete profiça para minha mulher-macho.

“Porra, viadinho, porra como você chupa bem pra caralho... porra!”, gritava Madonna, apertando minha cabeça contra suas bolas depiladas, travando minha nuca com o litro fresco da bebida batizada.

“Deixa a lôra aqui meter em você, porra. Você já foi comido por uma mulher de verdade?”, ele uivava alucinado.

Virei a bunda pra lua e baixei os panos.

Madonna jogou um pouco da cachaça ralé sobre minhas costas arrepiadas e meu rego cavernoso. Uma língua miúda e texturizada, em conjunto com uma falha barba ressequida, promoveram maravilhas reconfortantes na periferia do meu caótico hemisfério sul.

Madonna chupou minhas últimas pregas, ao mesmo tempo em que abria espaço no meu rabo com a boca da garrafa quase vazia. Ele me penetrou com o casco, sangrando meu orifício após centenas de estocadas violentas.

Madonna não se importou com meu sangue, lambendo a mistura vinho com o restante do álcool, sem se dar conta do que acontecia conosco no mundo real.

“Fica de quatro que eu vou te enrabar, viadinho”, ele ordenou, em prantos.

Obedeci, anestesiado pela dor lancinante no cu, desejando ser sufocado

na areia movediça ou afogado nas ondas do mar revolto, já que nada mais me importava naquele batismo que coroava minha idiotice suprema.

Madonna era péssimo na arte da fodeção. Precisei conduzir o ato e a cenoura no lugar certo, até que finalmente a vareta enrugada realizou seu papel a contento. Pela primeira vez na vida eu dei sem vontade nenhuma de dar, somente cumprindo um ritual sem valor em prazer ou conveniência. Sentia-me uma antiga puta no auge do dever. Pena que eu não ia ganhar um tostão cedendo meus sonhos fragilizados.

Levou um milênio até o alienígena resolver gozar. Aspirei toneladas de areia com a pressão da mulher-macho em meu corpo estatelado sobre a duna. Ao finalizar o seu tesão-revolta, Madonna apartou o bruto cacete do meu vão choroso, enfiando-o na boca da garrafa, ejaculando em suas dependências cristalinas. Uma mistura de sangue, suor, merda, porra e pinga se depositou no pé do vidro transparente. Em transe, Madonna observava a alquimia dos elementos da absurda magia, chacoalhando o litro para cima e para todos os lados.

“Tome, seu viado, beba tudo!”, Madonna segurou meu pescoço e enfiou a ponta da tirania em minha bocarra, forçando-me a engolir todo o elixir nojento que jazia no vidro melado. Não consigo te explicar como tudo desceu... e não retornou!

Na sequência, fui brindado com um violento soco na fuça, seguido de um beijo volumoso que só um macho é capaz de proporcionar a outro homem. Madonna passeava sua língua involuntária no interior da minha boca submissa, seguindo depois para as minhas orelhas e meu pescoço, alucinando o que restava dos meus sentidos ainda carnis.

“Enfia o dedo no meu cu, viadinho, enquanto eu bato uma pra você.”

Implorei mentalmente para não ser masturbado, mas de nada adiantou, pois a mão experiente de Madonna já havia retirado meu pau do ponto morto e acabei presenteado com uma calorosa punheta na noite siberiana.

Gozei algumas gotas de uma porra sem viço. Engoli vinte e dois litros de choro gasoso, presenteados por uma raiva enraizada. Descontei meus infortúnios fodendo o ponto gay de Madonna com dois dedos rígidos, secos e arenosos da minha avacalhada mão esquerda.

“Morde meus peitos, viadinho, morde meus peitos!”

Quase sem energia para mais nada, arranquei o que deveria ser um sutiã bem recheado e mordei os mamilos da mulher-macho, que se masturbava enquanto era fodida nos peitos e no rabo. Madonna jogou sua dominação sobre meus ossos triturados, gozando a segunda dose das suas chispas retorcidas no centro do meu peito arfante. Totalmente fora de si, a mulher-macho lambia seu próprio veneno espalhado nos vãos encardidos do meu tórax incolor. Num abraço explicitamente carinhoso, unimos nossos corpos e bocas num beijo repleto de uma paixão inexistente. Aguardei o terceiro ato de um amor que não se prolongou.

Distante, Madonna pediu mais uma vez o meu celular emprestado, arriscando ligar pelo que entendi ser outro amigo que talvez pudesse vir buscá-lo naquele horizonte perdido, bem longe da realidade.

Após milhares de tentativas, culminando com o demorado telefonema, acabamos cochilando – abraçados! – por tempo não mensurado. Despertei ao pressentir os lamentos de uma moto desalinhada que penetrara os arredores dos nossos domínios. Levantei com cuidado para não acordar minha amada. Caminhei até as ondas que cantavam para mim. Não olhei para trás.

Confiando meus poucos pertences a um ponto de tosca referência, joguei o que restava do meu ser nas águas sulfúricas. Purifiquei a pele carcomida pelas areias de um deserto imaginário.

O tempo passou... fora do tempo. Oh, sou tão repetitivo!

Ao sair das turbulências, nu, tiritando de frio, não captei nem sombra da minha *material girl*. Chacoalhei feito um cão contrariado, desplugando os tecidos rugosos do meu corpo entristecido. Vesti meus trajes subalternos, pequei as chaves, o celular e juntei os pedaços da minha alma imunda.

Voltei para a Casa Mofada, exausto, abatido, vitorioso, surpreso.

Paranoia total!

Mais uma aventura. Mais uma história pra contar. Mais um motivo para...

Selvageria. Ilha insana. Animais famintos...

13.08.2005.22.17 – Dia 20

O sol desaparecia atrás das montanhas de Iguape.

Eu ressurgia entre as cinzas de mim-EU-mesmo.

Dormi o dia inteiro, anestesiado ao som de uma Avril Lavigne que esgotou meu MuVo de tanto repetir a mesma sequência musical quaquilhares de vezes.

Encarei um banho secular, tentando alegrar meu rabo ensanguentado e meu rosto arroxeadado nos vapores de uma água-dove.

Entre delírios etílicos, minha última prega ainda ardia como as brasas de um inferno franciscano. Os arredores chamuscados dos meus vazios permaneciam inchados e doloridos e liquefeitos após a desventurada experiência da horrenda noite anterior.

Eu quero esquecer o que eu não quero esquecer.

Para mudar um pouco o visual, dei um coque nos cabelos rebeldes, assumi a vermelhidão das minhas faces encovadas, passei um rímel e um batom retirados daquele meu mundo de sonhos. Sentia-me linda!

Resolvi sair, saracotear, me perder um pouco. Eu precisava encontrar parte da minha sanidade.

Mais morto do que vivo – pelo menos naquilo que eu ainda acreditava ser eu mesmo –, caminhei, caminhei, caminhei... chorando e rindo das agruras da minha aventura, numa solidão compartilhada com o desespero de uma existência que eu já julgava ser totalmente inútil.

* * *

Encontrei Dourado brincando em rasas poças pinceladas na areia encharcada. O enorme cão passou a me seguir quando cruzei seu espaço de travessuras. Não resisti ao ímpeto de tocar-lhe os magníficos pelos sedosos que emanavam o aroma da baunilha. Sentei na areia úmida dum canto discreto e brinquei um tempão com o meigo bichano com cara de bobo.

De tão entretido com o pelúnico, nem percebi a presença do seu amo – um nativo roxeado bem interessante, dono de um olhar muito sedutor –, que apreciava as duas criaturas envoltas numa algazarra infantil.

“Ele gostou de você”, trinou o rapagão.

“Acredite: é raro ele brincar, logo de cara, com um estranho”, completou, entre risos discretos, serenos, convidativos.

Ainda me divertindo a beça com meu novo amiguinho, quase não dei a mínima ao sujeito de voz rouca, sussurrada, arrebatadora. Ele esticou o braço e ajudou-me a levantar, dizendo seu nome e sua profissão: pescador.

Caminhamos juntos até um ponto da praia onde uma cadeira de plástico revestida de um tecido azul bebê em nada combinava com uma bolsa enorme de couro carcomido pela maresia, de onde pendia o que acreditei ser uma artesanal rede de pesca.

Sempre gentil, Pescador me ofereceu uma lata de Brahma acima da temperatura ideal – mas no ponto exato para afagar todas as minhas sedes! – retirada de uma límpida embalagem de isopor.

A mansidão da personalidade e a voz sedutora emanada daquele homem simpático alimentavam em mim a esperança de um começo de noite agradável e pacífico.

Eu queria... eu precisava... acreditar no penúltimo suspiro da Felicidade!

Filosofamos sobre a vida, o mar, o céu e as estrelas. Um papo *zen* só entrecortado pelas gaiatices de Dourado, que tentava a todo custo recuperar minha atenção.

Quando somente a luz tênue de uma lua crescente passou a iluminar nossos corpos, Pescador começou a tocar meus braços sem cor, guiando sua mão rústica até encontrar meu pescoço, puxando-me de encontro aos seus lábios couraçados. Um beijo sossegado selou nosso contato social e uma língua atrevida despertou a sensação de liberdade em meus lábios e queixo e dentes e alma cansada de sofrer. Viajei até um nirvana fabuloso, aconchegado nos braços do meu delicioso macho do mar.

Dourado aquietou seu corpanzil entre minhas coxas, dormindo um sono justo enquanto os amantes se saciavam nos enlaces da sedução. Pescador retirou minha camiseta, buscando com a ponta dos seus lábios rachados a textura rugosa dos meus mamilos rosinhas. Tonteado de alegrias, eu não podia acreditar que havia encontrado um parceiro tão carinhoso. Nos beijos apaixonados até me esqueci dos flagelos Erotica!

A mão craquelê do Pescador descobria todos os meus pontos fracos e

naturalmente minha cabeça percorreu o caminho conhecido até um sexo mociço, que coube por inteiro na minha boca esganada.

Degustei com tremendo gosto aquele membro que cheirava a sabonete barato. Entre gemidos e sussurros, Pescador pediu para eu ficar de costas, pois ele desejava “me penetrar com suavidade”, segundo suas palavras confiantes, anestésicas, amorosas.

Mesmo temeroso, virei, deitei e relaxei. Eu confiei cegamente no meu amante. Aquela boca sensível mordiscava minhas costas enquanto o moreninho procurava seu destino final. O pequeno sexo me fez chegar às lágrimas, pois a irritação do meu ânus voltou com força total. Cerrei os dentes para não histericar de dor, enquanto Pescador penetrava meu perispírito em câmera lenta.

Dourado acordou ao som de um assovio ligeiro. O cão posicionou-se ao lado de Pescador e num segundo sinal emitido por seu dono, o bichano bem treinado começou a lambar meus rabos e a lateral de uma de minhas coxas. A língua flambada do animal adestrado despertou calafrios em meu corpo petrificado. Pescador saiu de cima de mim e numa fração de segundos não computados, um cachorro virado no cão passou a lambar meu cu aberto e ferido, onde as mãos rígidas do adestrador puníceo abriam – em franca ansiedade! – ainda mais o meu caminho que antes era considerado somente disponível para o prazer entre... humanos!

Humanos?

“Fica de quatro... assim”, ronronou Pescador, afastando Dourado, adequando meu traseiro na posição planejada.

Mais um assovio e o cão treinado literalmente trepou sobre mim, onde um membro fino, comprido, ossudo e pegajoso buscava abrigo na minha cova hesitante. Dopado pela Adrenalina, eu simplesmente não acreditava, não queria aceitar, jamais poderia prever o que estava acontecendo na realidade gritante de uma fantasia absurda!

Dor, revolta, curiosidade, prazer e repulsa se gladiavam ferozmente no intervalo da minha razão inerte. Eu queria voar em disparada na direção das ondas sinistras e ao mesmo tempo queria ser fodido cada vez mais pelo segundo animal bem treinado para devorar outro animal servil.

Uma espuma espessa que escorria da bocaça de Dourado era depositada sobre minhas costas, ombros e pescoço. Pescador batia a punha, contem-

plando a cena bestial, latindo e uivando baixinho no ritmo sem cadência das inquietantes estocadas do seu fiel companheiro. Eu ali, travado, asfixiado diante do Absurdo, paralisado perante o choque da minha total falta de amor-próprio e respeito e coerência e não sei mais o que dizer a você!

No engate automático, o volume do sexo do animal pareceu expandir assustadoramente dentro de mim-eu-mesmo. Uma dor excruciante cegava a pouca razão que permanecia acuada em meu ser passivo. Meu rosto vertia uma pasta de lágrimas de prazer, medo e revolta. Dopado na demência, eu apertava o cu como uma cadela no cio, impedindo que a metade do pau (agora) monstruoso do cão escapasse.

Pescador aproximou-se de mim, ajoelhado, enfiando sua estupidez na minha boca. Em movimentos rápidos e ensandecidos, ele tirava o pedaço de carne dos meus lábios e o oferecia ao cão, que o lambia com vontade adestrada. Minutos caóticos de um sexo sendo lambido por um animal e chupado por outro. Minha boca já não reconhecia mais o paladar do Nada, só aceitando passivamente o músculo deformado que insistia em golpear minha garganta.

* * *

Pescador deu um novo tipo de assovio.

Dourado saiu em disparada ao encontro do mar traiçoeiro, retirando seu trabuco com tanta violência do meu cu estropiado, que foi impossível mensurar a dor da separação a dilacerar por completo o que ainda restava de dignidade num buraco decadente.

Por instinto e vergonha, procurando abafar meus gritos ultrassônicos, enfiei o rosto na areia, expirando a agonia durante a saída de todo ar repulsi-vo arraigado em meus pulmões. Pescador enfiou dois, três, quatro dedos no oculto do meu esconderijo natimorto. A mão repleta de sangue embosteadado foi passada em minhas faces milanesas.

O diabo trepou sobre mim, como o cão havia feito antes. O pequeno sexo (que a essa altura... em meus delírios) tornou-se gigantesco, penetrando no vácuo do meu ser, besuntou meus ferimentos com uma porra elástica, aerada, vencida.

* * *

Um novo assovio trouxe Dourado de volta.

Pescador esparramou sua vitória na cadeira de plástico, sacando um cigarro e um isqueiro de algum lugar no espaço negrume. Ele tragava seu vício num incômodo pesar, observando as estrelas além-mar, acariciando os pelos áureos do seu cão fiel e bobalhão, como se nada tivesse acontecido conosco... na atual encarnação!

Humilhado, sem palavras, nem vontades, vesti com dificuldade hercúlea meu calção e a camiseta. Derrotado, guiado pela Submissão, apanhei minhas chaves e meu diminuto celular. Mais uma vez não olhei para trás – sei que você já está cansado de saber disso, me desculpe. Simplesmente segui meu caminho em rotas alteradas.

Em frente... sempre em frente.

* * *

Lá pelo quarto quilômetro, embebido em cólicas espirituais, busquei o alívio nas águas revoltas, afundando meus pés e rabos e troncos estراçalhados, onde a salmoura beatificada por uma Iemanjá jamaicana cicatrizava de imediato as feridas da minha alma delinquente.

Voltei para a Casa Mofada. Joguei as chaves e o celular sobre a cama desarrumada. Em pânico, em prantos, totalmente paranoico, entrei no banheiro. Abri o chuveiro. Estrebuche sobre o piso desconjuntado. Deixei uma primeira água morna desbastar minha decadência. À minha frente, estatelado no chão, notei a mancha de sangue na parte de trás do calção. Confirmando o inevitável, vi o carmim-sinal-da-morte abandonar meu corpo e escorrer pelos buracos imundos do ralo de alumínio. Gritei. Chorei. Sorri. Bati a cabeça na parede. Dei “bom dia!” para o galo da madrugada piando sobre minha testa maculada. Adormeci debaixo de águas ferventes.

Eu queria a morte de um recomeço.

Paz. Ilha celeste. Carinho nas areias...

14.08.2005.19.03 – Dia 21

Na vida social e familiar, sempre me considerei um cara forte, centrado, decidido e objetivo em todos os meus atos. Posso afirmar para você que sou um sujeito privilegiado. Venho de uma família unida e carinhosa, onde impera o diálogo, além de real companheirismo entre todos os membros. Tirando o detalhe do meu pai em não querer aceitar minha homossexualidade – apesar dele saber da minha escolha –, acredito que a senhora Harmonia toma conta de todos nós, com muito carinho, até hoje.

* * *

No lado físico, eu estava esgotado. Comecei a questionar se eu iria até o fim no meu objetivo esdrúxulo de realizar todas as variantes do sexo com o maior número possível de homens no prazo máximo de trinta dias.

Estirado na cama de colchão duro, olhando para um teto acinzentado repleto de pintas negras e sentindo o reconfortante marulho ao longe, derramei algumas lágrimas... não sei se de tristeza, ou de esgotamento físico e espiritual, ou de saudades da minha vida “normal” em Curitiba.

Ah, quanta falta me faz o Hélio, a Vanessa, o Cris, o Duran, a Rô e a Rê (as gêmeas), o meu ex-namorado. De repente, senti saudades de Deus.

Sem nada de pique, somente para cumprir o ritual do dia, saí para caminhar no Boqueirão. Numa *lan house* simples e aconchegante, escondida num cantinho paralelo à Rua Copacabana, passei uma hora navegando por sites repletos de notícias, porém isentos de bom conteúdo. Eu só queria gastar meu tempo deplorável no domingo melancólico.

Plugando meu *pendrive* no computador coletivo, aproveitei para atualizar o meu *blog* via FTP.

Após o *upload*, acabei entrando no *chat* do UOL (sala Cidades – Registro). Avaliei os apelidos existentes, todos sem um mísero pinga de criatividade. É claro que o meu também não se diferenciava da mediocridade dos demais: *quero_colo (hxh)*.

Sem ninguém interessante para papear, eu me preparava para sair quando *casado_carente_quer_homem* deu o ar da graça.

Ah... essa vida repleta de clichês!

Conversamos um pouco, trocando o velho, falso e batido currículo pessoal. Para minha surpresa, não é que nossas sintonias afinaram-se de imediato? Eu só precisava de colo. Ele queria dar e receber atenção de um homem, nada mais.

* * *

Descobri que Registro não fica muito longe da ilha. De carro, acho que apenas uma hora e pouco de viagem separa as duas realidades.

Marcamos nosso encontro em frente ao Caixa Eletrônico do Banespa, localizado no centro do Boqueirão. Casado chegou três minutos antes da hora marcada. Ele encostou seu EcoSport prata, baixou o vidro e liberou um sorriso convidativo, destravando nossas tensões.

“Olá”, ele disse, esticando a mão para um cumprimento cordial.

Ele estava todo social. Amei a gravata bordô.

“Desculpe o traje de trabalho, mas é que precisei mentir à minha esposa, dizendo que eu tinha uma reunião urgente com um cliente em Iguape. Vamos dar uma volta?”

Entrei no carro, afivelei o cinto. Estampeei um sorriso honesto. Pegamos a Avenida Beira-mar. Ao passarmos em frente à Prefeitura, Casado entrou num desvio que dava para a praia, exatamente no ponto onde eu havia sido currado pela mulher-macho. Engoli em seco uma dor aguda. Casado percebeu meu desconforto.

“Tudo bem com você, meu amor!”, ele suspirou, um tanto apreensivo, fora do contexto.

Após trocar a marcha, seu toque deferente depositava um carinho estremado sobre minha coxa esquerda. Vinte minutos de céu e mar adiante, deslizando em conforto sobre as areias sem fim, Casado parou o carro num local conhecido como Ponta da Praia, posicionando o veículo bem de frente para um mar de ondas tranquilas, apesar do vento constante e frio galopante que vinha do Sul.

“Não quero palavras. Só quero os teus beijos”, ele cantou à capela, protegendo meu corpo num abraço carregado de ternura.

Como um bálsamo a cicatrizar minhas feridas, Casado parecia captar todos os meus pensamentos, cobrindo cada parte superior do meu corpo com beijos primorosos e carícias revigorantes. Esquecemos por completo que havia um mundo malvado lá fora e nos entregamos ao simples prazer de um afago. Foram horas de beijos a complementar a doçura de um respeitoso e equilibrado relacionamento sem cobranças. Horas de toques afetuosos em rostos carentes de atenção. Horas de cabeças encostadas em peitos fortes, definidos, onde suaves mãos viris acariciavam com ternura cabelos sedosos que se deliciavam com o enroscar dos paparicos.

A noite surgiu num psicodélico dégradé entre laranja, lilás e um enigmático azul profundo. Aproveitando a densa escuridão e o completo anonimato, despimos nossas roupas à procura de nossas verdades. Pela primeira vez desde que cheguei para “curtir” minhas férias, um homem assumidamente amável tomara a iniciativa de me cobrir de mimos e cuidados e atenção.

Casado desfrutou com a boca-coringa e as pontas dos dedos aristocráticos cada poro do meu corpo eriçado em calafrios de excitação sublime. Com naturalidade, sem nenhum roteiro forçado de antemão, ele beijou meu sexo e lambeu-o com calma e devoção, apreciando cada centímetro de uma anatomia abençoada. Prevenido, ele retirou do bolso um preservativo, colocando-o em seguida no meu *peepo* que pululava em alegre rigidez.

Quinze minutos de uma chupeta impecável. Inundei o interior da camisinha com meu sêmen sólido. Como a seguir um ritual importantíssimo, Casado retirou o látex, deu um nó na extremidade e depositou o resultado do meu êxtase numa sacolinha de plástico que jazia junto à caixa de câmbio.

Após uma nova sequência de beijos fortificantes, foi minha a vez de curtir o sabor de um sexo de porte mediano, porém dono de uma espessura cavalariça. Agasalhei o “casadão” e realizei aquilo que sei fazer de melhor.

Casado demorou muito para gozar, mas quando o fez, o volume perolado que se depositou no interior do preservativo era sinal de que – mais uma vez – eu havia superado as expectativas na arte de proporcionar o prazer ideal a um bom macho.

Ficamos abraçados, trocando centenas de beijos e milhares de afagos,

enquanto ouvíamos o “Perfil” de Adriana Calcanhotto entre cabos e rabos. Quando o CD acabou, suspiramos diante do inevitável e relocalamos nossas armaduras sociais. Ele deixou o sulista (não mais) carente aqui no mesmo ponto onde havíamos marcado o primeiro encontro. Seria o primeiro e último?

Despedimos nossas saudades com um sorriso de satisfação e um sinal positivo de cabeças tranquilas e almas lavadas. Esperei o veículo se perder na única estrada asfaltada. Voltei para casa pisando em nuvens elásticas.

Dessa vez, eu quis olhar para trás! Como é bom constatar que ainda havia homens carinhosos no mundo. Como é bom afirmar que ainda havia rara oportunidade de curtir fragmentos de pura e necessária felicidade, mesmo que de escape. Fiquei com pena da esposa que certamente não ganharia a mesma intensidade de prazeres e carinhos que eu mereci.

Bêbado. Ilha fofa. Festa na Mofada...

15.08.2005.18.08 – Dia 22

Minha cerveja havia acabado antes do meio-dia. Seguindo a dica de um ilhacomprimido, fui conhecer o Supermercado Monte Carlo. Hora de reabastecer!

Sacolinhas plásticas repletas de bom álcool nas mãos, eu retornava para a Casa Mofada quando notei, ao lado de uma sorveteria, três forasteiros embriagados discutindo o sexo dos anjos são paulinos com um velhinho palmeirense boa praça.

Devorei com os olhos o rapaz de camiseta branca, pois o contorno do seu hemisfério sul colocou todos os meus baixos instintos em alerta.

Nossas antenas “PutosSafados” nunca falham!

Camiseta Branca percebeu minha presença nada discreta. Era visível que já estávamos eletrificados. Ele saiu do meio daquela tresloucada confusão, cantarolando algo da pior fase do Jon Secada.

Ao soltar um desagradável assovio de aprovação? – que gelou meu sangue, pois fora no mesmo tom usado pelo Pescador para com Dourado, o cão tarado –, tal timbre paralisou meu ser de imediato. Eu queria correr, mas fui travado pelo peso do meu rabo magmado. Aguardei, endurecido, um rápido contato meramente social.

O homem de indelévels traços latinos impôs um cumprimento decidido. Sem rodeios, perguntou em klingon se eu sabia de um lugar onde ele e os parças poderiam “repousar” por algumas horas, até que um quarto elemento viesse buscá-los no final do dia, para então a trupe seguir novos rumos até São Paulo.

Mordi a língua para não rir do seu “português” terrível.

Percebi que a história era furada, pois Chileno falou o tempo todo comigo coçando sem parar o pau flácido sufocado numa calça de brim vinte números menores do que suportaria aquele par de – ai ai ai – coxas carrancudas.

Direto, como sempre, repassei meu tosco currículo. Provoquei Chileno, afirmando que eu havia alugado uma casa para curtir uns dias “de sossego” na ilha. Fortifiquei o convite: estava liberado o repouso ideal... em minha companhia... na minha casa!

Insanidade total!

“Tem mas bebida no teu cáfofo ou é só o que tiene nas sacolas?”, Chileno perguntou num hilário portunhol.

Respondi que providenciaria mais cervejas se ele promettesse uma “boa festa” nas próximas horas. Chileno captou minha nefasta intenção.

“Espera um poquito, eu já volto”, ele disse, cocando as cabeças, abrindo um opaco sorriso sacana.

Conversou entre ouvidos com o Mala, que direcionou um olhar tremendamente fodido para mim, avaliando o material que ele certamente haveria de provar dentro de poucos minutos. Os dois arrastaram o terceiro companheiro para fora do bate-bolas com o idoso. Enfim, éramos uma gangue de forasteiros a seguir felizes e excitados para minha amada Casa Mofada.

Mal escancarei a porta e Chileno já roçava seu caralho pulsante na minha bunda piscante. Mala arrastou o amigo compacto para cama, deitando-o de qualquer jeito, largado na cama de casal. Compacto estava completamente trêpado.

Abrimos nossas loiraças e inauguramos nossa balbúrdia. Tirei as duas peças de roupa que cobriam minha sociabilidade. Chileno fez o mesmo, seguido de Mala, que ficou trajado apenas com uma cueca amarela, sem costuras. Um anjo latrino!

Bebíamos e derramávamos cerveja sobre nossas imundícies. Abocanhei a primeira vela acesa que surgiu na minha frente. Chileno deitou-se ao lado de Compacto, que dormia envolto em conturbados sonhos picotados. Eu sugava um membro tenro e macio enquanto Mala justificava o apelido recém-adquirido, manipulando sua vara de bambu entre minha bunda e minhas coxas estampadas de pelos solares. Ficamos no roça-roça-chupa-chupa até acabarmos com todo estoque de cerveja em lata.

Chileno perguntou se eu tinha “uns troco” para comprar mais bebida. Meu dinheiro do dia estava quase no fim e restavam somente duas ou três notas de vinte na carteira.

Foda-se!

“Tome. Vá buscar”, eu ordenei. Ele prontamente vestiu sua roupa de qualquer jeito, pegou o dinheiro e sumiu porta afora.

“Agora começa a *nossa* brincadeira”, disse Mala para mim.

“Deita na cama e fica de quatro”, ele cuspiu a nova ordem mundial.

Abri minhas pernas e me preparei psicologicamente para ser estuprado.

Meu rosto quase raspava nas faces de Compacto, enquanto Mala preparava meu cu durante uma longa sessão de cusparadas etílicas e carícias polegares.

Meu rabo parecia adivinhar o tamanho da responsabilidade em receber aquela tora *golden gate*. Mala entrou com tudo o que tinha direito. Fiquei surpreso por conseguir aguentar aquele Everest sem sentir qualquer variante de desconforto físico. Somente o prazer imperava num tremendo vai e vem frenético.

Mudei de posição, onde agora minha boca estava a poucos centímetros do pênis sem vida de Compacto. Numa nova empreitada de Mala em minhas profundezas, desatei os cordões de tecido que prendiam a calça do dorminhoco. Baixei o que foi possível e descobri uma piroca que prometia ganhar boa vitalidade após um delicioso boquete profissional.

Suguei ativamente o pequeno príncipe. Compacto entrou num estado de “que porra é essa!” enquanto seu sexo era ressuscitado para o meu deleite. Continuei meus esforços até o membro atingir a boa postura definitiva. Não me arrependi. Com um misto de surpresa, desprezo e curiosidade estampado no rosto índio, Compacto entrou na nossa festa, forçando minha cabeça para baixo, ampliando seu delírio.

“Não quero gozar ainda, seu putó”, grunhiu Mala, retirando a viga num rompante. Em compensação, quando menos eu esperava, Compacto inundou minhas narinas com sua água amarelada, pura goma-arábica. Enxuguei minha cara vermelha no lençol que um dia foi branco.

“Vem engolir meu caralho, sulista da porra!”, exigiu Mala, deitando no tapete puído que cobria parte do espaço que deveria ser uma sala de bem-estar.

De costas para a porta de entrada, ajoelhado como a rezar um pai-nosso, abocanhei uma prepotente vela de treze dias.

* * *

Chileno chegou completamente bêbado. Entre resmungos e falsa indignação, ele jogou as sacolas com as latas de cerveja já amornadas sobre o piso poroso. Atirando suas roupas para todos os cantos, pulou em seguida sobre mim. Ele passou a morder minhas costas em vários lugares – eu gostaria de saber o que há na minha traseira que tanto fascina os héteros! – ao mesmo tempo em que tentava direcionar sua bengala importada para as alegrias do

meu esconderijo gripado, dilacerado, oferecido.

Muito bem fodido atrás e na frente, variamos excelente sacanagem o resto da tarde. Dei para Chileno e para Mala uma infinidade de vezes no sentido anti-horário!

Fiz Compacto no banheiro, quando o mesmo acordou para a vida e resolveu tomar um banho frio. Como um cavalo manco, ele me comeu com facilidade entre zilhões de bolhas de sabão Ypê, onde uma descomunal quantidade de espuma empanturrou o rabo do Curitibabee aqui do outro lado.

Insanidade REAL!

* * *

O celular de Chileno tocou pouco depois das cinco.

Quase apagado, ele atendeu a ligação com certo pesar. Conversando em código e gírias com a outra pessoa, ele bolinava meu saco enquanto ouvia com atenção o que julguei ser Ordem Expressa do outro lado da linha.

Minha boca dorminhoca degustava a mala do Mala: um saco rechonchudo, que continha apenas uma bola, recoberto de grisalhos pentelhos irritantes que se fixaram no vão dos meus dentes.

Banho tomado, hipocrisia bem encerada e mochilas prontas, os Três Desordeiros abandonaram a Casa Mofada rumo à praia do Boqueirão. Alegres e brincalhões devido ao álcool, os três patetas macaqueavam nas areias finas, tocando um ao outro em brincadeiras machistas, idiotas, típicas.

Uma Blazer preta e toda insulfilmada raiou ao final da tarde, estacionando seus mistérios ao lado do posto guarda-vidas. Os três entraram em conturbado silêncio, cabeças baixas, como garotos levados sendo reprimidos pelo grande pai intolerante.

Pra variar, não houve despedidas. Nem um breve “adeus”.

Regressei ao meu refúgio. Solitário, virei as últimas latas quentes e amassadas de uma cerveja quadrada e chocha.

Desorientado. Comprida ilha. Rápido e rasteiro...

16.08.2005.10.03 – Dia 23

Tia Corada acordou antes do galo.

Repousando sobre um móvel lascado do tempo do Império Romano, meu celular gritou e gemeu feito doido, me afastando de um envolvente sonho erótico exatamente as quinze para as cinco da manhã!

Meus tios resolveram voltar para Jundiaí. Pretendiam passar na ilha lá pelas seis e meia a fim de me buscar. Gastei muito tempo e lábia para convencer minha tia de que eu desejava curtir mais alguns dias “descansando” no... paraíso. Dilema resolvido, é óbvio que não consegui voltar a dormir.

A cabeça doía num raio 360. Jamais tomo remédios artificiais. Rolei e enrolei na cama durante horas até não aguentar mais.

Eu precisava sair. Vesti as roupas amarrotadas – fedendo... sexo! – da tarde anterior. Fechei a casa empestada em luxúria e ganhei o aroma cítrico de um dia perfeito. Óculos escuros para esconder minha insignificância, lá fui eu desafiar o infinito.

Quando pisei na sílica inflamada ao lado do quiosque Surf, caminhei por boa meia hora até encontrar um traço de civilização. Um grupo de pessoas coloridas se divertia nas areias cintilantes ou marolas de um mar preguiçoso.

Um determinado rapaz se destacava dos demais. Primeiro por seu porte físico – ele era um homem muito interessante... de frente. Segundo, o tal Adônis era proprietário de um rabo delicioso, apesar da medonha tanguinha enfiada no rego. O filho da puta rebojava mais do que uma vadia fazendo ponto. Era impossível não ficar espantado diante dos trejeitos femininos arraigados num homenzarrão daquele.

Estampeei a cara de macho mais fodida que eu conseguia simular. Não deu outra, Tanguinha caiu como sereia em minha rede. O.K. Você pode me xingar por causa do trocadilho infame. Não dá pra ser criativo na falta de pregas que antes sustentavam meus “frente & verso” amofinados.

Como um alegre bambee saltitante, Biba Maravilha chegou e puxou conversa. Assim que ela abriu a boca, uma chuva de purpurina empestou o aprazível ar da manhã.

Um arco-íris de nuances cintilantes tomou conta do nosso espaço em comum. Quase vomitei.

“E aí, gatchinho. Perdido na lagoa azul?”, disse Tanguinha, babando glitter.

Engrossei a voz e fui logo alisando o possante, na maior teatralidade de ganhão que já fiz na vida. Só faltou eu coçar o saco e cuspir na areia para me tornar o próprio Clint Eastwood diante da minha próxima presa.

Menti, afirmando que estava de partida, mas louco de vontade de fazer um delicioso cunete antes de regressar a São Paulo.

“Ai que tudo! Eu fico alôka quando um bofe me chupa o grelhinho”, papagaiou a deslumbrada. Mordi a língua para não rir da cena estereotipada.

“Tem local, minha Delícia!”, Tanguinha salitrou, alisando meu peito avermelhado.

“Não, não tenho, cara... mas tem que ser agora, pois tô doido de vontade de lamber o teu rabo.”

Tanguinha simulou pensar. Em seguida, pediu para que eu o seguisse. Apanhou uma bolsa e um molho de chaves que estavam debaixo de um guarda-sol que de “guarda” não tinha nada. Mandou beijinhos afetados para o grupo de amigos... que definhava de inveja pela conquista da “meega”!

Seguimos até um Brava verde metálico. Ronronando alguma coisa da Nina Simone, ele destravou alarmes e portas pressionando um botão no molho de chaves. Entramos.

Ao fechar meu lado, fui imediatamente agarrado por uma lontra pegajosa, que insistia em me dar um beijo aqui, agora. No automático, minha repulsa foi imediata, pois descobri que nada naquele alienígena afetado ia conseguir me insuflar o mínimo de prazer. Químicas incompatíveis, eu quase cuspi na sua boca mentolada, de hálito pesado. Retornei um beijo de lábios chumbados. Partimos em silêncio. Com sua mão e atitudes melosas, Tanguinha alisava minhas coxas. Eu aquecia meu ódio crescente.

Chegamos num lugar maravilhoso, conhecido como Ponta da Praia (você tem que visitar... um dia). Pensar que eu havia praticado o Amor ali mesmo e agora era obrigado a suportar aquele traste que eu mesmo cativei!

O local estava deserto. Tanguinha baixou o pedaço de pano roxo que cobria um pau torto, minúsculo e morto entre as pernas.

“Sou exclusivamente ‘passiva’ na relação, tudo bem amorzinho?”

“Eu também sou, Boneca!”, pensei e quase soltei a frase diante da minha amiga afetada.

Mais uma vez mordi a língua para não rir daquele ser insignificante.

“Vira a bunda, que eu quero chupar teu cu, seu viado filho da puta.”

“Ai, ai, eu adoro machos violentos... ui!”, relinchava a bixalôca.

Incorporei o espírito de um Exu-fode-rabo-de-viado, pois meus atos imediatos foram impregnados da mais pura crueldade. Deitei o banco do bambee e arregacei sua bunda com mordidas fenomenais que resultaram em marcas profundas da minha ostentosa arcada dentária. Minha língua se transformou em uma barra de ferro galvanizado, pois penetrei como nunca um cu largo e profundo. Não contente com a fodeção linguística, enfiei dois, três, quatro dedos de uma só vez no rabo que não parava de se expandir. Tanguinha gritava ora de dor, ora de prazer com os atos medíocres do seu quinquagésimo macho de escape.

Quando dei por mim, minha mão inteira rodopiava dentro do corpo da *amiga*. Filetes abstratos de sangue e detritos surgiram entre meus dedos. Minhas atitudes irresponsáveis liberaram o perfume da podridão que expulsou todo ar lúgrube do interior daquele veículo. Tanguinha quase perdeu os sentidos pelo excesso de adrenalina que galopava, solta, entre nós.

Psicótico, retirei meus dedos daquele salão nojento. Minha revolta crescia assustadoramente, pois na verdade era eu que deveria estar no lugar daquele viado. Eu queria ser o submisso naquela situação. Eu precisava me tornar Alôka!

Transtornado, despachei uma sucessão interminável de tapas e socos e beliscões naquela transparente bunda suada. Com a outra mão, passei a me masturbar ensandecidamente.

Tanguinha urrava de utópica felicidade, implorando para que eu não cessasse a violência jamais premeditada. Entre socos, tapas e mordidas, gozei litros nas costas do macho afetado. Ainda com uma crescente raiva a me dominar, puxei com severidade o rosto de Tanguinha até aproximá-lo do meu rosto, lascando um beijo profundo com uma viga gigante que sufocou meu oponente. Terminei o beijo romântico com uma grave mordida na língua da afeminada, que gritou em franco e ascendente desespero. A intensidade daquele berro me fez perder de vez a razão, onde um soco magnético

desfaleceu meu objeto de desprazer. Saí do carro cambaleando, entre náuseas libertinas. Olhei em todas as direções à procura de alguns *paparazzi* acusadores entre dunas, restos de construções, céu e oceano. Paranoico, cacei flashes atônitos que poderiam ter documentado a cena dantesca. Eu sabia que lá em cima alguém criticava meus atos. Deus certamente havia dispensado as chupetas de Gabriel e se preparava para me punir com severidade.

Oh Pai... como eu poderia partir para a violência contra alguém igual a mim-eu-mesmo?

Chorei acovardado diante da minha pequenez. Vomitei minha poltronice, deixando a essência da minha podridão manchar as areias imaculadas da comprida ilha encantada. Voltei para o interior do carro, tentando reanimar o ser humano que eu havia nocauteado. Tanguinha, aos poucos, recuperou a vontade de viver.

Ainda atordoado, ele voltou a si, olhando-me apalermado durante penosos segundos carregados de um silêncio mortal. Beijei sua testa, acariciando seu rosto inchado como a implorar seu perdão pelo meu ato brutalizado. Sem compreender a doçura do meu remorso, Tanguinha derrubou uma única lágrima de arrependimento por ter me conhecido. Amedrontado, entre soluços arredios, ele adormeceu no banco sujo de areia.

Rápido e rasteiro, apanhei minha chave e meu telefone. Encostei a porta com suavidade. Andei apressado pela areia calcinante, quase correndo, por tempo não mensurado. Abatido, suado e tremendo sem controles, alcancei o Camping Riviera, entrando finalmente na Avenida Beira-mar.

Implorei carona de uma moça de motoneta que passava pelo asfalto. Menti, afirmando que eu havia perdido minha carteira. A alma caridosa me deixou na Avenida Copacabana. Agradei, de coração ainda apertado.

Cheguei na Casa Mofada, tonto de decepção. Entrei direto no banheiro. Vomitei galões das minhas burrices pútridas. Deixei a água fria cair sobre meu corpo por horas e horas a fio.

Oh, Santa Água! Sacrifiquei um bem tão precioso na esperança de curar minha covardia.

Cabeçadas nos azulejos. Galos no trio elétrico. Dopado em dor e vergonha, eu queria morrer de morte morrida. Chorei, chorei, chorei sem permitir nenhum controle nas minhas emoções. Esfreguei o que restava de mim-eu-

mesmo com o último pedaço de sabão Ypê. Tremendo sem domínio de nada, caí na cama com o corpo ainda encharcado.

Gritei para chamar a atenção de Deus. Em posição fetal, eu orei por Tanguinha. Queria amar meus Iguais em meus abraços e assim curar minha horrenda homofobia declarada diante dos Sensíveis.

Sentia muito frio.

Embalado pela Vergonha e empalado pelo Remorso, apaguei.

Realizado. Ilha imensa. Altos e baixos...

17.08.2005.16.12 – Dia 24

Sem nenhum esforço, sei lá... apenas genética, posso lhe afirmar que sempre tive um corpo bem cuidado e uma saúde de ferro.

Promovi o luxo de um meditativo banho morno ao sabor da erva-doce. Olhando meu reflexo difuso no pedaço de espelho embaçado, quis aceitar que aparentemente tudo estava em ordem no lado físico do meu ser atrevido, mas era palpável a tristeza pronunciada em meu olhar ausente.

Após o despertar de um desmaio ridículo, não preguei o olho a noite toda, refletindo sobre as barbaridades que eu havia cometido contra Tanguinha. Uma força física que eu não imaginava possuir aflorou durante aquele meu selvagem estado catatósco de demência.

Jamais usei de violência física (em sã consciência) contra ninguém, a não ser nos tempos do colégio, em intrigas adolescentes, quando eu defendia minha honra em ser o que sou na sexualidade escolhida.

Comparei meu recente ato covarde às delícias que eu havia curtido com Fumeta na estação de trem abandonada em Jundiá. O.K. Aquele foi um delírio erótico sadomasoquista, nada mais!

O que eu impingi a outro ser humano que só almejava deliciosos instantes de fuga no dia anterior não era digno de perdão. Implorei clemência. Voltei a chorar copiosamente... por ter agredido meu próprio irmão!

* * *

Depois do tradicional cafezinho na padaria Cajara, resolvi correr um pouco pela praia, desejando que o suor liberado pelo meu ridículo ser limpasse os delírios da minha mente perturbada.

Superei duas horas de passadas largas. Arriei meus ossos sobre a areia, onde lascas de ondas gelatinosas beliscavam as solas dos meus pés doloridos. Permaneci assim durante longa exposição, deixando o espírito sentir a maresia, aproveitando que um sol tímido tentava carimbar minha pele com seus tentáculos benéficos.

Quando a maré ameaçava engolir meu território de sossego, sentei mais ao longe e fiquei apreciando a beleza daquele mar sem fim. Alguns turistas caminhavam pela praia. Um calção vermelho despertou meus impulsos. A velha tática da troca de olhares tímidos funcionou a contento. Elevei meus anseios. Vinte e quatro passos e meio... e um sorriso boa-praça permitiu uma tranquila aproximação. Sentei ao lado do homem cuja pele estava bem rosa-da por causa do mormaço. Ela disputava sua tonalidade contra a bermuda vermelho-hematoma do velhote com cara de capitão.

“Você é um rapaz muito bonito”, disparou Capitão. “Você... é casado?” Eu afirmei que não mantinha compromissos com ninguém.

Tivemos uma longa e agradabilíssima conversa. Falamos sobre os rumos do país, sobre os eternos problemas políticos, sobre a decadência do PT. Trocamos calorosas ideias sobre esportes, principalmente Tênis e Fórmula 1.

“Estou hospedado na casa de veraneio do meu filho há dois dias e volto ainda hoje para São Bernardo. Você gostaria de tomar uma cerveja comigo?”, convidou-me timidamente Capitão, acariciando com cautela meus cabelos salinos.

Ao chegarmos numa bela residência localizada no Balneário Atlântico, me joguei num pufe creminho, fofuxo, convidativo. A sala era toda decorada com peças de cerâmica indígena, o que me encantou diante da beleza dos seus detalhes rústicos, originais, intrigantes.

Capitão surgiu segurando uma garrafa de Skol e dois copos finos e altos. Serviu-me de uma maneira muito sensual, pois seu olhar âmbar enamorava meu olhar verde-musgo e assim nos consumíamos por telepatia. Afogueados, curtimos nossas bebidas geladas.

O primeiro passo foi dado pelo Capitão, que voltou a tocar meus cabelos, descendo lentamente a mão pesada pelo meu rosto, seguindo seus dedos a tatear sobre meu peito cabeludo. Sua respiração permanecia ofegante, num tom adolescente. Era nítido o seu nervosismo. Há tempos que ele não compartilhava sua intimidade com outro homem. Toquei seus mamilos rochosos, excitados, perfurantes. Agarrei um braço arrogante e peludo, e acariciei uma tatuada mão marcada pelo sexto tempo.

O segundo passo foi tomado por mim-eu-mesmo, quando coloquei o copo quase vazio no piso de cerâmica vitrificada e roubei um beijo de amor

do velho lobo do mar. O hálito bucólico e a língua ativa tocando meus lábios vibrantes elevaram todos os meus sentidos e desejos e anseios e esperanças. Tirei a camisa e induzi Capitão a lambar meus biquinhos. Ele desceu sua língua cáustica pelo meu umbigo salitrado. Abaixou meu calção e abocanhou meu pau a Noroeste. Eu busquei seu sexo, mas o homem desviava minhas tentativas, frustrando-me as investidas. Quando finalmente consegui tocá-lo no ponto principal, Capitão afastou meu corpo, constrangido.

“Eu queria te penetrar, mas sou... impotente. Por favor, não insista, eu não...”

Encerrei o comentário com um beijo apaixonado.

“Deite-se”, eu pedi com delicadeza. “Feche os olhos. E relaxe.”

Comecei beijando seu cavanhaque grisalho e fui descendo minha língua até o sexo natimorto. Estados psicológicos sempre podem ser revertidos.

Beijando o membro flácido, olhei com intensidade para meu homem:

“Você não vai me comer, mas vai gozar como nunca. Confie em mim.”

Esquecemos o tempo. Arquivamos as dificuldades. Relaxamos nossos pensamentos, induzidos por minhas mãos que acarinhavam o velho espírito não mais derrotado.

Paciente e meditativa, minha boca bem treinada navegou pelo leme do Capitão durante um tempo que não precisava ser rotulado. Aos poucos, uma leve ereção tomou forma. Ampliei meus movimentos labiais. Em prantos, o homem passou a segurar todos os meus cabelos, gritando e gemendo e implorando para que eu não parasse de maneira nenhuma. Um urro másculo ecoou na grande sala. Algumas gotas de uma porra ancestral abandonaram o acanhado timoneiro. Fiz questão de degustar o precioso elixir milenar, fonte da minha eterna juventude.

Chorando, emocionado durante um abraço concentrado, Capitão agradecia pelos momentos únicos de carinho, pela paciência e pelo real prazer (de liberdade) que eu lhe havia proporcionado. Ficamos unidos em respeitoso silêncio, ouvindo a sinfonia inefável destilada pelo oceano.

Ganhei, como recompensa, infinitas horas de carinhos e beijos ternos, protetores, dotados de grande energia regeneradora.

Remoçado, dormi junto do velho homem novo. Mas, antes, agradeci em uma quase oração a rara oportunidade de ter feito alguém realmente feliz, pleno, completo!

Deus, oculto atrás das montanhas de Iguape, havia acabado de vivenciar o ducentésimo orgasmo do dia, quando finalmente resolveu relaxar sua espessa cabeleira platinada bem no centro do largo peito liso de Gabriel, seu único protegido.

Liquidado. Ilha triste. A Morte pede carona...

18.08.2005.23.49 – Dia 25

Passei o começo da quinta-feira programando minha volta para Curitiba. A suprema tranquilidade da ilha estava me cansando, apesar dos fantásticos prazeres e angústias que ela havia me presenteado até agora. Liguei para Tia Corada, avisando-a que voltaria no domingo próximo ou mais tardar na segunda, dia 22, à noite.

Por apenas dez reais, comprei os (certamente roubados) DVDs “Beleza Americana” e “Chicago” de um pivete que cruzei na saída da padaria onde eu tomava meu café da manhã todos os dias. Sendo assim, dediquei o período da tarde para assistir os clássicos no meu iBook.

* * *

Aproveitei o princípio das quatro para mergulhar nas esmeraldas águas da vida. Depois da infantil farra solitária, caminhei um tempão pela orla, a fim de secar meu serelepe corpo gostoso, agora novinho em folha!

Quase cinco. Sentando na areia, meditando sob o efeito calmante do marulho das ondas que quebravam junto aos meus pés transparentes, meus músculos rebeldes foram relaxando aos poucos. Que delícia constatar que meu ser finalmente abandonava o branco orvalhado que tanto insistiu em permanecer grudado sobre minha pele sensível durante minhas lindas férias no paraíso. Encarando meus braços e coxas, foi muito bacana constatar que tudo reluzia uma cor vibrante, saudável, sensual. Viva o astro-rei!

O latido de uma moto pra lá de tunada atrapalhou meu encanto. Um moreno alto, sem capacete, estacionou uma linda Honda a pouca distância de onde eu relaxava. O homem de boas formas tirou os sapatos sem meias, arregaçou as barras do jeans de caimento irregular e caminhou pela areia até que algumas ondas, submissas, beijassem seus pés desproporcionais. Ele abriu os braços como que a saudar e se despedir do meu amigo Sol. Seus cabelos negros, elétricos e brilhantes bailavam soltos ao sabor de um vento moderado. Fiquei pasmo diante da beleza exótica daquele notável varão hermético.

Ele captou meu fascínio e veio ao meu encontro. Seus passos eram firmes e decididos, como se ele desfilasse numa passarela coberta de areia purpurínica.

“A Natureza é maravilhosa, não é mesmo?”, ele disse, num tom convidativo.

Fiquei hipnotizado pela fantástica voz grave, sensual, cadenciada. Apertamos nossas mãos, expandindo a liberdade do contato de terceiro grau.

“Você... deixe-me ver... não é da ilha, certo?”

Confirmei que não; que estava só de passagem.

Um sorriso de dentes muito brancos, dispostos num alinhamento impecável, iluminou o final de uma tarde que prometia ser marcante. O homem falava, falava e me encantava após cada sílaba pronunciada.

“Você é locutor de rádio ou apresentador de algum programa de TV local?”, perguntei, por extrema curiosidade. Eu tinha certeza de que já ouvira aquela melodia harmônica numa rádio qualquer.

Voz Perfeita baixou a cabeça, permanecendo em silêncio durante um incômodo instante. Quando finalmente abriu a bocarra, ele confirmou que trabalhava na área de eventos artísticos em Iguape e região. Eu não quis me aprofundar sobre o assunto, pois isso aparentemente o incomodava.

“Posso fazer uma foto sua? Puxa, você é lindo!”, afirmei com convicção.

Voz sorriu timidamente, o que encarei como um liberado “sim”.

Os pinheiros do Riviera proporcionavam um perfeito enquadramento. Fiz várias fotos em sequência do meu artista acanhado. Porém, novamente, percebi que algo o incomodava.

Acocorados na areia com os corpos quase a se tocar, Voz Perfeita acariciou minhas faces com brandura.

“Quero fazer amor com você”, ele afirmou, num sussurro.

O som proveniente dos lábios aveludados e o toque do bigode-prince na minha orelha esquerda me jogaram de vez no abraço da Loucura.

Aquele macho de ouro com aquela voz límpida poderia fazer o que quisesse comigo ali mesmo, já que eu seria incapaz de oferecer-lhe qualquer tipo de resistência. Eu realmente estava encantado com a tremenda sensualidade de um Iluminado.

“Preciso pegar uma... coisa, você aguarda alguns segundos?”

Eu poderia esperar por toda a eternidade, meditei, embasbacado.

Voz Perfeita foi até sua moto. Notei que retirara um pequeno envelope

da maleta traseira. Do envelope pardo surgiu um papelote de textura cintilante. Voz travou a maleta e voltou para onde namorávamos.

“Você curte?”, ele disse, mostrando o conteúdo.

“Não”, respondi, “Mas não me importo. Pode usar a vontade!”

Voz inalou o pó cristalino em uma única aspirada. Em seguida elevou a cabeça, como a contemplar um céu anil repleto de pérolas imaginárias. Ele amassou o papel metálico e o colocou num dos bolsos da jaqueta de couro. Permanecemos mudos, onde somente a trilha sonora promovida pelo DJ Aquaman embalava nosso descartável romance.

Voz inspirou o ar lentamente, renovando as energias. Ele bolinou minha mão trêmula.

“Vamos nos amar totalmente agora. Você quer?”

Respondi com um beijo e recebi em troca uma rajada de carinhos e indelével devotamento. Voz Perfeita buscou minha boca com muita gula. Seus beijos eram repletos de ternura e suas mãos proporcionavam massagens revigorantes em meu corpo tenso e em minha alma ressentida.

A noite surgiu como por encanto e a escuridão total nos protegia do mundo dos homens. Foram triênios de beijos, abraços e lambidas perfurantes. Nossas roupas foram retiradas numa coreografia de apurado sincronismo. Nossos corpos se uniram na divina intenção de Almas Companheiras a se fundirem em um só Cosmos. Beijamos nossos sexos num inesquecível meia-nove. Sentimos nossas pré-porras com as pontas de nossas línguas em carícias abissais repletas de genuíno erotismo.

“Quero te penetrar. Posso?”, Voz perguntou-me entre afagos, enquanto nos agarrávamos num trigésimo abraço bem apertado, onde nossas milanesas bocas selvagens selavam o mais sublime dos beijos.

Não respondi com palavras, mas sim me entregando numa posição perfeita para ser possuído por toda eternidade. Voz entrou em mim-eu-mesmo num divertido pá-pum-bola. Meus pés estavam seguros por mãos valentes e apontavam felizes para um firmamento repleto de pitorescos pontos luminosos furta-cores. Eu venerava o contorno do macho de cabelos eletrificados ao vento consumindo meu corpo etéreo. Foi a melhor penetração em “V” que curti em anos e anos de fodaria variada.

A fusão dos sexos era sobrenatural. Nossa dança contemporânea era

mágica, única, insuperável. O gozo foi pacífico. Pude sentir toda fluidez da essência de Voz Perfeita bailando solta em minha via de mão única. Mordiscadas sapecas na altura do queixo relaxavam ainda mais meus instintos. Voz continuou a estocar seus filhos no quarto dos reis por mais algum tempo, até que seu báculo resguardou-se, deslizando com suavidade para fora do salão de um faraó.

Ambos destilávamos risos encantados. O bom sexo havia nos transformado em garotos diante da primeira experiência no Amor.

Ainda relaxando seu corpo sobre o meu – suor contra suor na infusão das matérias –, o galanteador latino buscou meu ouvido direito e sussurrou-me em um tom de voz assustador:

“Você vai morrer!”

Minha razão pareceu não captar com clareza a mensagem. Voz Perfeita travou meus movimentos com o peso do seu espólio e repetiu, agora em tom gritado:

“Você vai morrer, cara, assim como eu. Você vai morrer da Maldita, assim como aquele filho da puta me matou há três anos. Você vai morrer! Você vai morrer!”

Emprestei forças da Providência e joguei quem eu julgava ser meu amado para longe escanteio. Consumido pelo Terror, corri para o mar, atirando-me nas águas avinagradas, riscando meu íntimo com o sal da vida, tentando retirar a qualquer custo toda essência apodrecida daquele diabo de voz angelical.

Sentindo-me derrotado, abandonando a tarefa inútil de reverter o infortúnio que estava concretizado, retornei – sem ânimos – para as minhas roupas.

Voz estava sentado, nu, sobre sua jaqueta de couro.

Sem parâmetros para continuar a viver, humilhado, aprumei minha submissão ao lado do homem que afirmava ter me matado. Ele então retirou um papel amarrotado de algum lugar do passado. Entregou a folha para mim, acendendo um isqueiro para que eu pudesse ler o que estava escrito. Era um exame de laboratório. Antigo.

Depois de confirmar os dados pessoais daquele cretino, o que eu mais temia se concretizou em uma única linha: POSITIVO.

Devolvi o testamento para ele. Não sei dimensionar a temperatura do nosso silêncio. Lambendo o que imaginei ser gotículas do meu sangue em seu indicador, Voz quebrou meu vazio pedindo desculpas por ter me infectado.

Começou a rir feito um lunático, repetindo dezenas de vezes que “ele” havia acabado com sua vida.

“Ele me matou, ele me matou! E eu matei você, tá entendendo? Eu matei você. Meu veneno herdado agora está dentro de você, cara!”

“Por favor, eu não quero saber quem é ele”, respondi com inacreditável firmeza e muita calma.

“Você fez o que devia ser feito. Acho que no fundo eu sabia que isso iria acontecer. Eu já aceitei meu destino há muito tempo.”

“Do que você está falando, porra. Do que você está falando, caralho. Eu acabo de te condenar à morte. Você não perc...”, tapei os sons graves emitidos pela linda voz que me seduzira há um século. Contive uma sequência de lágrimas que insistia em saltar dos meus olhos flamejantes.

“Eu só tenho um único pedido pra te fazer. Eu quero que... quero que você me faça gozar... agora!”

Levantei e coloquei minha bermuda e minha camisa, nós três carcomidos pela areia polidora. Abri o bolso lateral da bermuda e conferi se minhas chaves e meu celular permaneciam em ordem e intactos. Deixei meu pau para fora.

Com raiva quase primitiva, golpeei intensamente a boca e a garganta de Voz, fazendo-o sugar meu caralho até o decadente êxtase final. Demorei muito, muito, muito para concluir o último estágio do meu prazer obrigatório. O suor escorria em cascata pelo meu rosto branco oculto no betume de uma noite sádica. Empastelei meu gozo em sua boca, fechando-a em seguida, garantindo que Voz deixasse minha porra sadia descer e permanecer em seu íntimo bombardeado. Ele não desperdiçou meu elixir.

Exigi o último beijo para sentir meu último gosto.

“Ad... eus”, ele piou, gargalhando, engasgado entre soluços provocados pela passagem do meu antídoto vencido.

“Adeus”, eu respondi, sentindo considerável pena dele e de mim-eu-mesmo.

“Você já fez o que precisava ser feito”, continuei.

“Mas, por favor, não espalhe tua semente pestilenta nas almas de outros rapazes. Você já se vingou dele. Eu fui o Escolhido. O jogo acabou!”

Voz Imperfeita soluçava baixinho.

Como a impingir-lhe uma bênção, levantei e o beijei no alto da cabeça.

“Você concluiu o que realmente já estava escrito. Eu sabia de todos os riscos... quando programei minha própria desventura. Assumo, submisso, o que eu tenho que aceitar”, repeti a última frase para ele, para mim, para as gaiivotas fluorescentes...

... para os meus passos bamboleados... durante doze quilômetros doloridos...

... repetindo o mantra para meu anjo de guarda que tinha virado – com propriedade! – as costas para o Derrotado.

Desnortado. Ih.... Sexo, drogas e Mick Jagger...

19.08.2005.22.22 – Dia 26

Hoje pensei em Deus.

Exigi que ele cessasse por alguns segundos sua eterna luta entre espadas flamejantes contra Gabriel. Estava na hora Dele providenciar um pouco de atenção ao seu filho desgarrado aqui na Segunda Terra.

Horas inquietantes e sinistras e vazias se passaram. Acho que Ele preferiu se perder em suas orgias cósmicas e continuou a parir seus mundos após a quaquatrilhésima gestação de doze dias até hoje incompreensíveis.

Não recebi nenhuma resposta dos céus. Não captei nenhuma palavra de consolo. Contemplada da minha janela, finalmente uma baforada do Seu charuto coobano se materializou em forma de nuvem única a pontuar um azul sem fim, como a me dizer: “foda-se!”.

O Livre Arbítrio sempre cobra a Responsabilidade.

Nunca fui muito ligado em assuntos místicos. Minha família é católica por tradição e eu particularmente não frequentei mais a missa ou outras manifestações religiosas após minha adolescência. Acredito numa força superior e sei que Ele deve ser um cara muito tolerante e legal, apesar de se divertir e se envergonhar com as cagadas que praticamos aqui do outro lado, todos os dias.

No meu entendimento, a vida é muito fácil e simples de ser vivida e me incomoda ver o quanto a maioria das pessoas complica (ainda mais) suas existências medíocres. Não suporto “vítimas do destino”: aqueles tipinhos que são incapazes de mover uma única palha de modo a evoluir enquanto seres que deveriam se comportar como humanos.

Quando decidi que precisava viver as maiores loucuras nos atos sexuais que realizei ao longo desses quase trinta dias, mantive plena consciência de todos os riscos que enfrentaria.

Intimamente, achei um absurdo presenciar o pouco-caso da incrível quase totalidade dos homens em transar sem qualquer tipo de proteção... tanto pessoal, quanto no quesito saúde, por exemplo. Em todas as ocasiões em que fui penetrado ou que penetrei um macho sem camisinha, volto a repetir que mantive plena consciência dos riscos que estava correndo.

Foi uma opção única e exclusivamente minha entregar-me ao “prazer” sem escrúpulos.

Por enquanto, não posso lhe afirmar que tudo não passou de uma forma de autopunição. Só aceito que era necessário EU realizar tais façanhas de uma maneira ou de outra. O meu destino é subordinado à minha escolha. Acredite: eu repetiria tudo outra vez, sem nenhum nível de neura, hipocrisia ou pudor. Esse foi o meu jeito, insano ou não, de mostrar a você tudo o que não deve ser feito numa aventura de escape.

Mesmo nas mais loucas aventuras íntimas, eu acredito que é possível alcançar o máximo de prazer tomando consciência da segurança pessoal, da saúde e do bem-estar físico e mental dos envolvidos. Tive coragem de arriscar minha vida em prol da veracidade das minhas histórias. Experiências que são expostas nuas e cruas somente para você. Faço isso por você e pode ter certeza de que não me arrependo de nada.

Eu aprendo com meus próprios tropeços. Só pego no seu pé se for para endireitar a sua caminhada. Cabe a você decidir se tudo o que tem acompanhado nos últimos dias é real ou imaginário, é certo ou errado, é ousado ou insano... enfim, cabe a você escolher qual é o melhor caminho a seguir após ler, punhetar e refletir sobre meus relatos cuspidos, escarrados, danificados.

A resposta intrínseca da Verdade está gritante nas minhas entrelinhas!

Minha intenção primordial foi explorar o máximo do homoerotismo e da realização das fantasias que todos nós temos e por puro preconceito deixamos de realizar – da maneira correta – em nossas existências. E, claro, também alertar sobre os absurdos que todos nós cometemos quando sufocamos o bom senso e a autoestima.

Não estou afirmando que você deva sair por aí dando ou comendo qualquer coisa que se mova na sua frente. Você tem o direito de replicar minhas fantasias com seu parceiro fixo ou com alguém de sua confiança, desde que ambos mantenham um consenso de respeito mútuo aos limites de cada um. Também vale reunir um grupo de amigos legais e saudáveis em corpo e mente, e curtir uma noite louca de uma suruba excitante entre machos que se gostam e se respeitam.

A vida é tão simples e prática em ser vivida!

Eu acredito que tudo vale a pena, desde que você não imponha seu ego-

ísmo e apenas use as pessoas, ou se prejudique pessoal, espiritual e materialmente. *Safe sex, day by day!*

* * *

Encontrei Ivan perdido tanto quanto eu durante um passeio descompromissado pelo Boqueirão. Caminhávamos há tempos quase que alinhados, quando decidimos iniciar um papo, já que éramos os únicos seres bípedes a rastejar pelas areias escaldantes. Eu tentava liquidar uma garrafa de Red Label. Meu acompanhante também estava além do horizonte, segurando o resto amassado do vigésimo latão de cerveja.

Ivan relatou que havia desfeito um namoro-noivado de cinco anos. Pegara a vadia fodendo com um amigo. Cena clássica. Filosofamos e tagarelamos por horas e horas e horas a fio, destilando nosso sofrimento em uma paranoica (e patética!) ajuda mútua.

A noite caiu em desalinho. Ventos cortantes vindos do Sul obrigaram nossos corpos bêbados a se aquecerem num abraço trêpado em carências herméticas. O resultado da união fraternal foi constatar nossos sexos a explodir dentro das nossas bermudas de tecido leve. Não perdi tempo e dominei por completo meu novo companheiro, descendo seu pano até o Chuí e sugando com voracidade sua arma de bom calibre. Ivan entregou sua frustração, vingando-se no nosso prazer.

“Faça o que quiser comigo, mas só não quero beijar a boca de homem”, ele disse.

Suspirei, pois eu não estava nem um pouco interessado em beijos romanescos.

Como um ridículo desesperado, queria que ele gozasse logo na minha boca para que eu pudesse apreciar seu virginal antídoto de ótima procedência, acreditando que a porra sagrada daquele ingênuo jovem de coração partido pudesse anular os efeitos do veneno injetado em mim na noite anterior.

Ivan teve um gozo alquebrado, repleto de remorso. Seu babaganuche desceu rodopiando pela minha garganta seca. A sensação de chupar um homem virgem no trato íntimo com outro homem é indescritível. Deitamos na areia convidativa. O vento aumentava sua intensidade.

“Não sou egoísta. Quero fazer você gozar. Ensina-me a te bater uma?”

Comovido com a inesperada virgindade, não tive tempo de responder,

pois Ivan já segurava meu sexo desajeitadamente e me batia uma punheta fora de compasso. Gozei. Por obrigação.

Ambos moleques pecadores e chorões, sem despedidas, retornamos à solidão dos nossos devaneios por caminhos opostos. Sozinho, cambaleei sem saber aonde chegar. Caminhei por mais de, acredito, quarenta minutos. Por alguns instantes me senti desorientado e fodido. Fui e voltei e dei reviravoltas sem encontrar um ponto de referência.

De repente, uma luz intensa hipnotizou minha alma. Homem Vermelho expelia labaredas de fogo como o dragão chinês que povoava meus antigos sonhos infantis. Luz, chamas, calor e uma canção do Rolling Stones evocavam a simpatia pelo demônio. No meu íntimo chapado, implorei para ser queimado pelo fogo sagrado que emanava do homem-bruxo.

A giratória luz alaranjada indicou-me nova direção a seguir. Passei por trás daquele macho-músculos e, sem resistir, toquei suas costas lisas, largas, infernais. Beije a ponta dos meus dedos que continham o sal avinagrado daquele anjo caído.

Descobri um círculo de jovens. Pisoteei o centro mágico e passei a dançar. Todos riam. Ganhei aplausos. Arranquei os panos. Ganhei assovios sensuais de uma turba ingênua, na flor das descobertas. Como prêmio sobre a minha fantástica performance, uma guria me ofereceu uns pegadas de um excelente tabaco de verdes-podres. Aprendi a gostar daquilo que um dia condenei. Viajei entre bolas de fogo e neve expelidas por um alegre e divertido vulcão imaginário. O vento brindava os meus ouvidos com a voz de Mick Jagger. Seu trinado-heroína era um mantra repleto de boas afinidades vibratórias.

Jäger, o caçador, chegava ao final da sua jornada. Jagger, o gênio, destilava sua música clássica cada vez mais alta em meus tímpanos decadentes.

O álcool e a erva cobraram seus tributos. Entorpecido, despencando de sono, eu precisava voltar o mais rápido possível à minha casa cheia de mofo e me embrenhar nos lençóis de cheiro pútrido que cobriram minha demência durante todos esses dias na tal Ilha Comprida. Senti saudades de Frankey. Senti saudades do meu pai que insistia em não me aceitar. Senti saudades do primeiro beijo de língua que troquei com Augusto no banheiro do colégio, aos doze anos. Senti saudades do Afrânio, o grande amor da minha vida!

Joguei longe o litro vazio da bebida que aqueceu meu sufoco durante toda a tarde. Gritei para os espíritos dos sete mares um milhão de palavras sem sentido. Chorei. Estapeei meu rosto em delirantes socos isentos de dor. Tirei a última foto da minha musa: A Loucura.

Na minha cabeça acobreada, eu jurava que já era longa madrugada, quando por instinto encontrei o caminho certo até a Casa Mofada. Fiquei emocionado ao tocar na velha cama de casal com seu lençol imundo, emaranhado, carinhoso. Lancei lágrimas prateadas e chuvas douradas sobre o colchão duro.

Adormeci nos braços do Senhor da Noite. Nós dez... dois... doze... quinze... dezoito... exaustos... completamente bêbados.

Mortificado. Ilha agridoce. Festa de despedidas...

20.08.2005.23.56 – Dia 27

Restavam exatos trezentos e oitenta e três reais na minha carteira. Investi os tufos nessa minha “viagem de férias” maluca. Pra falar a verdade, te revelo que não dou valor para o dinheiro. Consumo aquilo que posso gastar. Tudo o que ganho é para uso pessoal, já que não preciso ajudar nas despesas da casa dos meus pais e não mantenho dívidas significativas.

* * *

Passava das nove da manhã quando comprei minha passagem de volta para São Paulo no “mini shopping” localizado na Avenida Copacabana. Na segunda, 22, eu deixaria a ilha por volta das três da tarde. Eu ficaria mais alguns dias com meus tios em Jundiaí e depois voltaria para casa, para recomeçar uma existência que no momento eu julgava totalmente privada de grandes perspectivas.

Não fiz mais nada durante o dia nublado e acanhado, a não ser deixar minha mochila mais ou menos organizada, recolher e guardar meus DVDs vendidos por um pirata pirralho e meu dois pendrives abarrotados com as cópias de segurança das minhas fotos e dos meus relatos originais. Depois foi um vício de dormir e beber e cochilar e resmungar e chorar, num círculo que me deixou insípido no transcorrer da tarde abafada.

A noite chegou e com ela uma renovada vontade de foder reacendeu o desejo de ir à caça de picas e bundas anônimas. Decidi que gastaria meus últimos reais disponíveis numa bebedeira de baixa classe.

Oh, como eu sou um idiota: existe bebedeira de alta classe?

Fiz a barba. Tomei um banho caprichado, deixando a carcaça limpa e com cheiro de Kaiak. Coloquei uma bermuda que evidenciava o volume do meu pau e a grandiosidade da minha bundona redonda, chamativa, refeita. Em plena forma aos quase trinta, confesso que guardo um tremendo orgulho do meu corpo.

Iniciei minha caçada passeando de bar em bar, sem obter sucesso em

nenhuma investida discreta. Porém, minha sorte mudou quando cheguei numa pracinha que ficava entre a Avenida Beira-mar e a Avenida Copacabana.

No meio de barracas de artesanato desativadas, um grupo de rapazes bem alegres conversava baixo, riam alto e sorviam uma espécie de coquetel em copos coloridos. Bastaram dez segundos de contato para que eu me enturmasse e fizesse novos amigos. Conversamos sobre os caquéticos assuntos de machos ignorantes: sexo, mulher, futebol e mais sexo. O que chamou minha atenção de imediato é que os debates sobre mulheres eram depreciativos ou quase nulos. Foi nesse momento que arquitetei uma ótima noite de orgias múltiplas.

Dei um tiro certo ao sugerir para o grupo uma bela rodada do coquetel que eles apelidaram de “bebida do capeta”. Além disso, insinuei que se alguém descolasse alguns baseados, tudo seria permitido numa reunião íntima de grandes colegas desconhecidos.

Assim que entreguei parte do meu dinheiro para um dos rapazes, em poucos minutos-pirlimpimpim já nos encontrávamos abastecidos com muita bebida e muita droga.

A gangue dos jovens iludidos seguiu seu novo líder. Destino final: minha idílica Casa Mofada. Na sala que não era sala, empurramos os sofás para um canto da parede e numa pequena mesinha de centro depositamos nosso arsenal alucinógeno.

Os gêmeos tiraram as camisetas, onde corpos malhados e esteticamente impecáveis desfilavam sua beleza diante do resto do grupo. Gêmeo Um amarrou a camiseta no alto da cabeça, formando um turbante espantoso, bem engraçado. Isso facilitava a identificação, já que ambos eram idênticos até mesmo no corte de cabelo e nas tatuagens espalhadas naquelas beldades *by* Michelangelo. Gêmeo Dois preparou nossos “cigarros do capeta”, para combinar com a bebida fortíssima. Verde e Rosa se enfiaram num canto da sala e começaram a trocar beijos errôneos, o que me deixou prontamente excitado e louco para iniciar o lado maligno da festa. Azul notou meu estado de graça e junto com o amigo Branco deu início a toques precisos e insinuantes em meus ombros, pescoço e peitos pulsantes.

Entrelaçado pelos dois jovens, iniciamos uma dança erótica sem música, onde nossos corpos procuravam um encaixe ideal e nossas bocas disputa-

vam a língua irrequieta e a saliva doce da boca mais próxima. Eliminamos de vez nossas roupas e iniciamos nossos atos pré-fabricados. Eu comandava as ações e tudo seria realizado exatamente do jeito que eu quisesse. Todos deitaram no chão frio, tentando acomodar as ansiedades no que deveria ser um tapete. Passei a experimentar o pau em riste de cada um, até escolher qual deles seria o primeiro a me penetrar sem proteção.

Verde foi o sorteado. Sentei e cavalguei em seu toco com muita disposição. Branco e Azul sugavam os mamilos do amigo. Eu assistia a tudo de camarote.

Saí do começo da putaria, ficando de quatro num dos sofás velhos da grande sala desbastada. Fui perfurado por cada um dos rapazes. Não senti nenhum prazer. Na minha cabeça só havia o desejo sórdido de repassar meu pólen infectado para quem enveredasse os arredores das minhas pregas ausentes. Paus grandes e pequenos, tortos e retos, grossos e finos entraram e saíram do meu canal durante horas e horas e horas. Fui revirado até não aguentar mais. Minha boca e meu cu foram arrombados sem dó pelos felizes rapazes perdidos da ilha dos prazeres.

Tudo mais do mesmo.

Tudo é sempre igual.

A Dor não é capaz de mascarar sua própria dor.

Enquanto eu era penetrado por alguém e vez por outra chupava um ou dois, o restante do grupo consumia mais e mais dos produtos do capeta, e um espetáculo de beijos, de chupadas e de outras penetrações rolava como num filme repleto de bocejante erotismo diante da minha entediada pessoa.

Verde e Rosa – depois que ambos me foderam até não aguentarem mais – resolveram brincar sozinhos, bem na minha frente, variando a penetração um no outro num rodízio inacreditável. Um barril de esperma foi deixado em meu interior por cinco rapazes desvairados.

Ao findar da primeira rodada de sexo, fui ao banheiro e tomei uma ducha fria. Enfiei três dedos no meu cu agora largo. Friccionei com ferocidade meu buraco até que o mesmo me presenteou com pequenos ferimentos. Vi lascas de sangue manchar minhas unhas esmerilhadas. Não satisfeito, apanhei uma lâmina de barbear e tracei valas microscópicas na minha língua até onde pude suportar a dor.

Havia um mar de “puro” sangue nas duas frentes de perda batalha.

Voltei, pingando, para a sala. Beije o primeiro que passou na minha frente. Gêmeo Dois foi o felizardo. Ninguém sentiu a diferença de nada, devido ao estado mental estropiado em que todos nós nos encontrávamos. Pedi para Azul me chupar o cu e fui prontamente atendido. Mais um a provar do meu sangue envenenado. Minha porção “macho” foi ativada em seguida, já que eu ainda não havia gozado. Penetrei Branco com agressão controlada, ao mesmo tempo em que pincelava o cu de Rosa com a força do meu estri-dente dedo indicador.

Chupei três rabos que se revezaram diante da minha língua machucada. Saí de um rabo branco para foder um rabo chocolate. Meu pau esfolado manteve-se vitorioso ao fatiar quatro dos integrantes do meu harém. Acabei gozando no premiado cu de Verde, sem proteção, é claro. Desabei cansado, confuso e atormentado no chão arenoso da sala amargurada.

Bêbado, ainda estatelado no chão, suguei sozinho mais um incenso de maconha. A erva me ajudou a apreciar as curvas da Dona Morte, que bailava toda sorridente sobre o meu cadáver concretado num forno de micro-ondas. Ela – que tinha o rosto idêntico ao da ridícula Britney Spears – acompanhava entre gargalhadas as múltiplas orgias amadoras dos moleques travessos.

Vi Breno, meu irmão, diante de mim. Ele mantinha a cabeça baixa, chorando por causa de todos os meus pecados. Do outro lado da cozinha, meu pai ria e chorava de ódio, deserdando o filho que ele julgava ser um homem exemplar. Mauro, meu último e eterno “gut-gut”, dava de ombros, decepcionado com meus atos derradeiros, impossibilitando de vez a volta do nosso amor um-ano-e-meio.

“Quero porra em meu corpo, quero porra na minha boca, quero porraaaa...”, gritei aos oito ventos.

Os gêmeos enfiaram seus cacetes na vastidão do meu céu acobreado, enchendo-o até as tampas. Depois de tudo absorvido, comecei a rir sem parar, descontrolado, confirmando que até o gosto e a qualidade dos seus líquidos eram idênticos.

Outros caralhos foram socados e socados em cima de mim-eu-mesmo e após aflitivos minutos vários homens não identificados esporravam pela milésima vez suas glórias sobre meu peito, coxas, pés, boca e cabelos.

* * *

Quase meia-noite. A hora da Abóbora se aproximava.

Onde estava o filho de uma puta rampeira do meu Príncipe Encantado?

Minha boca e meu cu ardiam na mesma proporção. Minha garganta clamava pelo-amor-de-deus para não ser mais agredida com as quantidades absurdas de água sanitária mentolada.

Enfurecido, exigi que Azul retirasse todos da Casa Mofada, pois eu precisava ficar sozinho. Pela estrada-breu, garotos selvagens bailavam e cantavam e sumiam na névoa stephenkinguiana.

Num passe de magia negra, meu mundo voltou a ficar vazio. Maravilhado, vi copos vermelhos espalhados pelo chão. O peso da erva queimada ainda pairava no ar liquefeito. Manchas de sangue, suor e porra brilhavam no sofá, no piso frio e no caminho que ia dar no banheiro.

Minha cabeça rodava e rodavam também os poucos sentidos que ainda lutavam para se manter em pé. Tonteado, bati mais uma punheta, resgatando o que restava de energia do meu físico esgotado. Inesperadamente, gozei muito acima do normal! Espalhei minha cola por todo meu ventre e boa parte dela foi lambida entre meus dedos finos.

Fiz um furo no meu dedo indicador. Batizei meu sangue com minha porra maldita. Eu precisava sentir meu putrefato gosto único mais uma vez.

Esperançoso. Ilha da fantasia. Fã sulista...

21.08.2005.21.32 – Dia 28

Algo escalafobético acontece comigo.

Na maioria das vezes em que fiz amor, fui tomado por boa dose de culpa quando findo o ato. Mas quando faço sexo pelo sexo, uma paz sem explicação aparente envolve todo o meu ser.

* * *

Uma energia renovadora cativou meus restos durante toda manhã. Levantei por volta das oito. Tomei uma ducha arrepiante. Na padaria Cajara, me banqueteei com um copo enorme de café com leite e dois lanches caprichados de pão francês com mortadela.

De volta a Casa Mofada, resolvi dar uma de “Marinete” e promovi uma ordem no lar que começara a ganhar minha simpatia. Lavei o piso da sala e da cozinha. Lavei e desinfetei o banheiro. Na lavanderia, encontrei até um resto de sabão em pó numa caixa pré-histórica e dei um belo trato em tudo o que eu havia usado durante a semana: lençóis, fronhas, pano de prato, pano de chão, etc.

* * *

A pomposa alegria da manhã se transformou em grave depressão à tarde. De repente, lágrimas e soluços romperam em conjunto, deixando-me fraco, indisposto e sem ação. Parei de digitar. Joguei meu iBook sobre a cama de casal nua, onde as estampas desbotadas do colchão antigo agrediam qualquer visão mais apurada.

Debandei para uma necessária caminhada.

Não havia nenhum turista na praia, exceto um concentrado pescador bem idoso que remendava a sua rede artesanal. Pedi a ele que tirasse uma foto minha junto ao mar belíssimo, onde desengonçadas ondas bailavam em espectral calmaria. Fiquei de costas para não expor minhas lágrimas corrosi-

vas e o meu rosto inchado marcado pela vergonha e pela tristeza que tomavam conta do que restava da minha dignidade. Ele não entendeu nada, mas tirou a foto assim mesmo.

Os raios das quatro ou cinco ou quase seis não eram intensos e um traiçoeiro vento moleque brindava minha esperança com uma agradável e delicada brisa bem temperada. Sentei e fiquei imóvel, apreciando o abandono da tarde. Autorizei o choro rolar e as dores da minha angústia fluírem para bem longe. Perdi a noção da realidade. Embarquei num transe assustador, enquanto acompanhava visualmente um barquinho estacionado no lado esquerdo daquele mar infinito, acariciado ao sabor das espumas chantili.

* * *

Mais uma noite surgiu e com ela a amargura da solidão imposta por mim-EU-mesmo. Reparei que algumas pessoas se divertiam num quiosque próximo. O ruído de um axé horrível emanava de algum carro tunado com peças certamente roubadas.

Eu estava jogado num banco de madeira ao lado de um parquinho infantil. Ele flutuou devagarzinho e se posicionou ao meu lado direito como por magia. Levantei os olhos seguindo a trilha de um corpo magricela e muito branco. Meu olhar estancou diante de dois olhos claros e brilhantes além do impossível.

Era um anjo.

Eu não encontrava coragem para ser social.

Rafael se apresentou e pediu educadamente para sentar-se junto a mim. Sua voz de garoto me seduziu e seu semblante pacato confortou-me de imediato. Sua mão, repleta de uma quentura calmante, tocou meu joelho direito. Senti que podia confiar naquele cara.

“Por favor, pare de chorar”, ele implorou, quase num suplicio ilimitado.

O efeito foi contrário, pois descambei a “histericar” mais ainda, feito uma criança contrariada. Eu não conseguia me controlar, mesmo com Rafael me acolhendo o corpo num abraço de irmão.

“Eu conheço a tua história”, ele disse quase num sussurro.

“Eu quero ficar contigo, não me importa as consequências.”

Dei um pulo para trás, desvencilhando meu orgulho daqueles braços

finos, porém fortes, onde pelos loiros muito afiados brilhavam sob a luz incandescente da vasta iluminação pública. Rafael investigou todos os lados, para se certificar que não éramos vistos por ninguém. Voltou a me abraçar com suave autoridade e dessa vez permaneci aconchegado no seu carinho beatificado.

“De onde você me conhece?”, perguntei-lhe, confuso.

“Eu estava acompanhando teus relatos. Descobri teu *blog* há poucos dias, quando cheguei à ilha. Segui teus passos. Guardei imagens, montei teu corpo, memorizei teu olhar. E te achei!”

Eu estava abatido demais para questionar a veracidade de tudo. Cheguei a pensar que meu pai havia descoberto meu diário virtual e que havia mandado alguém me seguir, me matar, acabar comigo para que eu não pudesse desonrá-lo, nem manchar a reputação da sua família-doriana.

Céus, quanta alucinação, quanto delírio!

Respirei fundo. Sem vontades para nenhuma reação, afundei minha cabeça confusa no peito sólido do meu jovem protetor. As horas galoparam. Perdi novamente a noção de tempo. Meu deus! Quantas vezes já escrevi a palavra “Tempo”?

“Vamos dar uma volta”, sugeriu meu anjo alemão, sussurrando lavanda em meu ouvido direito.

Luminosos, caminhamos enamorados pela noite fechada. De um lado, o vazio da Avenida Beira-mar. Do outro, o marulho das sete ondas relaxavam meus sentidos. Peregrinamos de mãos dadas, num silêncio que só foi quebrado quando Rafael relatou um pouco sobre sua vida.

Ele era de Blumenau. Veio fechar um negócio (compra de um terreno no Balneário Mar Azul) e providenciar a construção de uma casa para seus pais, que se encantaram com a ilha no verão passado. Dias antes de embarcar, ele havia recebido um *e-mail* de um amigo que descobriu meu endereço virtual e lhe passara o *link*. Boquiaberto com meus relatos, acreditando que possuíamos todas as afinidades em sintonia, alucinado para me conquistar a qualquer preço, percebendo que eu ainda estava na ilha assim que ele chegou, tratou de pesquisar as dicas gritadas no meu *blog*, seguir meus passos, juntar as partes do meu corpo nas fotomontagens que eu publicava e deduzir onde poderia me encontrar em definitivo.

Acertou em cheio – Boqueirão na cabeça! –, como se fosse preciso ser um Sherlock para conseguir esbarrar nas minhas fuças aqui no pedaço de paraíso, não é mesmo?

Quando chegamos próximos ao prédio da Prefeitura, mais uma vez meu coração gelou e meu rabo se contraiu contra minha vontade, devido ao emaranhado de recordações ainda cortantes vividas naquele lugar impreciso.

Decidido, Rafael parecia não se importar, pois ficamos exatamente onde antes eu havia transado com Madonna. Sentamos na areia cristalizada, e mais um abraço maciço do meu amo tomou posse da minha alma ferida.

“Eu só quero o teu beijo, Jäger. Só quero o teu...”

Ele não completou a frase.

Busquei seus lábios em desespero e trocamos um beijo padrão Globo de qualidade. Há eras que eu não sentia o verdadeiro carinho sem interesse abusivo ou conveniência errante de outro homem. O amor irradiado por aquele menino da terra das flores era diferente do que eu curti com Casado. Rafael me protegia, me beijava e me desejava com uma serenidade angelical. Ele sussurrava frases em alemão, as quais eu respondia carinhosamente na língua dos meus pais, tropeçando no sotaque, o que garantiu risos descontraídos do meu arcanjo sem asas.

“Eu preciso te pedir uma coisa”, disse Rafael, entre beijos e carícias de fotonovela.

“Peça”, eu suspirei, amanteigado. “Peça o que você quiser.”

“Preciso sentir o teu gosto. Quero beijar o teu sexo até você terminar na minha boca.”

Quando tentei reagir negativamente ao pedido, Rafael me deitou na areia e baixou minha bermuda, lambendo com sofreguidão meu sexo sem vida, contrariado, tímido.

Os movimentos sincronizados da sua língua descontrolada e da sua mão direita alterada deixaram meu mastro perfeito nas alturas. Uma boca acanhada engolia e mordiscava a cabeça do meu caralho em brasas.

Com atitudes carinhosas, mas temerosas, Rafael prendeu meus braços coléricos entre seus dedos pianíssimos. Como a realizar flexões olímpicas, sua cabeça descia e subia e descia e subia, enquanto os músculos dos seus braços se destacavam de um jeito extraordinário, tornando ainda mais belo e

maldito apreciar o bailar daquela escultura boreal. Seus lábios ingênuos pintavam meu sexo, deixando-o úmido, lubrificado, confiante. Eu não aguentava mais. Eu gritei até queimar minhas cordas vocais. Eu ejaculei três piscinas olímpicas na garganta do meu anjo decaído.

Exausto e com a respiração segmentada quase a me sufocar, buscando e roubando o ar do Vento Sul que nos acariciava, eu tocava com o finito das minhas energias a cabeleira germânica do meu último ser amado. Ele permaneceu beijando meu sexo até que o mesmo perdesse a dignidade de se manter ereto.

Rafael então subiu sobre mim e buscou minha boca atormentada por calafrios.

“Estamos quites”, ele disse, as palavras expostas entre beijos e um sorriso lindo.

Confuso, não consegui responder, talvez por não aceitar nas entrelinhas o que ele realmente queria dizer com aquilo. Trocamos mais um longo e demorado debate entre espadas superiores. Senti meu gosto misturado com o aroma de nicotina e – meu Deus! – sangue!

Depois do último beijo, deitamos lado a lado na graminea fluorescente e ficamos contando as estrelas ascendentes. Eu me sentia derrotado e glorificado demais até para chorar. Respeitosos, permanecemos em silêncio contemplando a imensidão do firmamento. Procurávamos a morada de Deus.

Rafael levantou-se depois de sei lá eu quanto tempo. Acendeu um cigarro e o degustou até o fim.

“Parece um sonho. Estou feliz por ter te encontrado!”, ele afirmou... teatral em demasia.

“Agora... de certa forma... eu também cumpri minha meta”, completou. Eu não entendi nada!

Rafael baixou a cabeça e me deu mais um beijo de língua.

Ato profundo, enigmático.

“Preciso ir”, ele disse, aprumando-se em seguida.

“Não pense que tudo acabou entre nós”, continuou, já em pé e pronto para partir.

Levantei meu corpo sem ossos e foi um custo permanecer sentado na areia. Vi luzes cansadas iluminando o prédio da Prefeitura. Ele me puxou para junto de si, ofertando-me um beijo e-o-vento-levou.

“Não pense que chegamos ao fim, Jäger. Isso é só o começo.”

Fui presenteado com o trigésimo terceiro beijo. E depois do último abra-

ço (que eu queria acreditar que não seria o último), Rafael seguiu para a estrada de asfalto, deixando-me ali isolado na quase escuridão.

Permaneci perdido e inerte, somente recordando suas atitudes e palavras. Submisso, baixei a cabeça, pois não suporto despedidas.

Sangue, suor e lágrimas. Esse era o mantra a perfurar minha sensibilidade. *Estamos quites*, ele disse. Então estamos quites, meditei.

Sem entender nada de coisa alguma.

Depressivo. Terra bosteada. O dono da ilha...

22.08.2005.18.11 – Dia 29

Não preguei o olho (do cu, inclusive) a noite passada.

Por mais que eu tentasse descansar, as imagens do meu anjo florido e suas frases enigmáticas permaneceram fixas em minha mente atribulada.

Fiquei jogado no tapete da sala, impregnando meus pulmões com o cheiro de desinfetante de pinho usado naquela mega-ultra-power-limpeza. Eu açoi-tava minhas faces, destilando ódio por ter sido tão cabeçudo, ao ponto de não ter pedido sequer o número de telefone do piátésudo!

Poucas horas antes de embarcar de volta para São Paulo, liguei para Sardento a fim de devolver as chaves da Casa Mofada... agora limpa, habitável, sem traços da minha insanidade coletiva.

Era meio-dia quando ele apareceu. Como um cão farejador, vasculhou cada canto da sua residência de aluguel, antes de notar a minha sólida presença. Satisfeito com a ordem, ele recebeu o molho de chaves das minhas mãos sonolentas. Sardento entregou-me um cartão com seu novo número de telefone, convidando-me a passar o final de ano na casa por um preço bem camarada, pois – segundo ele – em dezembro a ilha pegava fogo com a vinda dos turistas e também haveria mulheres vadias a *dar cum pau!*

“Aqui é a ilha da boa trepada, meu irmão!”, um abraço traiçoeiro foi trocado entre nós.

* * *

Passei no Cajara para tomar uma Coca.

Hora e meia antes do meu ônibus chegar, dei mais uma volta pelo Boqueirão, mandei um adeus para os espíritos das águas claras e voltei para o *mini shopping*, ponto final da minha partida.

Quando eu terminava de falar com meu irmão pelo celular, pedindo para ele avisar meus pais que eu estaria em casa ainda nesta semana, reparei que era observado por um homem dentro de uma Ranger tinindo de nova. Ele baixou os óculos escuros para dar a entender que realmente estava me caçando.

Ao guardar meu celular na lateral da minha mochila, notei que o ser desligou o carro, abriu a porta de um jeito meio “sou po-de-ro-sa!” e jogou os dispendiosos cabelos artificiais para trás.

O brutamonte caminhou até uma das lojinhas que havia no local. Não demorou mais do que cinco minutos lá dentro. Ao sair, passou por mim, dizendo que me esperaria mais adiante, perto da pracinha. Curioso e ressabiado, segui apressado para o ponto do encontro. Meu admirador estava estacionado no local combinado. Entrei na picape. Trocamos um breve cumprimento carregado de desfocados sorrisos amarelos. Notei alguns papelotes do famoso pó branco, jogados displicentes por sobre o console. Era uma provocação.

Estremeci por causa das confirmações: Mulher-macho, Voz Potente...

O sujeito sorria sem parar e às vezes ria muito alto, pouco harmonioso, como se estivesse desesperado para chamar a atenção do seu mundo ao nosso redor.

“Sou o empresário mais rico dessa merda”, ele afirmou, feito um ruminante.

“Um dia vou recuperar o poder sobre toda ilha!”, ele completou, como se eu estivesse interessado nos seus malvados planos futuros.

Empresário falava e sorria e tagarelava e suave e rangia dentes e barrigas. Enquanto rodávamos a dois por hora, ele entremeava raros instantes de silêncio com o aumento do som do rádio, espantando todos os níveis do bom senso e da civilidade.

“Põe pra fora, quero ver o tamanho”, ele exigiu, tocando no meu pau que dormia distante, ignorando toda aquela pantomima.

Baixei um pouco o banco e deixei que ele fizesse o que tinha de ser feito. Entramos numa rua sem saídas. Não havia alma viva em nenhuma direção, a não ser a visão longínqua de algumas aves caçando seu almoço numa praia não catalogada.

“Endurece essa porra... tô com pressa”, esperneou Empresário, o suor escorrendo pelo rosto corado, denunciando os efeitos da droga recém-aspirada.

“Endurece você, caindo de boca nele, seu morfético!”, eu gritei.

Empresário não gostou da minha falta de respeito e ameaçou me dar um soco. Segurei sua mão e com a outra mão livre toquei nos fartos cabelos castanhos, levemente ondulados, forçando sua peruca bem colada a encontrar minha boca desafortada. Um beijo controverso foi trocado. Empresário aprovou minha ousadia.

“Tenho hora para voltar. Preciso pegar minha mulher em Iguape”, ele disse, abrindo o zíper da calça, expondo um pingolim sem glórias, acobertado pela cueca importada.

Sem querer pensar muito, só caí de boca e cumpri minha obrigação. Empresário ria e rebojava a parte baixa, enfiando o cacete diminuto nas laterais da minha garganta pra lá de arrombada. Desconjuntados, eu chupava e ele batia uma pra mim.

De repente, uma voz maravilhosa tomou conta do recinto isento de ar puro. Empresário ficou histérico. Passou a xingar a voz que explodia no rádio, a promover um evento musical num bar da moda em Iguape.

“Eu te odeio, eu te odeio, mas eu te amo, seu filho da puta!”, ele urrava, enquanto forçava ainda mais o pau em “L” nas entranhas do meu vazio nada inocente.

“Eu te amo, seu puto, eu sempre vou amar você, desgraçado... ai, ai, eu vou gozar, engole minha porra, cara... minha porra é toda sua... ai, ai!”

Empresário, fora de si, gozou em abundância um mingau de aveia sem sabor. Mantive tudo na boca e cuspi a água fétida para fora do carro assim que consegui me recompor. Fodão limpou o suor do rosto e do pinto com um pedaço de papel toalha. Continuou a rir gargalhadas tristes. Fiz a última foto na ilha. Empresário permaneceu em outra dimensão e não se importou com minha invasão de celebridade.

* * *

Vinte minutos antes da minha partida, chegamos novamente ao Boqueirão, onde Empresário, mais calmo, centrado e aparentemente normal, me deixou próximo ao posto dos (deliciosos) guarda-vidas.

“Gostei de você, cara. Puta boca gostosa você tem. Ainda vou comer teu cu. A gente vai se cruzar por aí! Tenho certeza que quando você voltar, eu já serei o prefeito dessa merda!”, ele cacarejou em disparadas, enquanto eu fechava a porta do utilitário luxuoso.

Eu não voltarei nunca mais aqui, pensei, sem convencer minha Razão.

Despedi-me com um inosso sorriso baunilha e ainda ganhei de presente um papete com o duvidoso ouro branco.

“É pra você curtir enquanto espera a passagem pela ponte”, ele disse ao

me entregar a droga, referindo-se à eternidade que seria o caminho de volta para São Paulo, já que havia uma bendita ponte em reformas numa cidade próxima, o que faria a viagem ganhar trocentas horas a mais do que o normal.

* * *

Agora são pouco pra lá de seis da tarde. O dia está indo embora e eu estou aqui estacionado, num vai-e-para-e-fica a corroer meus nervos. Aproveitei para concluir o diário de hoje e recordar algumas coisas escritas no passado que parece muito, muito, muito distante.

Preciso dormir, pois acabo de cheirar o meu presente. Aprendi na marra que cocaína me dá um sono da porra e zero de euforia. Estou perdendo TODOS os sentidos. Vejo a Morte, nua, riverdançando do meu lado direito.

Britney, Britney... você é patética, horrível, lastimável!

Até daqui a pouco...

... assim espero.

Vingativo. Jundiaí. Na cama com Barriga...

23.08.2005.19.17 – Dia 30

Cheguei ontem em Jundiaí por volta das dez da noite. Talvez por curtir o pó, dormi o excesso da viagem inteira, tanto num belo trecho da ilha até São Paulo, quanto da capital até Jundiaí.

Tia Corada e tio Barriga assistiam a Globo. Assim que joguei minhas coisas no quarto e tomei um demorado banho fumegante – o qual sofreu comentários maldosos do meu tio, devido ao desperdício de água e de energia elétrica, segundo ele –, me delicieei com uma canja deliciosa, enquanto papeava todo-todo com minha tia pra lá de curiosa.

Hum. Em minha opinião... toda galinha deveria ser abençoada!

Após o saudável e revigorante jantar, desabei na cama, acordando as onze e qualquer coisa de um novo dia.

* * *

Minha tia não estava em casa. Fora visitar uma “irmã de fé” no bairro do Medeiros. Meu tio estava na sala, ligeiramente bêbado, assistindo Piu Piu e Frajola. Sonolento, eu segurava um copo com café morno quando voltei da cozinha e me sentei no sofá de três lugares.

“Eu não gosto de você, e você sabe disso, não é mesmo?”, disparou meu tio, assim, do nada. Os olhos inchados e olhares vermelhos denunciavam seu lindo estado de lucidez.

“Você é viado e eu não gosto de viados”, ele continuou, levantando como uma espada a garrafa de cerveja que segurava na mão bamboleante, apontando-a para mim.

Nem um pouco disposto a filosofar com um troglodita, fui para o meu quarto e voltei com meu celular. Pedi, todo afetado, para que ele desse um sorriso diante da câmera. O bobalhão atendeu meu pedido, claro que debaixo de uma saraivada de insultos à minha santa e imaculada pessoa. Eu arquitetava uma linda maneira de desmoralizá-lo.

“Você diz isso porque seu pau não funciona mais, seu velho idiota”, retruquei sem medir as palavras.

“Prefiro ser um velho impotente a um homem que queima a rosca!”, ele cantarolou aos berros.

“Não vou brigar com o senhor, irmão torto do meu pai cego. Amanhã eu vou embora. Por favor, vamos nos comportar como dois cavalheiros”, eu implorei, babando falsidade, debaixo de um sorriso maléfico.

Abandonei a sala e voltei para o meu quarto. Eu pretendia sair um pouco, dar uma caminhada pelo bairro, mas a trinca corpo-alma-futuro estava moída por causa de um encorpado cansaço a resgatar sua recompensa. Fiquei deitado na cama estreita, lendo as últimas notícias no portal Terra.

Tio Barriga entrou no recinto trajando uma cueca apavorante. A visão das pelancas albinas e do pintinho sem vida que se escondia roxo de vergonha debaixo daquele tecido horrendo fizeram brotar em mim um ataque irritadiço de risos expostos sem piedade. O velho ficou enfurecido, atirando seu corpo balofo sobre a minha indolência. Fechei meu iBook de um jeito destrambelhado, derrubando-o no chão acarpetado.

“Eu vou te foder, seu filho de uma cadela. Eu vou foder o teu cu, seu desgraçado.”

Tio Barriga virou meu corpo e começou a arrancar minha bermuda. Fazendo o impossível para conter a saraivada de risos, relaxei e deixei o velho babão soltar toda a sua, digamos, virilidade. Ele enfiou o indicador gordo no meu cu, ao mesmo tempo em que procurava, em vão, ressuscitar o Barriguinha natimorto.

Depois de várias tentativas frustradas de penetrar o vazio, impus minha renovada força física e fiquei de frente ao monte de banha. Forcei sua cabeça a encontrar a minha e seu bigode tosco roçou de leve meus lábios decididos. Tio Barriga cuspiu em meu rosto, me xingando com trinta palavrões por segundo. Voltei a investir no inevitável, pressionando com toda ferocidade minha boca na sua. Minha língua abriu com selvageria aquela hipócrita resistência. Tio Barriga sucumbiu às minhas carícias e acabou cedendo ao beijo inesquecível de um sobrinho experiente.

Durante o enrosco sulista simulei um falso carinho naquele corpo flácido. Meu tio derrubava todas as barreiras, facilitando e ampliando meu contato físico. Retorci seu corpo e sentei sobre sua barriga enorme, envolta por um tapete ruivo. Voltei a desferir novos beijos e carícias e estímulos concretos.

Desci minha língua pontuda pelo seu queixo duplo, seu pescoço roliço e seus mamilos murchos, até atingir o pinto encruado. Lambi um saco inchado e liso. Tio Barriga quase não conseguia respirar o pouco ar fresco disponível naquele quarto abafado. Chupei e lambi sua carne morta entre as pernas. E mesmo sem vida na parte de baixo, o velho pôde sentir “o” prazer de um perfeito boquete.

Virei o depósito de gordura mais uma vez. Sem dar tempo para a razão se manifestar na mente desfalcada do grande homem, investi furiosamente minha língua na sua intimidade (que eu queria acreditar que era) virgem. O velho protestou, travou as pernas, voltou a me xingar, mas acabou cedendo mais uma vez ao meu encantamento.

Com minha língua-ginsu, destrocei cada prega do preconceito ao acariciar por minutos intermináveis o rabo rosado e seboso daquele homem em fim de todas as carreiras. Tio Barriga metia o rosto no travesseiro macio, gritando e urrando e suspirando sua recém-liberdade.

Seu cu ia laceando a cada investida da minha vasta experiência. Eu alternava as chupadas no orifício rígido e nas volumosas bolas de um saco mumificado. Me senti “o” cara ao perceber que aquele homem chegou aos céus e viu a face rosé dos anjos nefastos.

Algumas gotas de uma porra neandertal pingaram, tímidas e vesgas, do pintuxo em coma. Estávamos ensopados em suor e fúria. Dominado por uma incrível energia vinda do ato de vingança, não dei trégua para o velho desprezível. Pulei sobre meu tio e empalei sua ignorância de uma só vez. O acabado viu o brilho das estrelas e agarrou a guarda da cama com toda a força que ainda lhe restara. Passei a fazer movimentos lentos no seu interior, até que a dor emocional se dissipasse.

Após um breve período, voltei a ampliar meu bom rebolado. Notei pelo rosto corado do macho bêbado que ele estava gostando – e muito! – da nossa brincadeira familiar. Não demorei em depositar um Benares naquele rabo lilás. Aprofundei minha essência envenenada naquele ser indefeso e fugi logo em seguida, indo direto para o chuveiro a fim de limpar o sangue, os feijões e qualquer outro vestígio daquele velho ignorante tão impregnado na minha doce decadência.

* * *

Quando voltei, Tio Barriga não estava mais no meu quarto. Envolto na toalha de banho e ainda com as pernas e os pés ensopados, saí pela casa à procura do Senhor Encrenca. A sala estava impecável, como sempre. A cozinha também. Nenhum traço de bebida perambulava por ai.

Tio Barriga estava na garagem, mexendo no motor do seu segundo carro, um Corcel II amarelo-omelete. Ao me aproximar, ele olhou para mim com ar severo.

“Vá colocar uma roupa e suma daqui!”, ele reagiu.

Eu preparava a meia-volta, quando ele me chamou novamente, destilando uma suavidade suspeita:

“Eu ainda não gosto de você, rapaz. Eu ainda odeio todos os viados. E espero que o que aconteceu no quarto fique só entre nós dois, está certo?”

Sim, titio, pode deixar. Ninguém vai saber o que aconteceu entre nós (a não ser os dois milhões de punhenautas que acessarão meu *blog* hoje, amanhã, para sempre, titio lindo). Eu tentava disfarçar o riso diabólico que queria explodir na circunferência do meu rosto quadrado.

“Mas, meu tio, eu tenho uma pergunta: o senhor gostou de transar com seu sobrinho favorito?”, a ironia gritava, estampada nos quatro pontos cardeais do meu impagável sorriso infantil.

Tio Barriga coçou a cabeça com a mão cheia de óleo.

“Eu nunca tinha feito isso. Foi pecado o que fizemos. Mas... foi... bom... eu confesso.”

“Você é um tremendo filho da puta!”, meditei num tom audível.

Devolvi um sorriso apático como definitiva resposta. Dei de ombros e voltei para o meu quarto.

No caminho, passei na lavanderia e vi jogado num cesto a samba-canção suja de merda e manchada de sangue. Definitivamente... o velho já não era mais virgem do cu. Fiquei com pena da minha tia se deparar com aquele pedaço de prova conclusiva. Após se recuperar do álcool, o patético velhote não saberia explicar à esposa o motivo daquela porcalhada.

Tia Corada não merecia o marido que tinha. Apanhei o cetim impuro. Coloquei o pecado numa sacolinha do Russi e deposei a prova do crime no

lixo, jogando algumas folhas de um jornal centenário por cima da hipocrisia, embebidas em graxa e óleo.

* * *

No último jantar, meu tio estava um doce comigo, se prontificando a me levar amanhã até a Rodoviária. Tia Corada ficou feliz com o carinho do marido para com seu sobrinho tão amado. Eu chutava a perna gorda dele por debaixo da mesa. E na superfície daquela falsidade digna de um comercial-quality, tudo correu muito bem, obrigado.

Embasbacado. Curitiba. Bônus...

24.05.2005.23.46 – Dia 31

Em mais um ataque abilolado da minha tia, acordamos antes dos galos. Tia Corada discutia com meu tio sobre a possibilidade de me levar até São Paulo, assim eu não precisaria partir de Jundiaí para voltar ao meu lar.

“Lá ele vai encontrar mais horários! Mais opções!”, ela trinava.

Na verdade, pressenti que ela queria aproveitar o “despacho” e fazer algumas comprinhas nas vinte e cinco de março da vida.

Minhas coisas já estavam organizadas antes do almoço, quando minha tia convenceu Tio Barriga a nos levar para a Capital.

* * *

A rápida viagem transcorreu sem maiores percalços.

Minha tia pregava recomendações ao sobrinho tão querido. Morria de saudades dos parentes-curitibobos. Após quarenta minutos de ladainha familiar, meu tio abriu a boca, desejando surpreendentemente um “bom regresso” para mim.

Quando chegamos ao Terminal Rodoviário do Tietê, não permiti que meus tios me vissem partir. Despedimos-nos nas imediações e mais uma vez fiquei surpreso ao ganhar um abraço forte e caloroso do meu tio, exigindo que eu voltasse com meu irmão e meus pais na época das festas de final de ano. Beijos e abraços trocados, lá se foi o casal para as compras das quinqui-lharias da minha tia alôkada.

Adquiri minha passagem e logo em seguida resolvi sapear um pouco pelas lojas do Terminal até a hora do embarque. Comprei revistas, livros e CD-ROMs numa livraria sem graça, além de pacotes de bala, doces variados e salgadinhos gosmentos numa doceria muito meiga.

O começo do retorno foi sem nenhuma novidade digna de notas. Quando chegamos em Registro para a necessária primeira parada, senti uma vontade imensa de rever meu amante-executivo.

De pensar que daquele ponto exato pouco mais de hora e meia me sepa-

ravam da encantada Ilha Comprida e de todas as loucuras que lá cometi. Entre suspiros e saudades, um misto de angústia e alegria disputava espaço com o sufocante formigamento em meu peito.

* * *

O ônibus estava praticamente vazio. Eu repousava lá na “cozinha”, esticando minha vulgaridade entre duas poltronas, quando ele abandonou seus aposentos à frente e sentou decidido na fileira de bancos ao meu lado.

Farejando detalhes, confirmei que os óculos fundo-de-todas-as-garrafas-verdes não ornavam com seu triangular rosto estilo indiano.

Permaneci na minha posição horizontal observando meu novo companheiro de viagem. Ele trajava uma roupa social que lembrava um desconjuntado obreiro de um salãozinho neopentecostal de periferia. Só faltou o detalhe de uma bíblia de capa preta e bordas douradas para o sujeito se tornar uma figura adornada em hipocrisia, sonhando com o dinheiro fácil depositado pelos irmãos que adoram pagar para sofrer.

Quando deixamos Registro, procurei dormir um pouco ao som de Kate Bush. Mas a luz do lado oposto passou a me incomodar. E qual foi a minha sincera surpresa ao me deparar com a visão de uma assustadora cobra sendo manipulada pelo meu amigo com cara-e-fuça de encantador de serpentes!

Ele alisava o caralhão para cima e para baixo, ostentando sua potência de macho para o meu deleite. Apalermado, entrei no jogo, fazendo caras e bocas de fingido desejo, enquanto tocava meu pau saltador que implorava por deixar o adorável agasalho da Adidas.

Indiano cuspiu sobre o cacete impressionante, lubrificando sua punhetaria. A viga brilhava sob a luz amarela de rara leitura. Saí da minha posição horizontal e me aprumei na janelinha, fechando a cortina logo em seguida. De quatro, abaixei meu agasalho, deixando minha bunda branca à mostra por alguns segundos. Fiquei de lado, numa posição fetal, aguardando alguma manifestação do nanico muito bem dotado ali, do outro lado.

Percebi a luz sendo apagada. Senti um membro galvanizado encostando no meu corpo arfante, estourando de expectativas nada ocultas.

Para manter a tradição, Indiano começou a morder minhas costas por

cima da camiseta. Afastou o fino tecido e cravou os dentes um pouco abaixo do meu ombro esquerdo. Compacto Eufórico cuspiu no pau e em seguida na mão, a fim de lubrificar meu rabo convidativo. Com a boca próxima ao meu ouvido direito, perguntou se eu iria aguentar sua viga quilométrica.

“Tente a sorte”, respondi num timbre desafiador e arrogante.

E prontamente Indiano começou a me penetrar com maestria.

Meu cu havia experimentado toda a miríade de cacetes possíveis, imagináveis, realistas. Mas a pica de Indiano era única e não se comparava nem mesmo com o mastro de ébano de Fodacar. Aquilo não somente era deveras desproporcional, mas a maneira como ele fazia sexo proporcionava-me um prazer original, uma sensação de júbilo jamais sentida.

Com calma quase monástica, ele entrava e saía num ritmo sidarta. A única dor física que eu sentia era quando Indiano mordida minhas costas, sempre no mesmo lugar.

Aquela penetração durou muito, muito, muito tempo. E a cada curva que o ônibus fazia, o cacete de Indiano parecia literalmente querer sair pela minha boca. Ele intensificou as mordidas quando se preparava para gozar. Senti não um jorro comum, mas uma verdadeira enxurrada de líquidos e sensações a invadir minhas entranhas e alumiar meu espírito cafajeste.

Notei que a sequência de mordidas nas minhas costas havia provocado um belo ferimento, pois quando abandonei a posição em que estava e me virei para encarar Indiano e suplicar um beijo, sua boca trincada estava manchada com meu sangue envenenado.

No final do ofício, onde meu boquete pós-coito deixou a Naja alheia tinindo de novas alegrias, ele levantou, sacudiu o báculo sagrado e voltou para sua poltrona. Num ritual estranho, entre murmúrios incompreensíveis, Indiano enxugou a boca e o pau com um lenço, guardando o mastro cuidadosamente dentro da cueca samba-canção, daquelas que se encontram aos quilos em promoção numa C&A da vida. Eu ria em silêncio, pois lá na outra ponta, meia dúzia de gatos pingados ignoravam solenemente as diabruras ocorridas na cozinha. Não trocamos palavra alguma. Apenas passamos a meditar sobre o curta-metragem dos nossos atos.

* * *

Ao desembarcarmos em Curitiba, deixamos o interior do ônibus como dois completos desconhecidos. De malas e cuias nas mãos, eu caminhava até o ponto de táxi quando Indiano me interceptou.

“Acabou tudo, não é mesmo?”, ele perguntou-me, eufórico.

Eu não havia entendido as entrelinhas.

Ele completou a sentença:

“Hoje é o último dia, correto? Eu fui o último, não é verdade? Diga que eu fui o último!”

Minha cabeça permanecia bloqueada, quando Indiano sacou algumas folhas amarrotadas da sua agenda. Fiquei boquiaberto ao me deparar com cópias impressas das minhas aventuras. Vi o detalhe do meu rosto estampado no alto das páginas e parte do meu diário virtual agora impresso com dezenas de anotações a lápis em trechos específicos dos meus relatos e fotografias.

“Por favor, Jägger, eu preciso saber se acabou e se fui o último”, insistiu Indiano, em lágrimas torrenciais.

“Você não imagina a logística que eu travei entre terminais, na esperança de te encontrar e ser o último a te foder a carne”, ele completou, chorando copiosamente.

Travado, eu não sabia para onde correr, nem como fugir!

Coincidência? Matemática? Bruxaria?

Ainda entorpecido, inspirei fundo para ganhar tempo e proferi a resposta que ele tanto queria ouvir:

“Sim, cara, acabou. Você foi o último macho a possuir meu corpo numa louca aventura. Parabéns!”

Eis o resumo da minha Ópera-bufa...

25.08.2005.21.21 – Boa Noite!

Somos livres para realizarmos o que quisermos no transcorrer das nossas existências. Mantemos o direito universal de buscarmos a nossa felicidade à nossa maneira. Podemos usar corpo, mente e espírito com total livre arbítrio nas escolhas e nas ações. Porém, para todos os atos há um preço a ser pago.

Não podemos fugir da eterna lei de Causa e Efeito – ela é real, acredite! –, afinal, tudo o que plantamos um dia será colhido com absolutíssima certeza. A Verdade não é um clichê. É uma realidade imutável.

* * *

Durante trinta dias realizei todas as minhas fantasias eróticas. Saí com todos os homens que tive vontade. Fiz tudo o que minha libido exigiu no calor do momento. Sem qualquer pudor ou preconceito hipócrita, eu dei, chupei, comi, beijei, amei, fui amado, usei, fui usado, fodi e fui fodido por mais de sessenta homens... e um cão!

O que aprendi no final das minhas contas?

Aprendi que o sexo sem amor ou respeito resulta num vazio insuportável.

Se você não tem estrutura para encarar o sexo – seja ele homo ou hétero ou alienígena – de uma forma desencanada, não vá adiante, pois a frustração posterior vai cobrar um valor pra lá de elevado. Conheça você (sexualmente) primeiro para depois reconhecer um parceiro à sua altura.

Aprendi que transar é muito bom, mas é melhor ainda quando é compartilhado com alguém que você realmente gosta ou ama ou, no mínimo, respeita.

E vice-versa-avesso!

Criar e praticar suas fantasias com um amigo colorido ou com seu companheiro fixo é e sempre será a melhor forma de se obter o máximo do real Prazer. Saiba que o segredo do sucesso no sexo e no amor é um só: OUSAR! Ouse, faça acontecer. Use sua vasta criatividade!

Na intimidade, esqueça essas delongas de rótulos e roteiros pré-definidos. Sem essa de “ativo” e “passivo”. Deixe rolar. Viva o Bom Foder!

Sei lá! Faça seu homem chupar seu pau se ele nunca o fez. Chupe o rabo dele com muito carinho e o deixe urrando de prazer, já que nenhum macho resiste a um bom cunete. Respeite os limites do seu companheiro, usando do diálogo aberto e sem rodeios para expor tudo o que você tem vontade de fazer e sentir; proporcionando chances para que ele também possa expor suas fantasias e desejos mais íntimos. E se você é adepto do sexo grupal, basta tomar cuidado com os parceiros escolhidos e usar sempre – sempre mesmo! – a santa camisinha.

Com relação às drogas, pra mim não valeu a pena. Sexo bem realizado já nos proporciona o maior “barato”. Tá certo, eu encho a cara pra caralho. Pode me chamar de hipócrita! Confesso que fiz sexo sem preservativos de maneira consciente e inconsequente. Era necessário eu constatar até onde ia a falta de atenção e de cuidados de todos os caras que treparam comigo. Eu mantive plena consciência dos riscos que estava correndo.

Se eu fui um irresponsável? Claro que fui. Da mesma maneira que todos também agiram como se não houvesse o dia seguinte.

Se daqui a pouco posso confirmar meu casamento com a Maldita, o que eu posso fazer?

Eu paguei o preço da minha ousadia justamente para que você não precise passar por isso daqui em diante.

Sou um mártir idiota de uma causa ridícula.

Por hora, quero esquecer o sexo sem compromisso e afinidades. Não sinto a mínima vontade ou necessidade de voltar a fazer o que fiz. Atingi a cota.

Será que cheguei ao topo do meu próprio limite?

Fique tranquilo. Se você quiser, me dê um toque e um dia eu voltarei para relatar as consequências dos meus atos. Não me importo de dar a cara aos Tapados!

Agora preciso dormir um pouco. O sono dos injustos. Depois, tomar um terceiro banho, retocar a maquiagem, cair na noite, beber com os amigos, abafar o passado.

Fecho os olhos. O filme se repete *ad infinitum*. Na boca, ainda guardo a memória de um único beijo absinto. No coração, permanece a lembrança de uma única presença marcante.

O cheiro. Ah, aquele cheiro!

E agora, na minha mente, corre certo conflito de sensações que talvez eu não possa compreender no dia de hoje. Na verdade, eu acho que não quero encarar a nova faceta da velha realidade.

Você pode não acreditar, mas aconteceu. Foram muitos, eu sei. Mas ELE conseguiu tocar bem lá no fundo. Eu choro. Eu sinto muito a falta dele. Não quero abrir meus olhos.

Volto ao universo das punhetas solitárias. Transo com todos ao mesmo tempo aqui e agora. Mas aquele olhar tem o poder de embotar minha mente. Ainda guardo o cheiro daquele corpo nas laterais da minha memória. Acho que estou ficando louco. Ele e sua imagem sorridente sibilam no meu MSN. Encontros marcados? Blumenau invade Curitiba? Ele já tem a resposta. Eu não. Uma nova história precisa ser contada. No tempo certo. Do jeito certo.

Minha maior loucura? O Amor pregou-me uma baita peça! Ele me encontrou. Pela segunda vez. Ele quer construir algo. Eu reluto em tentar. Ele não se incomoda com minhas demências. Eu nem faço questão de fuçar no seu passado. Devo te confessar que eu estou apaixonado... por você.

Sim, Rafael. É VOCÊ mesmo.

Sorrindo ai atrás da tela luminosa do seu Dell.

FIM

Curiosidades...

“30 dias” foi sinceramente escrito em tempo real, exatamente nas datas apresentadas na trama. O mesmo se deve aos locais – todos reais! – e demais locações.

Na época (2005), ainda inexperiente na arte de escrever e enfrentando mudanças radicais na minha vida pessoal, confesso que foi um enorme desafio imposto a mim-eu-mesmo para realizar esse projeto solitário.

Foi um “parto” viver cada dia, criar cada situação, estar presente em cada local praticando longas observações para angariar ideias, observar pessoas, ser criativo, ligar os fatos, filtrar a realidade e converter tudo numa ficção que poderia se tornar interessante; voltar pra casa, por os dedões pra digitar, chorar, rir, me excitar, sofrer ao incorporar o Jäger... e ainda por cima postar tudo, em formato de blog e em tempo real (os horários descritos são verdadeiros; era justamente a hora em que eu postava o capítulo do dia), para que os parques leitores da época acreditassem piamente que os acontecimentos não eram fictícios e que o tal do Jäger, na verdade, era euzinho, me acabando de trepar com todos os machos do mundo!

Sim, eu fui um belo filho da puta no meu marquetinguitosco – ha, ha, ha!

Até hoje recebo cantadas de mentes e picas e bundas confusas... que querem acreditar que o que descrevi foi verdadeiro.

Mas... enfim... acredito que, no final, tudo valeu muito a pena.

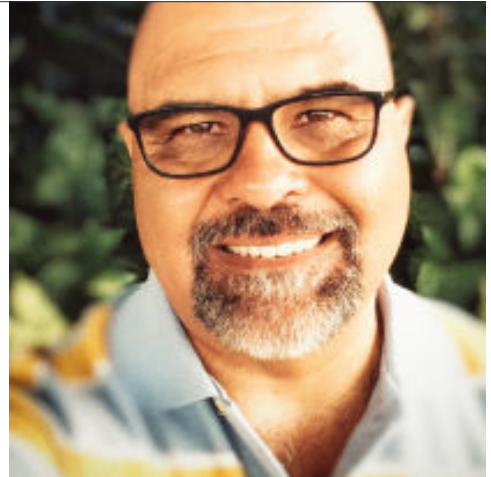
Cultivo extremo orgulho em ter realizado essa empreitada e sinto que “30 dias” é um dos meus melhores, mais excitantes e perturbadores trabalhos.

Foi o romance que abriu as portas para que eu me tornasse um escritor conhecido e respeitado e admirado e odiado... tudo ao mesmo tempo!

O.K! Paro por aqui. Pode continuar tua centésima punheta.

Daqui a pouco tem mais, já que o “Rafael” não vai me dar sossego até ter sua vida deflorada por mim-eu-mesmo :)

Moa Sipriano



Sobre o Autor

Moa Sipriano é natural de Jundiaí, interior de SP. Escreve e publica contos, crônicas e romances desde 2004. No Brasil, foi pioneiro na criação e divulgação de livros digitais contendo exclusivamente literatura homopopular. Sua arte retrata com crua fidelidade e lirismo o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade da Diversidade. O autor pincela suas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando ao leitor um momento termântico, surpreendentes descobertas, além de uma profunda reflexão.

* * *

Para conhecer todas as obras: **moasipriano.com**

E-mail: **escritor@moasipriano.com**

Facebook: **facebook.com/moasipriano**

Instagram: **instagram.com/moasipriano**
